



A. ZEFERINO CANDIDO

DA UNIVERSIDADE E INSTITUTO DE COIMBRA



PORTUGAL

TERCEIRO VOLUME



RIO DE JANEIRO

Typ. da Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil, em Sapopemba.

029
que
L13

TERCEIRA PARTE

CLASSIFICAÇÃO

EXECUÇÃO

VASCO DA GAMA—DESCOBERTA.
DUARTE PACHECO—FORÇA.
D. FRANCISCO DE ALMEIDA—CONQUISTA.
AFFONSO DE ALBUQUERQUE—SYNTHESE REAL
E FINAL.

Biblioteca Central - UFSC

Nº 109.567

Data 13.06.88







CAPITULO XX

Viagem à India; Vasco da Gama; — Santa Helena; episódios; — Mogambique; primeiras lutas; — Mombasa; Melinde; — A paz, depois da guerra; — Efeito da artilharia; conclusões a tirar. — Notícias do Preste; um bom amigo e um bom piloto. — Travesia do grande golfo. — Synthèse dos aguentes dessa grande conquista.



EXPEDIÇÃO destinada a ir à India, a Calicut, com especial embaixada para o seu rei, o mais poderoso da costa do Malabar, pronta, de tudo aprestada, ia sahir, quando D. João II foi atacado de mortal doença. D. Manuel, passado o tempo indispensável que a morte de seu cunhado e a posse do reino naturalmente gastaram, fez-a seguir ao seu destino.

Vasco da Gama, o seu commandante em chefe, era o escolhido por João II, como capitão do mar de sua grande confiança, tinha-o experimentado.

Uns navios franceses aprisionaram uma caravela que vinha do resgate da Guiné carregada de ouro; isto em boa paz com a França. D. João pôz a questão em conselho — que se mandassem embaixadores a Carlos VIII, que elle daria todas as explicações, disseram os conselheiros.

D. João respondeu — que a embaixada podia ir, mas depois, quando o que ella fosse pedir conviesse mais à França do que a Portugal. Chamou Vasco da Gama e deu-lhe ordem que sahisse ao mar e prendesse quanto navio franceses estivesse em águas nacionaes.

Em Lisboa estavam dez naos de França, bem carregadas. Foram trazidas para perto de terra, descarregaram-se na alfandega, tiraram-se-lhes as vergas e governo, mandaram-se os franceses que as tripulavam a pé para a sua terra e homens de confiança para dentro das naos. Vasco da Gama seguiu para Setubal, Porto e Aveiro, fazer o mesmo.

Os donos, chegando a França, pediram ao seu rei que lhes accudisse. Este obteve a total restituição, mas depois que os seus corsarios entregaram a caravela de Mina, com tudo, mas absolutamente tudo, que trazia.

E' celebre que, trazendo a D. João II o inventario e verificando este a falta d'un papagaio, mandou voltar o emissario a reclamal-o, sob pena de nada entregar!



Os navios destinados à India tinham sido construidos nos estaleiros montados junto de Alhos Vedros,

nun um lugar chamado Telha; eram trez e uma nau. Chamava-se o primeiro, o capitanea — S. Gabriel, comandava-o Vasco do Gama, tendo por piloto Pero de Alemquer e por escrivão Diogo Dias, irmão do descobridor do cabo. O segundo, chamava-se — S. Raphael; era commandado por Paulo da Gama, irmão do capitão-mor; tinha por piloto João de Coimbra e por escrivão João de Sá. O terceiro chamava-se — Berrio; fora comprado e já trazia este nome. Commandava-o Nicolau Coelho; levava por piloto Pero Escobar e por escrivão Alvaro de Braga.

A não levava mantimentos de reserva; destinava-se a suprir os navios no meio da viagem e ser queimada logo que ficasse vazia; commandava-a um Gonçalo Nunes, creado de Vasco da Gama.

Bartholomeu Dias, que D. João II havia commissionado da construção dos barcos e organização do material de toda a expedição, devia, segundo as instruções, acompanhar Vasco da Gama até onde julgasse conveniente e seguir no seu navio á Guiné e ao commercio.

Estes navios iam municiados e artilhados por um processo especial e todo portuguez. D. João II, em repetidos exames e experiencias, chegou em Setubal, a descobrir a adaptação de grandes canhões a pequenos vasos, dando tiros baixos, ao lume d'água.

Se dermos credito a Garcia de Rezende, data d'aqui o emprego da artilharia grossa no mar. Effectivamente os mouros não a empregavam, nem era conhecida no oriente, quando lá chegou Vasco da Gama.

Esta invenção, enquanto não foi conhecida dos inimigos, deu ás armas portuguezas uma inegavel superioridade. As pequenas caravelas eram temidas a tal ponto, que as grandes naus dos mouros não se atre-

viam a aproximar-se-lhes, ao passo que aquelles, com a sua carreira veloz e os seus tiros fortes e baixos, eram terríveis nos seus estragos; é um facto que se verifica em todos os combates marítimos dessa época.

Entre commandantes, homens de armas e de serviço, Vasco da Gama levava consigo cento e setenta pessoas.

* * *

Ancoraram os navios no Restello, que era já desde D. Henrique, o ponto de partida e de chegada dessas arrojadas e sucessivas viagens. Em terra edificara o infante-navegador uma pequenina ermida, com a invocação de Nossa Senhora de Belém, a protectora dos que vão e n'ella depositam a maior esperança da volta. Dera a guarda e o ministerio aos frades de Christo, da sua ordem. Alli faziam os marinheiros a sua oração; recebiam dos sacerdotes a absolvição plenária, que tinha sido concedida pelo papa.

No dia 7 de Julho de 1497, Vasco da Gama e os seus companheiros dirigem-se a Belém e passam a noite velando em piedosa oração. No dia 8, entre uma grande multidão que fôra de Lisboa, sae da capella uma grande procissão, precedida pelos monges, de cruz alçada; muitos círios e a toada religiosa da ladainha de todos os santos. Na praia, o maioral dos sacerdotes fez a sua religiosa homilia; deu a absolvição a todos e Vasco da Gama e seus companheiros seguiram para bôrdo nos bateis.

Em poucas horas levantam ferro. Novos mares iam percorrer, novas terras descobrir, mundos novos conquistar.

* * *

Com feliz viagem, ao cao de treze dias, chegaram à ilha de Santiago, do archipelago de Cabo Verde. Ali, de commun accordo, aparta-se Bartholoméu Dias, seguindo para a Guiné e Vasco da Gama para o sul.

Com quatro mezes de viagem estam na Bahia de Santa Helena.

Vasco da Gama resolve parar ali; saltar em terra, fazer aguada e algum refresco; descansar, tomar em terra firme a altura do sol, observação mais segura que a de bordo.

Vasco da Gama navegava pela altura e declinação. Era um processo novo. O astrolabio, instrumento com que se tomava a altura do sol, era uma recente applicação feita em Portugal. Vasco da Gama levava uns poucos desses novos instrumentos, uns de madeira, outros de metal; um, que lhe fora dado por Martim Behaím, tinha tres palmos de diametro, segundo diz João de Barros. Rodriguo e Joseppe, dois medicos judeus de João II e Martim Behaim, de Nuremberg, formavam uma academia de nautica, debaixo das vistas do grande rei. Foi desta academia que saiu o uso do astrolabio na navegação, combinado com a bussola e com as tabuas.

Behaim era discípulo do grande astronomo João de Monte Regio.

Deu-se nesta primeira viagem o celebre episodio, que Camões com tanta graça descreve. Estando Vasco da Gama ocupado nas suas observações, vieram dizer-lhe, os que tinham entrado pela terra, que tinham visto dois negros, atraz d'um outeiro, que andavam debruçados sobre a terra em guisa de quem apanhava alguma coisa do chão. Vasco da Gama disse que vissem se os apanhavam e lh'os traziam.

Voltaram, cercaram os negros e apanharam um, fugindo o outro. Andavam com lições na mão, adorando as abelhas com a fumaça e apanhando-mel.

O negro foi conduzido ao capitão, transido de susto. Vieram os línguas; não entenderam, nem se fizeram entender. Mandou o Gama sentir dois grumeles ao pé do negro, a comer e a fazer-lhe signal de comer com elles; um dos grumeles era negro também.

O preto foi-se animando e começou por seu turno a fazer signaes; apontava para um alto, indicando que atraz d'ele ficava a sua aldeia e a sua tribu. Despediu-o Vasco da Gama com presentes de coisas vistosas, não esquecendo a classica carapuça encarnada e convidando-o por signaes a que fosse e voltasse com os companheiros, que todos seriam prezenteados.

Voltou n'esse mesmo dia, com dez ou doze; muito bem recebidos e despedidos. No dia seguinte vieram quarenta, todos pacíficos e alegres da mesma forma estimados.

Fernão Vellozo, um dos homens de armas de Vasco da Gama, grande gabazola e prosador de valentias, pediu licença ao capitão para ir com elles; ver, informar-se de tudo. Foi isto de manhã.

De tarde, estavam todos por alli, cada um em seu mister de officio ou distracção: uns conversando, outros pescando, estes ajuntando lenha, aquelles nos bateis, alguns a bôrdo cuidando nas coisas da armada, quando avistam o *valentão* Vellozo, correndo a toda, pelo outeiro abaixo, na frente d'uma nuvem de negros que com pedras e frechas o perseguiam de perto. Accodem todos; trava-se rija a peleja, d'onde saiu Vellozo salvo e alguns feridos e frechados, entre elles Vasco da Gama, que achou prudente retirar-se de todo para as nuvens, evitando uma luta ingloria e estupida.

A bôrdo, Veloso contava minuciosamente a aven-tura, o modo como o receberam; e os companheiros, em franca alegria e caçoada, todos lhe dirigiam o seu remoque:

«Olá Veloso amigo, aquelle onteiro
É melhor de descer, que de subir.»

• • •

Aos 20 de Novembro, dobrou Vaseo da Gama o cabo da Boa Esperança, sem tormenta nem estorvo, e no dia de Santa Catharina entrava, selenta leguas adiante, na aguada de S. Braz.

Em terra viram muitos negros, naturaes pacificos e confiados; mulhereſ montadas em bois mochos, sobre albardas de madeira. Traziam rebanhos de carneiros e vaccas.

Trocaram seus presentes e signaes de boa paz.

Pouco adiante, fez a baldeação dos mantimentos da não S. Miguel, queimando-se esta, segundo a ordenança.

Dia de Natal, corriam ao largo d'uma costa a que deram este nome e em dia de Reis entraram um rio que esse appellido guardou. Aqui fizeram farto resgate de marfim e manilhas de cobre.

Martim Affonso foi com os naturaes á sua aldeia, voltando mais satisfeito do que Veloso em Santa Helena. Foi muito bem recebido pelo maioral, que o mandou acompanhar por duzentos homens da sua guarda, vindo depois elle em pessôa ao resgate, com todas as mostras de gente pacifica, acostumada ao trato com gente civilizada.

Deu-se por tudo isto ao logar o nome de —
Aguada da Boa Paz.

D'ali passou o rio que chamou dos — *Bons Signaes*. N'este logar redobraram os signaes de que a gente era mansa e convivia com a civilisacão. Encontraram-se muitos mesmos e todos fallavam o arabe. Estava-se cincuenta leguas além de Sofala, onde Vasco da Gama não chegaria, porque ia muito longe de terra. Informou-se o capitão de que ali passavam brancos, fazendo resgate; estava-se enfim na rota da vida commercial dos mouros.

Vasco da Gama deu aquelle nome ao rio, pelos bons signaes que obtivera aqui da felicidade da sua empreza.

Este logar é Quilimane, onde de facto passavam as naus dos mouros que iam ao resgate do oiro de Sofala, já então um centro muito rico para o commercio oriental.

Estava-se em terra conhecida nos roteiros feitos e obtidos por João II, pela viagem de Pero da Covilhã e Affonso de Paiva.

Vasco da Gama demorou-se ahi um mez, limpando as naus, descansando e fortalecendo-se; collocou o seu primeiro padrão que chamou S. Raphael.

O escorbuto, natural consequencia das carnes e peixes salgados e biscoito avariado que comiam, causou grande destroço n'este logar.

* * *

Em principio de Março, chegou Vasco da Gama a Moçambique, resolvido a entrar o seu canal. Mandou adiante Nicolau Coelho sondando e a frota atraç foi seguindo até junto d'uns ilheus a que chamaram de S. Jorge, do nome do padrão que Vasco da Gama ahi deixou mais tarde.

Avistaram, vindo para elles, uns barcos que os naturaes chamavam zambucos, a remo e com velas de palma. Dentro vinham muitas pessoas bem trajadas, com todas as mostras de gente civilisada.

Vinham alegres, tocando e cantando, como quem de nada se arreiaava e a ver barcos andava acostumada; os principaes vinham vestidos á mourisca, com toucas de pannos brancos na cabeça.

Recrescia naturalmente a alegria nos portuguezes, vendo-se entre gente civilisada, seguramente conhecadora da India, para ir á qual achariam alli guias e completos ensinamentos! O desconhecido, o aventuroso, estava finalmente acabado, e, se algumas, se grandes dificuldades havia ainda que vencer, era ao menos certo e a todos consolava que essas dificuldades podiam ser vencidas com as forças e as astacias de que iam bem apercebidos, mas não seriam mais as crueis incertezas d'uma região desconhecida, contra os terrores e as dificuldades da qual não têm armas os mais audazes e os mais inclinados e dispostos á luta.

Chegados os zambucos ao navio capitanea, levantou-se n'um d'elles um mouro que devia ser o principal e que em bom arabe perguntou em alta voz: —quem eram e o que buscavam? Vasco da Gama mandou-lhe responder pelo lingua Fernão Martins: —que eram portuguezes, vassalos de el-rei de Portugal; que o a que vinham o diriam mais tarde, quando melhor soubessem onde estavam.

Replicou o mouro —que aquella terra se chamava Moçambique, de que era Xeque ou sultão um tal Caçoeja, que tinha por costume mandar certificar-se de quem eram os que aportavam a seus reinos, recebendo-os em terra, se vinham commerciar, e visi-

tando-os e fornecendo-lhes tudo que precisavam, se iam de passagem.

Então Vasco da Gama lhe disse — que ia de passagem para a India, principalmente a Calicut, onde era mandado por el-rei, seu senhor e por isso lhe pedia dissesse ao Xeque que elle e quem o mandava lhe ficariam muito reconhecidos se sobre o roteiro da sua viagem lhe desse todos os possíveis esclarecimentos e para a sua melhor realização lhe mandasse um ou dois pilotos bem entendidos, que elle pagaria segundo o ajustado. Que não trazia nem ordem para commercial nem coisa com que podesse fazer resgate, acompanhando-o apenas algumas coisas precisas para com elles obter o que lhe fosse mister para seu mantiemento e maiores necessidades, e alguns presentes ou lembranças de boa amisade para os reis e altos senhores com quem tivesse a dita de travar relações; que nessa conformidade, lhe pedia o favor de levar da sua parte ao Xeque algumas fructas em conserva, como amostra das que produzia a terra donde era natural.

Respondeu o mouro — que tudo ia dizer ao sultão e que estava certo de que em tudo seria Vasco da Gama satisfeito.

Voltou o mensageiro com recado do Xeque para que se approximassem da sua capital onde muito os desejaria ver e tratar como mereciam, dando-lhes tudo que precisassem.

Vasco da Gama assim o fez, sendo muito bem recebido do sultão e da sua gente e assentando na ilha de S. Jorge o padrão de que já fallámos, mandando fazer um altar ao pé, onde se disse missa e todos se confessaram e communharam, por ser tempo de quaresma.

Abi teve Vasco da Gama informações certas da existencia do celebre Preste João da India, por meio de trez Abexins, que alli lhe apareceram e que de crianças tinham vindo das terras d'aquelle procurado rei christão.

Recebeu tambem dois pilotos mouros, que tratou por trinta meticaes de oiro, moeda do logar (seriam quatorze mil réis fortes) e alguma roupa. Receberam o pago adiantado, e por isso Vasco da Gama foi por elles tão mal servido.

O capitão-mór que já tinha grandes razões para desconfiar da amisade d'aquelle gente, por serem mouros ou barbaros a elles ligados, tomou a cautela de ter sempre consigo um dos pilotos enquanto o outro ia a terra.

Um dia romperam-se abertamente as hostilidades, sabendo os mouros com os zambucos contra alguns dos portuguezes que tinham ido á terra em bateis á procura de agua e lenha, que os pretos vinham trazer á praia.

Deram-lhe os portuguezes a sua licção e fiamanha foi ella, que tudo fugiu da beira mar e não mais se mostrou.

* * *

Vasco da Gama, levando apenas um piloto, levantou ferro e dirigiu-se a Quiloa, d'onde destinava seguir para Calicut. Isto no dia 11 de Março de 1498.

Encontrou-se alli com as fortes correntes do mar das Indias que não pôde vencer á falta de vento, sendo forçado a voltar á ilha de S. Jorge. Isolado, como precisava de estar dos naturaes, seus declarados inimigos, veio-lhe, em seis dias que foi forçado a estar ali, a falta d'agua. O mouro que lhe servia de piloto

disse-lhe que de noite os levaria a um lojar onde a havia e a esse fui foram dois bateis : fosse, porém, industria do mouro ou cegueira das trevas, nada fizeram.

Viu-se Vasco da Gama forçado a mandar de dia e á força tomar aguas, fugindo d'essa vez o piloto e um dos marinheiros negros que vinha de Portugal e que não se desagradoou de ficar por ali.

Vasco da Gama pulou d'esta vez. Sallou em terra com parte da sua gente, surgindo-lhe pela frente cerca de dois mil homens dispostos a recebel-o. Mandou o capitão fazer signal de paz e vindo á falla com o celebre mouro, primeiro embaixador, lhe disse em breves termos o fim da sua vinda — que queria os dois mouros que estavam pagos e lhe fugiram e o grumele que elles tambem guardavam ; por bem ou por mal.

Foi e voltou o mensageiro com recado insolente do Xeque e que portuguezes não costumam deixar sem a punição que merece : — que o escandalisado era elle Xeque e o seu paiz, porque Vasco da Gama, por cauza d'uma brincadeira (a tal investida tinha sido uma brincadeira'), lhe tinha morto gente e mettido no fondo um zambuco, carregado de fazenda, d'onde concluia que eram elles uns malfeidores que andavam matando e roubando por onde passavam ; que não tinha nada com a fugida dos pilotos, pois que não havia ficado por fiador d'elles, e que, quanto ao companheiro que lhe fugira, que o procurasse, se quizesse. Dito isto, mais ou menos assim, poz-se o mensageiro a salvo defraz da muralha de madeira que tinham feito.

Rompeu logo a vozeria ameaçadora da chusma, despejando numa nuvem de setas sobre os bateis. Deram os navios sobre o grupo uma descarga de artilharia,

coisa que os homens não conheciam nem pelo estouro, nem pela carnificina.

Acahou-se logo a fúria e cada um tratou de se salvar como pôde, deitando-se fôra da ilha que já era muito menor que o seu gosto, e passando para o continente pelo canal ou a nado, ou nos zambucos.

Neste barulho sempre um dos bateis de Vasco da Gama tomou e trouxe um zambuco carregado de fazenda, fugindo a nado os que iam n'ele e apanhando-se apenas um mouro velho e dois negros naturaes.

Recolhido tudo ás nãas, Vasco da Gama obrigou o mouro a falar verdade e elle disse tudo o que convinha saber:—que aquelle lugar era um entreposto entre Quiloa e Sofala, onde os mouros iam fazer o commerçio do seu muito ouro e que d'alli a Calicul seria um mez de viagem; que quanto a agua, os dois negros naturaes podiam bem dizer onde a havia.



Começou aqui esta ininterrupta guerra que os portuguezes tiveram de sustentar em todo o tempo das suas conquistas orientaes; guerra de interesses e de odios, que elles geraram en tão e continuaram a gerar, odios que herdámos do paraíso terreal, juntamente com o peccado de Eva, logo na morte de Abel ás mãos do ambicioso irmão Caim; guerra, que porventura acompanhará os fraternaes habitantes do malitudo planeta enquanto lhes for concedida a povoação pelas leis geraes de cosmogonia, se antes disso os mesmos odios, nascidos do interesse, não conseguirem o seu extermínio ás mãos uns dos outros.

O mouro, já bem provado na tempera do ferro portuguez, nas batalhas de Ceuta, Tanger e Arzila; o

mouro que andou pelo mundo com a cupidinosa sacola, amontoando riquezas, armava pela intriga que elle bem a sabia manejár por indole e por negocio, sobrepujada pda convivencia, o odio dos naturaes, accendendo-os em fúrias contra os novos e audazes conquistadores seus rivais.

Mal sabia elle, porém, esse mouro cavarde e odioso, o preço por que havia de pagar mais tarde este mar revolto que cavou entre os dois extremos do mundo. Responde-lhe o sangue que correm de suas veias em Díu, Damão, Salsete, Ormuz e em outros tantos logares!

Se o mouro visse junto em vasto pego este sangue que lhe custou a sua rancorosa traição; se o podesse ver, antes de vertido, seguramente seria outro o seu procedimento com o enviado de D. Manuel, logo alli em Moçambique, em Mombaça e em Calicut.

O interesse offendido tem isso de misero e de insignificante — céga, não deixa ver o presente; como poderia o mouro prophetizar o seu fatal e lugubre futuro?

A lição da artilharia das náos de Vasco da Gama não teve, porém e sómente, o seu efeito moral na paga que costuma ser assim dada por portuguezes á offensa que se lhes faz; teve também e em breve os seus beneficos resultados praticos.

Por aquelle panho de amostra mediu o Xeque de Moçambique o que poderiam esperar os seus dominios e por isso mandou a Vasco da Gama a sua embaixada de *concordia*.

Pedia-lhe que se fosse em paz, que elle lhe dava todas as satisfações; que um dos mouros fôra morto a seus pés pelas bombardas, que o outro fugira pelo serlão dentro e nunca mais fôra visto, que o grumele

ahi lho mandava preso e lhe mandava um piloto em quem se podia fiar.

Contentou-se Vasco da Gama com as explicações, entregou os que prendera e levantou ferro d'aquelles logares, no dia 1º de Abril.

* *

Em pouco conheceu o capitão as pernadas disposições do piloto, que ia conseguindo a sua infame traição de perder a armada, se a muita prevenção de Vasco da Gama não podesse mais do que o desejo do mouro. As ilhas a que elle conduziu a armada, com o proposito de deixar alli encalhados os navios, guardaram o nome d'este malandro, chamando-se — *Ilhas do açoitado*, porque Vasco da Gama, que a tempo lhe descobriu o plano, mandou-lhe applicar no corpo nô uma regular dôze de esfregações, que certamente não lhe sahiram mais da memoria e lhe fizeram ver muito melhor o caminho, por onde devia conduzir o descobridor portuguez!

* *

Desviados de Quiloa, e felizmente, pelas correntes e ventos contrarios, estando quasi perdido o navio S. Raphael n'um banco onde, na volta, effectivamente se perdeu (singular coincidencia!) logar que por isso ficou conhecido por — *baixio S. Raphael*, dirigiu-se a armada a Mombaça, na vespera de Domingo de Ramos, 7 de Abril.

Foi immensamente agradavel a todos a vista d'esta cidade, não só pela sua bella posição — n'um allo, sobre um rio, ao longo d'uma lingueta de terra em forma de

promontório, como pela belleza das edificações de pedra e cal, de sorte que a todos parecia que iam chegando a um porto da sua terra.

Mal sahiam elles, porém, quanto diversa era nos habitantes a belleza da alma com que iam acolhê-las!

O perido piloto de Moçambique já esquecido dos açoufes ou mais lembrado da sua multiplicada vingança que via aproximar-se, quiz logo entrar rio dentro com os navios Vasco da Gama, não desmerecendo nunca o alto tino com que fora escolhido para tão alta empreza, deu de mão à ligeireza do falsário e mandou fundear fôra.

Em pouco tempo vinha de terra ao seu encontro um barco com quatro homens, com as perguntas do estylo: — quem eram e a que vinham? recebendo as mesmas respostas — que eram portuguezes e iam para a India e precisavam de piloto e mantimentos; — que elles iam tudo comunicar a el-rei de Mombaça, que certamente muito folgaria com a sua chegada e em tudo os atenderia.

Volto de feito o harco com solemne embaixada: — que el-rei muito contente da sua visita, tudo que precisavam lhes mandaria, bem como carga de especiaria, se a quizessem; mas que era preciso, segundo uso e lei da terra, que elles entrassem como bons amigos, rio a dentro, até junto da cidade; que, ficando de fôra, seriam tidos como inimigos e como fues tratados e offendidos; que assim, ou entrassem sem demora ou sem demora seguissem rumo.

Respondeu-lhes Vasco da Gama: — que sim, que elle iria para dentro no dia seguinte e que para esse fim pedia lhe mandassem um piloto, por lhe ser ignorado o caminho.

No dia aprasado, em vez de piloto, veiu uma chusma, armados da perfida tentão de os destruir, porque, apesar de todos os cuidados de Vasco da Gama de os não deixar comunicar com o piloto açoutado, este sempre teve artes de lhes fazer ver quem era a gente que alli ia e o que d'elles havia a recear.

Vasco da Gama, em tudo prudente e cauteloso, servira-se da razão de estar na semana santa, para ganhar mais dois dias, desculpando-se com seus costumes religiosos e aproveitou-os para mandar dois dos seus com presentes a el-rei, mas com o fim de verem a cidade e conhecerem e se informarem da natureza da gente com quem se viam forçados a tratar.

Pouco adiantou, porque os mouros foram mais astutos com elles do que os da armada tinham sido com os primeiros emissarios; não os deixaram um momento sós e nada poderam ver.

Marcado enfim o dia da entrada e vindo ainda grande cardume de gente ao encontro das naus, procuraram elles em ares festivos invadil-as em grande chusma para praticar logo alli a sua ação de extermínio ou pelo menos conhecer bem a força que tinham a vencer.

Vasco da Gama, porém, deu terminantes ordens para que se não permitisse a entrada a mais de dez em cada barco; o que logo produziu um certo signal do que eram os recemchegados, porque a ordem teve de cumprir-se entre boas palavras e muito bons sopapos e trambulhões.

Entraram enfim as naus.

Vasco da Gama, percebendo que o seu navio ia sobre um arrecife, deu em voz alta ordem para lançar a ancora com toda a pressa, afim de poder evitar o encalhe. Esta ordem precipitada produziu na mar-

nhagem do S. Raphael um grande movimento de popa a proa

Os naturaes daquelle e dos outros barcos, que suspeitaram estarem descobertos nas suas perfidas intenções e que aquelle movimento era a replica que se ia seguir, deitaram-se de tropel á agua e a nado se pozeram em salvamento.

Então Vasco da Gama comprehendeu de todo o perigo em que estava e tratou de afastar-se d'aquelle inimigo logar, correndo ao longo d'aquelle costa que, sendo muito povoada, como percorrida por mar, lhe daria melhor porto para se abrigar e, na preza d'algum navio, seguro piloto para a India.

De facto, em pouco tempo apanhou dois zambucos de mouros e por elles soube que vinham de Melinde, d'ali perto, onde governava um rei bondoso e hospitaleiro que seguro piloto lhe daria para Calicut que ficava de lá umas setecentas leguas.

* * *

Chega a frota defronte de Melinde, no domingo de Paschoa, indo por esse motivo em farta festa as coisas e as pessoas.

Manda o capitão saltar em terra um dos mouros que aprisionára com um dos degradados que para este fim vieram do reino, com recado de amisade ao rei, dizendo-lhe quem era, d'onde vinha, aonde se dirigia e pedindo-lhe para essa larga viagem um piloto amestrado.

Em pouco voltam os mensageiros com boas novas, vindo em sua companhia dois homens da parte de el-rei, que pedia a Vasco da Gama que fosse a terra e n'ella e

em sua companhia descansasse, que elle daria seguro piloto para sua ulterior derrota.

Replicou o capitão, com alguns presentes a el-rei e a seus emissários, agradecendo aquellas sinceras e primeiras mostras de boa amisade:

« Tu só de quantos quelinhas Apollo
Nos recebes em paz do mar profundo. »

Que não podia, porém, saltar em terra, porque lhe proibia o regimento do rei a quem servia, antes que se encontrasse com el-rei de Calicut, para quem era seu principal recado: que viesse elle bom rei ás aguas em seus barcos, que elle iria nos seus, e sobre as aguas se veriam e assentariam sua duradoura amisade.

E assim, deixando os dois capitães, seu irmão e Nicolau Coelho, de boa sentinelha nos navios para virem e accudirem em caso de necessidade, se foi Vasco da Gama ao encontro d'el-rei nos seus bateis com a principal de sua gente em grande vestuário e mostra de festa, levando todos, porém, por baixo das vistosas roupagens, as suas armas prontas para todo o ardil que lhes pudesse estar armado.

Parou o capitão em meio da viagem, vendo que el-rei ainda não era embarcado, mas vinha por terra ao longo da praia no seu andor, com cortinados de seda, levado por quatro homens, os cortinados abertos do lado do mar para á sua vontade ver a luzida comitiva de Vasco da Gama; era precedido e seguido de grande multidão de seus naturaes.

Embarca el-rei no seu zambuco; os seus grandes e todos quantos podem n'outros barcos e vêm ao encontro

dos botes, com grandes festas e mostras de alegria, tocando seus instrumentos apropriados.

E' cordialissima a entrevista e em pouco n'uns e n'ouros peitos se firma a confiança de boa camara-dagem que alli se estabelecia. Mandou Vasco da Gama dar dos botes alguns tiros de espingarda e das náus responderam as salvas de artilharia em signal da regosijo.

Foi extraordinario o espanto de todo o povo gentio, ao ouvir estes afroadores sons, misturando-se o espanto com o pavor; o que obrigou Vasco da Gama a dar ordem de suspensão, para lhes não ser desagradável.

Não pôde passar sem reparo esta circunstancia que se repele por toda a parte por onde foi esta primeira expedição ao oriente e que já fizemos sentir n'outro lugar; a artilharia era totalmente desconhecida n'aquellas regiões, por onde entretanto de ha muito atirava o que n'esse tempo se poderia considerar como a integração de todos os conhecimentos da antiguidade. De facto a civilisação arabe apossou-se na idade media de tudo que a sciencia antiga sabia, trazendo parte do oriente e acrescentando este já vasto patrimonio de que a universidade de Bagdad pôde ser tomada como centro de possessão com o que aprendeu na sua invasão pelo Egypto, pela Grecia, por toda a Ásia Menor.

* * *

Tranquillo da boa indole e tenção dos portuguezes, que o mouro primeiro enviado lhe informára parecerem — homens de grande animo aos feitos da guerra, e na conversação brandos e caridosos — quer logo alli

el-rei entregarse confiadamente á nova gente, vindo no seu barco até os navios e velos e visitá-los:

«Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Monarca quer deseja;
Vão as naus unas a uma rodeando,
Porque de todas, tudo note e veja.»

Nos dias seguintes foram continuas as attenções d'el-rei, com presentes e recados, e as visitas dos naturaes, vindo entre oufros alguns gentios de Cambaia, que alli se achavam e se tornavam distintos no seu frato, adoração e cortezia de modos, por onde se formou a suspeita de que pertencessem a algum povo que tivesse em tempos remotos sido educado na lei christã, o que se tornava mais provavel pela noticia ou lenda que suppõe o apostolo S. Thomé andando por aquellas regiões na predica da nova doutrina e ficando lá como martyr d'ella.

Vinha entre essa gente um certo Malemo-Cana, que juntava ao seu desejo de viver com os nossos a sua farta instrueção sobre as coisas do mar e um perfeito conhecimento d'aquellas paragens; por cujo motivo foi com geral contento escolhido para piloto.

Com elle largamente e com grande proveito se entrefinha Vasco da Gama, todo o tempo que suas muitas obrigações lhe deixavam.

Foi assim que o nosso capitão soube o processo de navegação que por aquellas partes se usava.

Mostrou Malemo-Cana ao Gama uma carta da India, abrangendo toda a costa, assente sobre meridianos e paralelos de angulos muito pequenos, o que Vasco da Gama muito apreciou e á qual desde logo reconheceu a vantagem que levava á nossa rosa dos ventos da agulha de marear.

Mostrando-lhe o capitão os seus astrolópios de madeira e de metal com que tomava a altura do sol, Canu, em vez de ficar espantado como de coisa nunca vista, respondeu, com a maior naturalidade, que os marinheiros do mar Vermelho se serviam de instrumentos parecidos para o mesmo fim, sendo porém de figura triangular e de quadrante, navegando do mesmo modo pela altura do sol e pelas tabuas de declinação; referia-se aos mouros; que elle, porém, e os das suas bandas orientaes navegavam pelas estrellas e conheciam a sua posição e distancia pela observação d'umas tantas que mais exactamente faziam por um instrumento que usavam e que elle logo alli mostrou.

* * *

Munido enfim de tudo que precisava, perfeitamente acompanhado por um digno marinheiro, bem provido de refrescos e presentes de tudo que em Melinde se podia receber, certo de que atraç de si deixava gente amiga que lhe suavisaria a volta, foi-se enfim Vasco da Gama da Africa á India a atravessar as setecentas leguas (como diziam os mouros) de Melinde a Calicut, no grande golpho indico, no dia 24 de Abril. Deixava assente um dos padrões por nome Santo Espírito, dizendo ser mais um testemunho da boa paz em que ficavam e sempre viveriam, como viveram, os povos de Melinde com Portugal.

No dia 20 de Maio de 1498 veem os olhos portuguezes, dirigidos pelo caminho que era só seu, a primeira terra d'esse maravilhoso continente asiatico tão sonhado e promettido em setenta annos de fartas e porfiadas investidas.

* * *

Trez grandes passos de gigante foram n'este periodo dados por sobre os cayos e fundos abyssinos d'esta grande estrada.

Deu o primeiro o conde D. Henrique, esse não menos ingente Adamastor, que do alto do sagrado promontorio, de volta da jornada de Ceuta, mirava a ampla superficie do caminho e por todos os meios procurava tirar-lhe este estorvo turbador dos mais audazes. A lenda do cabo, que ninguem acreditava transportavel, surgia alli, com a sua mesma terrivel imposição com que n'outra edade as columnas de Hercules fechavam o mundo occidental.

A alma do infante voava por cima d'esse temeroso Bojador, vendo estender-se para além a obra de Deus, que uma fallaz myopia queria reduzir a mesquinhos proporções; a sua vontade de bronze jurava que havia de exterminar o preconceito. O preconceito venceu-o Gil Eannes e D. Henrique vira ahí cumprida a sua missão.

O segundo passo deu-o o grande João II, dobrando esse outro temeroso promontorio, que os marinheiros viam com a alma apavorada pelos raios da tempestade que elle lhe despedia do seu cimo.

A figura magestosa de João II surge-nos com os thesouros amontoados no porto culminante do promontorio, com a alma cheia da esperança de que o appellida, lanceando com a mesma luz de fogo o continente negro, circumscripção por todos os lados, e os pincaros longíquos da Asia, cuja viagem se lhe afigura o caminho do paraíso, ao divisar-lhe a Mesopotamia, com todas as suas lendas e tradições.

O terceiro finalmente dera-o D. Manuel percorrendo essa vasta extensão do mar temeroso e traçando na sua superficie essas largas estradas que fazem de todos

os homens um ser, de todas as nações uma família,
de todas as crenças um dogma, de todas as doutrinas
uma lei.

O vulto de D. Manuel, anciosamente ereto no promontorio de Cintra, prescrutando os longos horisontes d'esse extraordinario caminho, em busca de seus capitães que esperava na volta d'essa romagem, completa este quadro que na alma de todo portuguez nunca deixará de encontrar a mais sincera veneração.





CAPITULO XXI

India; sua antigüidade, costumes, lendas. — Física geographica. — Calicut, sua
importância. — Relações com o Samorim; intrigas dos mouros. — Resultados.
— Volta de Vasco da Gama. — Diversos sucessos e arribada à Lisboa.



INDIA, essa nova e vastíssima região que se expande ante os olhos dos occidentaes era, e é ainda, a grande mãe da humanidade, o berço de todas as civilizações, a terra benefica e abençoada, onde as brisas respiram amores, sentimentalizados pelos mais exquisitos perfumes.

Alli, n'um ponto ou no outro, n'esta ou n'aquelle longitude, n'uma ou n'outra latitude, vão todos os

povos buscar a fenda mais ou menos enfeitada da sua origem.

Nas profundos e vastos santuários do brahmanismo, nos livros sagrados d'esta mais que todas velha tradição, encontrareis se os folheardeis, os grandes repositorios, d'onde tirareis todas as crenças que vos amamentaram, seja qual for a seita que vos tenha dado a luz. Com pouco trabalho vos convencereis que tudo veio de lá, dando cada um que desenterrou a ideia para a transplantar do seu terrão originario ao canteiro de cada nova lei, uma simples tinta local que lhe facilitasse a sua adaptação ao novo habitat.

As línguas, por maior que seja a sua multiplicidade e diferenciação, ficam sempre com um fundo de unidade que as liga à língua mãe oriental.

«Como nós comprehendemos melhor o grego e o latim depois que estudamos o sanscrito — dizia Brundt, o grande linguista do nosso tempo.

Manu é o legislador que inspira os códigos egípcios, hebreus, gregos e romanos. Os nossos modernos códigos, por mais que se adaptem a uma vida local de costumes, de hábitos especiais, ficam sempre com o seu fundo velusto e originário, onde se atesta a sua origem oriental.

«A história da philosophia da Índia é o resumo da história da philosophia do mundo» — dizia Cousin.

As religiões, por maiores que sejam as suas variedades, a sua difusão pelo mundo, atestam no fundo uma identidade que as prende à sua origem oriental. Lá, nos velhos livros e ainda hoje guardada pela secular tradição, achamos a essência de toda essa variada forma. O culto de Zoroastro, o symbolismo egípcio, os mysterios de Eleusis, as pythonizas, as lendas genesiacas, as profecias messianicas, a moral de Samos,

a sublime doutrina de Belém, dignificada no Calvário, tudo achamos-lá.

• • •

Se é a lenda do paraíso que quereis, ali a vedes mais terna, mais lógica e sobretudo mais humana que a que vos ensinou vossa mãe. E' a ilha de Ceylão o primeiro logar onde o Deus Brahma collocou o primeiro homem que chamou Adima, a primeira mulher que chamou Heva (o que completa a vida).

Deu-lhe tudo o que era preciso à sua vida de amor e de ventura; o clima mais doce de toda a terra, a mais florida das vegetações, os animaes mais mansos para seus companheiros, as aves de mais variegadas plumagens e dos mais doces trinados.

As copadas sombras dos tamarindeiros para se abrigarem das intempéries e velarem as ternas e apaixonadas expressões do seu amor e da sua doce vida em commun.

Uma só coisa restringia esta farta vida de prazer. Deus prohibira-lhes a saída d'aquelle ilha, fazendo-lhes ver que, além d'ella, o mundo era um deserto, triste e desconfortado, onde tudo faltava e a vida seria de cruéis martyrios e privações.

Percorre o ditoso par em doce amplexo de incessantes carinhos as vastas extensões de seus legados domínios; em toda a parte um novo encanto, uma mais viva fragrância.

Um dia chegam à praia; avistam o mar, esse estreito que uma ponte de rochedos atravessa, ligando aquella terra ao continente.

Do outro lado avistam o mesmo quadro de bellezas, enxames de aves papilando doudejantes, fructos por

ventura mais bellos, flores por ventura mais rescentes, arvores por ventura mais copadas.

Convida Adima a passar a ponte á sua terna companheira; recusa-se esta, insta, pede, supplica lembrando a proibição do bom Deus. Vence Adima, e á força, carregando Heva, transpõe a ponte! Terrivel desengano, infeliz realidade! fatal perda d'um bem que mais não volta. A terra que pizam é deserta e triste e a ilha d'onde vêm lá fica cheia de encantos que agora são mais vivos pela comparação.

Tenta Adima rapidamente retroceder; os rochedos afundam-se! algumas pontas ficam ao lume d'agua; perpetuam o facto com o nome de—*Ponte de Adima*.

O homem ambicioso de inda ha pouco, o audaz conspirador contra a lei, o brutal seductor da tímida companheira que vence pela força, sujeitando-a á obediencia, sem ouvir seus ternos conselhos, converte-se subitamente no pusilanime, vencido, esmagado, que não encontra nem alvitre para fugir ao mal que fez, nem linitivo para suavisar-lhe os rigores.

E' então que a primeira mulher hindia assume essas ideaes proporções que a collocam muito acima de todas as outras mulheres das outras lendas.

Chega-se ao marido, alevanta-o suavemente do chão,obre-o agora inda mais docemente com o bafo protector das suas caricias, anima-o com as mais ternas palavras de consolação e de esperança.

— Que junte as suas preces ás preces d'ella e que tenha confiança no bom e grande Deus que elle ha de perdoar tamanha culpa.

E aparece Deus e exalta este grande procedimento e por ella perdoa ao homem, promettendo mandar o seu enviado a resgatar esta descendencia.

E de facto, a encarnação lá a encontrareis, e não só uma mas muitas, formando seitas n'aquelle extensa religião hindú. Achareis a mais parecida com a do Messianismo — a encarnação do Christna no ventre da virgem Devanaguy.

* * *

Tem esta parte do grande continente asiático a forma d'uma extensa península encravada no mar das Índias; correspondem ás suas duas costas os dois grandes seios d'este mar — o oriental ou golpho de Bengala que banha a costa oriental da península chamada Coromandel, e o occidental ou golpho de Oman que banha a costa occidental indiana do sul, chamada Malabar.

A cordilheira do Hymalaia, a mais alta do mundo, forma, ao norte d'esta península, a sua ligadura ao vasto continente. Estende-se entre os paralelos 7° e 36°, sendo assim dividida quasi em partes iguais pelo tropico de Cancer; tem uma extensão em longitude, ou de norte a sul, de trez mil e quatrocentos kilómetros; dois mil e duzentos na sua minima largura; uma superficie de trez milhões quinhentos e cincocentos mil kilómetros quadrados e uma população approximada a duzentos milhões de habitantes.

Dois formidáveis rios atravessam esta vasta região — o Indus e o Ganges, aos quais em grande parte se prendem as tradições sagradas do povo hindú habitante das suas margens.

O Ganges vem do Hymalaia e, correndo para oriente e sul, vai desaguar no golpho de Bengala, com um desenvolvimento de dois mil e quinhentos kilo-

metros. As suas boccas ocupam uma extensão de duzentos e oitenta kilómetros.

O Indus ou Sind vem do oriente, dos montes Kailas; descendo das altas montanhas, correndo pelas extensas planícies do Pendjab (cinco rios), desagua no golpho de Oman, com uma extensão de mais de trez mil kilómetros. As suas boccas, os deltas e os braços ocupam uma extensão de cento e oitenta kilómetros.

Esta região superior da peninsula, banhada por estes dois grandes rios, é que se chama propriamente Hindustão; a parte que fica ao sul — a India meridional, chama-se mais propriamente Dekan.

A ilha de Ceylão e as Maldivas pertencem a esta região. O cabo mais meridional chamado Comorim é o vértice dum triangulo, tendo por base o Hymalaia e cuja superficie é a região indiana. Duas cordilheiras acompanham as duas costas — chamam-se os Galtes, orientaes e occidentaes. Estas duas cordilheiras de difícil accesso e transito como que formavam muralhas de defesa a esta grande raça, que lá dentro poderia viver isolada do resto do mundo.

A costa de Malabar, aonde se dirige Vasco da Gama, vai desde Toleva, junto do Cabo Comorim até o cabo Dehli; os naturaes chamavam-lhe — *o paiz das montanhas*.

Estes naturaes pertenciam à grande familia hindúa, similhando a das margens do Ganges; têm a cor menos carregada. Foram invadidos por diversas colonisações, antes da portuguesa.

Os *judeus brancos*, de Cochim, são provavelmente do seculo VIII; os *judeus negros* suppõem-se terem sido malabares, comprados pelos primeiros e feitos israelitas por elles; os chamados *Christãos de São Thomé*, são nestorianos; formam uma poderosa asso-

ciação política, eguadando-se aos nobres indigenas, chamados *Naires, os Tchatrias* hindus.

A maior, a mais importante invasão, debaixo do ponto de vista commercial, é a dos mouros ou arabes, vindos de Moka para o sul do Dekan, no seculo VIII. Casaram, mesliçaram-se, formando uma raça activa, navegadora, commerciante.

• •

Calicut era no seculo XV a principal cidade do Malabar, capital do maior reino de toda a costa, de quem os outros eram tributarios; o rei tinha o titulo de Samorim, que equivalia ao tratamento de Imperador.

Era esta cidade o centro do commercio de toda essa região; por isso era a ella e ao seu rei que principalmente se dirigia a embaixada portugueza.

Os mouros tinham o monopólio d'aquelle enorme commercio. Ficavam alli todo o anno comprando as mercadorias, armazenando-as em casas proprias e esperavam as naus de Meca que vinham periodicamente, e em época fixa, ao resgate, á carga.

N'aquelle região, que vai do mar Vermelho á India, existem os ventos regulares, chamados monções; de Abril a Setembro soprám d'um lado, de Outubro a Abril soprám em sentido contrario. As naus de Meca aproveitavam a monção de Setembro que as levava á India e a de Abril que as trazia a Meca.

Este facto era desconhecido em Portugal; d'outra forma não se teria Vasco da Gama abalancado a uma travessia contra monção, que muito aumenta o valor de sua viagem.

Por outro lado, Vasco da Gama achou o grande golpho despovoado, despovoada a costa do Malabar,

d'estas naus inimigas, o que por ventura concorrera para a felicidade da sua missão. Ter-lhe-ia sido inevitável a luta e a sua força era pouca para tão immenso inimigo.

Senhor d'esta situação, Vasco da Gama sae do Oriente em Agosto, não esperando nem a volta dos ventos contrarios, nem a vinda das naus inimigas que era prudente evitar.

Ancorado á vista de Calicut, mandou Vasco da Gama a sua embaixada ao Samorim, por intermedio do mouro que lhe servia de piloto e d'um dos degradados que trazia para este fin. Deviam dizer a el-rei—que no seu porto se achava uma expedição que de longes terras e por mando d'um rei poderoso se dirigia a elle para lhe apresentar os protestos de amisade e aliança que lhe eram requeridos; que elle se dignasse marcar o dia da recepção e a forma por que ella se devia effectuar.

Gastou a embaixada trez dias sem voltar, o que não causou pequeno receio a Vasco da Gama.

Volto, porém, Malemo-Cana, explicando a sua tardança pela razão de estar n'aquelle tempo o Samorim mais longe que de costume; n'uma residencia real, afastada unhas cinco leguas de Calicut.

Dizia-lhe da parte d'el-rei que chegasse as naus para mais perto da cidade, n'um abrigo que o piloto, que lhe mandava, lhe indicaria, onde elles ficariam mais a salvo das tempestades, muito frequentes n'aquelle estação; e esperasse abi que el-rei lhe mandaria dizer quando o podia receber.

Foram assim ancorar em Capoçafe, debaixo da direcção do novo piloto, e aí estiveram dois dias, sem ouvir novidade que não fosse a boa prática de Vasco da Gama com um mouro de Tunis, o celebre Monçaide, que tão bons e leaes serviços veiu a prestar ao capitão.

Este mouro, que já da sua terra tinha farto conhecimento das obras dos portuguezes e com elles houvera praticado, ao ponto de lhes conhecer e falar a lingua, era corretor de mercadorias em Calicut. Conhecia Malemo-Cana, com elle se relacionou e com o degradado, logo que estes saltaram em terra, deu-lhes hospedagem em sua casa e com elles veiu ás naus, visitar Vasco da Gama e seus companheiros.

Este Monçaide poz Vasco da Gama ao correr de todas as coisas d'aquelle reino, que ao capitão muito interessavam e sempre o serviu lealmente; com elle veiu a Portugal, abraçando a lei de Christo pelo baptismo.

Passados dois dias, chegou a Vasco da Gama o recado de que el-rei o esperava.

* *

Deixou o capitão as naus debaixo do commando de seu irmão e de Nicolau Coelho, convenientemente amestrados sobre o que deviam fazer, segundo as circumslancias e, não sem reluctancia de seus companheiros, se foi a terra com doze homens escolhidos.

Foi recebido dignamente por um capitão d'el-rei a quem chamavam Catual, que trazia uma guarda de duzentos homens, peões armados de espada e adaga.

Deram a Vasco da Gama um andor para ser transportado ao lado do Catual que ia n'outro, ambos

levados por homens; e, acompanhados de todos a pé, se dirigiram para o logar onde estava el-rei.

Dormiu a comitiva no caminho e no dia seguinte chegaram aos paços do Samorim, vindo, a certa distancia, um outro Catual, mais graduado, e seguido de muito maior guarda, todos armados e com mostras solenes de grandes festas, receber Vasco da Gama e leval-o com seus doze companheiros á presença do grande rei.

Estava o rajah no fundo d'um grande salão terreo, deitado n'uma cama toda coberta de pannos de seda, vestido de larga tunica de algodão branco, com rosas de oiro batido, dissimiladas por ella, tendo na cabeça uma enorme mitra de brocado d'oir, toda lavrada de perolas e ricas pedras.

Os braços e as pernas estavam cingidos por muitos braceletes de ouro e pedrarias.

Ao seu lado estava um homem dos seus fidalgos servidores que segurava um prato de ouro com folhas de *bételle* que o rei ia firando e mascando, segundo o uso d'aquellas terras.

Quando Vasco da Gama entrou n'esse salão, um velho Brabamane que, na edade e na compostura, parecia ser o principal dos que se achavam junto de el-rei, se levantou e veiu tomar solemnemente Vasco da Gama pela mão e apresental-o ao rajah. Limitou-se este a levantar levemente a cabeça da almofada, onde a tinha reclinada, e ordenou que fizessem assentar o recem-chegado.

Foi curta a entrevista; o rajah recebeu as duas cartas que D. Manuel lhe enviava, uma em arabe e outra em portuguez e, sem as ler, disse a Vasco da Gama que se retirasse com os seus, fosse repousar, que elle depois lhe daria suas ordens e resposta.

Mandou o capitão no óuiro dia os seus prezentes ao rajah e aos principaes de sua corte e pouco depois o Samorim recebeu solemnemente a embaixada de Gama que não esqueceu de fallar na tenção que havia de estabelecer-se um tratado de alliance e de commercio, por meio do qual se fizessem as trocas das especiarias das Indias com as riquezas de Portugal.

O Samorim pareceu agradado da proposta e prometeu em pouco tempo dar uma solução completa, respondendo tambem ás cartas de D. Manuel.



Neste meio tempo, porém, os mouros perceberam o mal que ynhia aos seus negocios com o benigno acolhimento do Samorim ás propostas dos portuguezes; tentaram por todos os meios intrigar Vasco da Gama e perdel-o no conceito do rei; dando por fim extermínio a toda a expedição.

Metteram de permeio para esse fim o Catual a quem el-rei confiou a guarda e agasalho do capitão. Com grandes e generosos prezenles o trouxeram ao seu plano, o qual era levantar contra o Gama a fúria do rei e do povo, trazendo-lhe a sua destruição.

O Catual cumpriu á risca a missão para a qual fartamente lhe pagaram. Em pratica com el-rei, o convenceu de que aquella gente era pirata, como já se sabia pelo que haviam feito por outros logares; que andavam fugidos e desterrados do reino de que eram naturaes, como malefidores e criminosos; que as cartas e embaixadas eram embustes com que escondiam suas malevolas intenções; que era melhor despedil-os sem lhes dar gasalhado, ou castigal-os como mereciam; tanto mais que elles seguiam uma religião inimiga da

dos mouros, aliados commerciaes e amigos do reino, que se deviam dar por offendidos se elles fossem bem aceitos d'el-rei, e poderiam arrefecer a sua amizade e trato em grande danno dos interesses d'aquelle estados.

Por outro lado, foi o Catual isolando Vasco da Gama, até o ter prezado em Calicut, avisando os mouros de tudo o que se ia fazendo e passando.

Valeu de muito a Vasco da Gama a boa e leal dedicação do Monçaide, que não só o trazia avisado de tudo que se ia passando, como lhe ia dando todos os conselhos de cada occasião e ainda servia de portador d'uma carta de Vasco da Gama a seu irmão que o punha ao correr do ocorrido e lhe fazia todas as recommendações, principalmente as que diziam respeito à vigilância com as naus e com as pessoas que as visitavam, afim de se evitar a ruina que os mouros traziam urdida.

Enfretanto el-rei, muito abalado pelas palavras do Catual, como homem prudente que era, mandou chamar o Gama e disse-lhe francamente a sua suspeita e as informações desfavoraveis que tinha d'elle e da sua embaixada; portanto, que lhe fosse franco, confessando toda a verdade, que elle não só lhe perdoaria o engano, como até o ajudaria, no que podesse, a sair-se da sua má situação.

Foi a resposta do Gama tão eloquente e sincera, que o Samorim ficou convencido de toda a verdade; e vendo e percebendo o grande odio de raça, de religião, que havia entre a gente recemchegada aos seus reinos e os mouros que por elles já andavam em grande numero e de ha muito tempo, aconselhou Vasco da Gama a que se recolhesse ás suas naus, para evitar os encontros com seus inimigos e esperasse lá o seu despacho, que elle não faria demorar.

O Catual, porém, comprado e combinado com os mouros, acompanhou Vasco da Gama até fora do logar, a meio caminho da praia, d'onde voltou e se despediu, tendo secretamente dado ordem à guarda que o prendesse; o que elles fielmente executaram.

Foram, porém, dizendo a Vasco da Gama que o guardavam assim das perseguições dos mouros, seus inimigos, que se achavam muito alvorotados com medo das tenções inimigas que elle Gama parecia ter; que o proprio gentio andava amedrontado e que não se alrevia a ir pescar com medo das naus que pareciam estar sempre em attitude ameaçadora; que assim lhe aconselhavam, se as suas tenções eram pacíficas, como disse, que fizesse trazer as suas naus para terra, mesmo para as limpar e reparar.

Era astúcia combinada com os mouros, para tendo-as em terra, lhes deitarem o fogo.

Replicou o Gama que era impossível, porque as suas naus eram de quilha e não podiam vir a terra sem apparelhos proprios que não trazia. Farto estava elle de saber o fim da proposta!

Então os guardas lhe disseram que fosse elle para as naus esperar a resposta de el-rei com a condição de deixar em terra, em refens, alguns dos seus, para garantir ao povo a sua ida ao mar, na sua arte de pescaria.

Vasco da Gama, que não via melhor modo de se sair do aperço, conveiu n'esse pedido e foi-se ás naus, deixando em terra Diogo Dias e Alvaro de Braga.



Não deixava entretanto o fiel Monçaide de mostrear ao capitão o grande risco que corria, se não fosse d'alli antes da chegada das naus de Méca, onde os perfidos

mouros tinham posta a esperança de totalmente o perderem, mettendo as nossas entre dois fogos inimigos, em terra e por mar.

Reunidos em conselho, os capitães tiveram por melhor o aviso do Monçaide e resolveram voltar, sem mais detença e sem esperar a resposta do rajah que muito provavelmente estava também vendido aos mouros e pela sua demora convergia ao mesmo fim. Mandaram pelo Monçaide avisar os dois companheiros, que estavam em terra, que n'uma certa noite e a hora certa procurassem vir á praia, illudindo as vigias e se embarcassem no batel que lhes seria mandado.

Foi, porém, frustada essa tentativa, porque os guardas, suprehendendo a fuga, de novo os prenderam e fizeram bem guardados.

Então o Gama abriu francamente as hostilidades com o fim de por elas se despachar, já que por bem o não conseguia.

Os primeiros que de terra vieram pescar foram agarrados e trazidos para as naus; acto continuo, levantam ferro e vão ao largo, como quem tem pressa no aviamento, mas ficando sempre á vista, á espera de negociações.

Resolveu-se d'esta vez o Samorim a apressar a solução tão esperada, e, vindo á falla com os dois que lhe estavam em refens, pediu-lhes que escrevessem ao Gama, recommendando-lhe que tratasse bem os prisioneiros, como elles eram bem tratados e esperasse que ia ser aviado.

De facto, foram entregues os dois captivos, ficando-lhe em terra apenas a fazenda que elles tinham consigo para fazer algumas trocas que nunca se effectuaram.

Vasco da Gama, tendo a bôrdo todos os seus, ficou com alguns captivos, não só por cauza do roubo da sua fazenda, como porque os queria levar a

D. Manuel, e levantou ferro, definitivamente de volta ao reino, em 29 de Agosto de 1498.

No dia seguinte, correndo o Gama ao lado da costa, á procura de lugar onde deixasse um padrão, porque não confiava que ficasse em pé um que tinha feito, por Diogo Dias, assentar em Calicut, viu vir uns sessenta barcos pequenos carregados de gente com desejo de o assaltar; a artilharia e uma forte trovoada os pozeram em debandada.

Pela gente que encontrava escreveu ao Samorim, queixando-se do mau trato que recebera dos mouros, da fazenda que lhe tinham roubado e da promessa de vir buscal-a no anno seguinte, elle ou outro que el-rei mandasse; que levava consigo alguns subditos do rajah, não tanto como represalia, como para os mostrar a el-rei e mandal-os na seguinte expedição, para serem as melhores testemunhas da verdade de tudo que elle Gama tinha afirmado e da lealdade com que procedera n'aquelle terra.

Assentou o seu ultimo padrão nos ilheus que ficaram com o nome de Santa Maria, deixando, com aquelle, cinco que attestassem a sua longa viagem. *S. Raphael* no rio dos Bons-signaes, *S. Jorge* em Moçambique, *Santo Espírito* em Melinde e *Santa Maria* nos ilheus proximos de Calicut, na costa do Malabar; o quinto era o de Calicut mesmo.

Dirigiu-se d'alli ao grupo das ilhas Anchedivas para reparar as naus e fazer aguada. Quando a isso se preparava, foi assaltado por um certo Timoja que veio de Onor onde se achava, com oito barcos agarrados uns

aos outros e todos cobertos de ramos de arvores, imitando uma grande balsa.

Sabendo pelos naturaes a astucia do corsario, despejou-lhe contra a balsa uma descarga de artilharia que lhe desmanchou a armadilha, ficando um navio preso e fugindo os outros para terra.

Uma outra aventureira estava ainda reservada ao Gama n'esta paragem de Anchidiva. Era entao senhor de Gôa, a pouca distancia d'alli, um mouro, por nome Sabaio, que consigo tinha gentes escolhidas de todas as partes do mundo, como auxiliares das suas guerreiras façanhas. Sabendo o Sabaio da estada alli perto dos nossos e informado de què eram pertencentes a uma raça valente e destemida, mandon um dos seus, judeu da Polonia, convidal-os a ficarem a seu soldo e que, se não quizessem ficar por bem, elle os iria buscar á força.

Vém o judeu á falla com Vasco da Gama n'un pequeno barco e o capitão, já preparado para o caso pela informaçao que lhe deram os naturaes, foi-o agarrrando e arrancando-lhe *com geito* toda a verdade.

Guardou-o o Gama, baptisou-o com o nome de Gaspar Gama e, antes que viessem os barcos do Sabaio, levantou ferro d'alli, atravessando o grande golpho e vindo dar na costa d'Africa, um ponco abaixo da cidade de Magadoxo.



D'alli se encaminhou a Melinde, de cujo rei foi novamente agasalhado com todas as provas de sincera amisade e por fim abriu o paňno para o reino, com pequenas detenções n'un ou n'outro ponto, por onde ja tinha passado.

Tinha morrido muita gente e pouca havia já para dirigir tres navios: estes foram tambem ficando por lá. O S. Raphael, como atraç dissemos, encadhou nos illens do seu nome, onde ja finha encallhado na ida e lá ficou.

A 20 de Março, dobraram o cabo da Boa Esperança. De Cabo Verde, Nicolau Coelho, afastando-se do S. Gabriel, com uma forte tempestade, veiu ter á barra de Lisbôa, no dia 10 de Julho, fazendo dois annos que d'allí sahira.

Não foi tão feliz Vasco da Gama e os que com elle ficaram. Vinha Paulo da Gama tão doente, que o irmão resolven saltar com elle em terra, entregando o navio a João de Sá e fretando uma caravela onde se embarcou, indo de Santiago á ilha Terceira. Ali morreu Paulo da Gama, sendo enterrado no convento de S. Francisco.

Emfim, cumprido este piedoso dever,olveu o grande capitão ao reino, entrando em Lisbôa no dia 29 de Agosto de 1499, desembarcando em Belém e dirigindo-se logo á ermida de Nossa Senhora, agradecer-lhe a protecção que lhe permitira voltar ao reino sâo e salvo, com alguns companheiros.

Foi ahi visitado por tudo que em Lisbôa havia de mais nobre, começando por el-rei D. Manuel e em grande procissão conduzido a Lisbôa que toda se adornou com festas, celebrando dignamente tão grande acontecimento.

• •

Foi D. Manuel generoso com o seu grande navegador.

Deu-lhe, em diversas épocas, o tratamento de Dom, o título de conde da Vidigueira, de almirante do mar da India, novo escudo de armas com uma peça das reaes

do reino, trezentos mil reis de renda e a concessão de empregar cada anno duzentos cruzados em mercadorias da India.

Em memoria de tão grande feito, resolveu D. Manuel levantar o sumptuoso templo de Nossa Senhora de Belém, e o castello da Penha, nos rochedos de Cmtra, no logar onde o venturoso rei ia a miudo prescrever a vasta amplidão do Oceano, á busca das naus que mandara a tão famoso commettimento.

O sumptuoso mosteiro foi dado a guarda dos frades de S. Jeronymo, d'onde recebeu o novo nome, dando el-rei á ordem de Christo, a quem pertencia a ermida fundada pelo infante D. Henrique, a egreja da Conceição de Lisboa, com fartas tenças que largamente compensavam o que lhe tirava.

Foi este mosteiro escolhido por el-rei para sua jazida e de sua família, e hoje ainda serve de *pantheon* aos homens que como Herculano e João de Deus, tanto concorreram para afirmar a perpetuidade d'esta raça, que por todos os titulos se elevantou acima das outras com quem conviven. Foi esta edificação um dos maiores actos d'este rei.

O monumento é a mais eloquente testemunha do feito que commemóra, a lição perpetua da gloria passada, o mais pratico estímulo ao levantamento da alma d'un povo, o mais impressionista exemplo para a prática de factos parecidos.

Por mais séculos que passem, por mais accidentada que corra a vida portugueza, os Jeronymos, enquanto não sacrilega lhes não abater os seus cimos, ali estarão sempre a atestar este enorme sucesso, que ha de sempre dobrar a altiva cabeça dos orgulhosos, diante da veneração devida a este povo, que tanto militou em favor da grande cauza da civilisacão.



Pôde a desgraça chegar ao ponto de perder esta nacionalidade a sua maior e mais adorada riqueza — a sua independencia. Seja qual for a raça a que se ligar, o mosteiro de Belém e a epopeia de Camões, serão sempre o protesto vivo da immortalidade d'este povo na gratidão que lhe deve a humanidade, como o velusto mosteiro da Batalha, ficará sempre a protestar que os vencedores de Aljubarrota nasceram para livres.

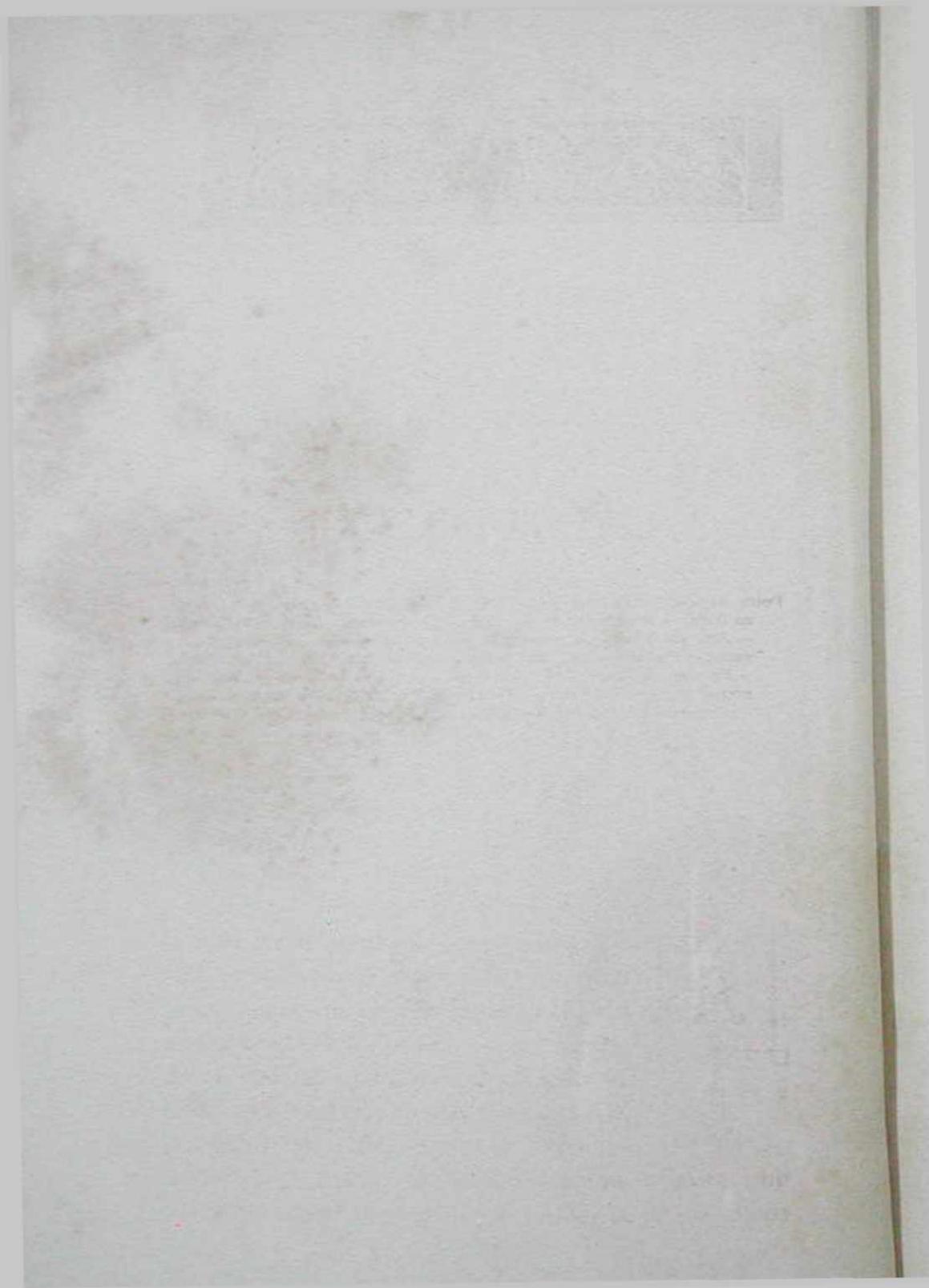
Essa afirmação já foi feita por nós à alviva Espanha. Aproveitando o periodo infeliz, em que o narcotico nos tinha adormecidos e a desgraça de Alcacer-quivir, aniquilados, o Leão de Castella caiu sobre nós e atou-nos de pés e mãos ao seu poste de senhor.

Vivemos presos em triste captiveiro por espaço de sessenta annos. O senhor fez-nos todas as promessas, seduziu-nos por todos os lados, adulou a nossa vaidade. Nunca conseguiu de nós outra cousa que não fosse o nosso silêncio de martyres.

No dia da redempção, a esse sol de 1º de Dezembro de 1640, nós eramos ainda mais fortes na crença, porque as lagrimas choradas em sessenta annos tinham enchido o vasto tanque de dor e de martyrio que nos havia lavado a alma de qualquer culpa.

Nesse longo e triste periodo, quem pôde negar a influencia da leitura da nossa sublime epopeia e da visão de Belém e da Batalha?







CAPITULO XXII

Pedro Alvares Cabral. — Brazil. — Como foi descoberto. — Processo de Cabral na India. — Revolta de Calicut contra Ayres Correia. — Attitude de Cabral. — João da Nova; sua viagem. — Volta à India. Vaso da Gama, Almirante. — Primeiro ouro das novas conquistas; custodia dos Jeronymos. — Processo do Gama. — Lutas com Calicut. — Lealdade de Cochim; guerra entre os dois paizes. — Perfidia de Vicente Sodré e seu pagamento. — Francisco de Albuquerque, Alfonso de Albuquerque e Antonio Saldanha.



OS 9 de Março de 1500, segue para a India a expedição de Pedro Alvares Cabral. Leva treze velas, entre naus, caravelas e navios; mil e quinhentos homens de todos os misteres, não faltando os da fé. Vão oito frades franciscanos dos quaes é guardião o muito celebre frei Henrique, que disse a primeira missa no Brazil; foi depois confessor de D. Manuel e bispo de Ceuta.

Havia de dirigir-se esta expedição a Melinde e a Calicut; para os seus reis levava cartas, presentes e amistosas propostas.

Para Melinde, as referendas das alianças pedidas pelo seu rei: troca de embaixadores, tratos de mutuo auxilio e defesa. Era uma posição explendida que convinha firmar. Ponto de escala para a India e para a Arabia; centro magnifico para o resgate de Sofala, Mombaça, Moçambique, etc. Satisfazia perfeitamente a grande ideia de João II; o Preste não se tinha achado: Melinde era a substituição. Apenas differia em ser herege o povo; procurar-se-ia vencer esta dificuldade com geito e tempo.

Fazia-se christão pela catechese; era ainda uma nova vantagem para a fé.

Para Calicut, a instrucção era diversa e mais delicada. O Samorim estava escravizado pela corrupção dos mouros; estes tinham procurado todos os meios para afastar d'ele a nova orientação.

Conseguiram muito, indirectamente, comprando os braços e as illargas do rei do Malabar; mas a partida não se devia considerar perdida. O mesmo Samorim não ficara de todo afastado; talvez agora se conseguisse a sua amizade; deviam empregar-se todos os esforços n'este primeiro sentido.

Para isso levava Pedro Alvares a carta, as propostas, presentes muito mais finos.

Subornasse também; illhargasse como os mouros, em todos os terrenos politicos; a questão era entrar, pôr pé. Oblivesse a montagem d'uma feitoria; para esse fim, in Ayres Correia, muito bem industrializado.

Uma vez em terra, arranjasse casa, comprada, alugada, ou edificada; casa boa, grande e perfo, bem

perto da praia. E comprasse, entrasse em concurrenceia com os mouros; offerecesse mais pelo resgate.

A questão era ganhar a sympathia dos naturaes; preferencia sobre os mouros.

Os franciscanos prestaram grande auxilio, com a pregação e a catechese; elles iam para isso, ganhava a fé e auxiliava-se a corrente commercial.

Em ultimo caso, empregava-se a força; para isso ia aquelle apparato todo, navios bem artilhados e gente farta de guarnição.

Por um lado, por cauza dos mouros, Vasco da Gama não se encontrou com as naus de Mécn, mas Pedro Alvares ia estar com elles. Com mouros, pau, muito pau; não havia transacções possiveis; era uma questão commercial, sobrepujada por uma questão religiosa, que se enfeixava n'uma supremacia da civilisação occidental.

Com os Malabares, com o seu rei, meios violentos, só em caso extremo; precisava Pedro Alvares de lhes mostrar que o que não se obtinha por bem se conseguia pela força; mas só em ultimo caso.



Chegando ás alturas de Cabo Verde, sobreveiu um forte temporal. Uma das naus fregou; foi apanhada pela furia dos ventos que a trouxe de arribada a Lisboa. Pedro Alvares ainda esperou dois dias por elle; não veiu, seguiu.

Navegou para oeste, e avistou terra, aos 21 de Abril d'aquelle anno. Viram o monte Paschoal, um píncaro da serra do Mar, da serra dos Aymorés, na Bahia; pozeram-lhe aquelle nome, porque a sua descoberta coincidiu com a Paschoal.

Era o continente de Colombo, mostrando-se pelo meio a offens portuguezes; era o Brazil. Acaso? consequencia de tempestades que o obrigaram a sair do rumo? correntes marinhas?

Falta de melhor, sao estas as cauzas que os historiadores chamaram para o caso. Documentos historicos, por ora, não ha; talvez apareçam.

Mas a logica, a real apreciação dos factos, não aceita nenhuma d'aquellas hypotheses.

Como diz Varnhagen, os receios do *mar tempestuoso*, já não existiam. A preferencia da navegação do mar alto sobre a costa já é real. Bartholomeu Dias e Vasco da Gama já tinham fugido da costa e afirmavam que se ia assim com menos risco.

Havia cartas muito bem feitas e processos para tomar posições; progredira-se muito desde Colombo. A ambição da descoberta era uma doença, uma mania.

Era uma nodôa, uma vergonha, ir e voltar na trilha d'outro, sem trazer umas leguas, poucas que fossem, de terra nova. Era, como dissemos, a cavalleria errante dos mares.

Tempestade, não; é um contrasenso. Primeiro, porque a unica tempestade afirmada é a que surgiu antes ou perto de Cabo Verde, que trouxe uma nau de volta a Lisboa; era para leste.

Se fosse essa, a unica de que há noticia no roteiro, seria contraproducente; trazia a armada a Lisboa, ao ponto de partida.

Segundo, porque o natural efeito da tempestade era separar os navios, perdê-los uns dos outros, como foi sempre; como tinha sido em Cabo Verde, como foi depois, quando se virou a proa ao cabo e à India.

Os doze navios chegaram juntos á vista das terras brasileiras; tempestade, não.

Correntes, ainda menos. A *gulph-streem* vem, do golpho da Guiné ao do Mexico, quasi na linha equinocial.

Se fosse essa que apanhasse Pedro Alvares e elle a não podesse vencer, vinha ao Mexico, não já à Bahia. Corrente para essa latitude, do alto mar, fôra preciso invental-a.

Vasco da Gama, é verdade, tinha percebido a *Gulph-Streem*, tanto que aconselhou Cabral que fugisse do bolso da Guiné, porque o mar alli era muito revolto; era a corrente. Mas Pedro Alvares tomou outro rumo, muito diverso das navegações precedentes, principiando o seu afastamento da costa de Africa muito para o norte da Guiné.

Não seguiu o conselho do Gama; seguiu a sua vontade, a sua cubiça, a sua ambição.

É possivel que tomasse este rumo, manifestamente novo, divergente da sua rota official, ao accaso?

Fôra preciso que se ignorassem os processos de determinar as posições, que não fosse alli Bartholomeu Dias e os irmãos e Nicolau Coelho e outros que todos eram já experimentados pilotos d'aquelles mares.

Tantos dias fôra, muito fôra do rumo, dando a popa à sua derrota, era positivamente um ajuste, uma combinação, em que o capitão estava de accordo com todos os commandantes; ajuste, combinação, plano, para que todos haviam concorrido; uma desobediencia à ordem real.

Por ventura não concorren esta desobediencia para a frieza com que D. Manuel tratou Cabral? Foi esquecido; não se tratou mais d'elle; ficou inutilizado.

E verdade que o rei venturoso tinha este gratissimo meio de pagar os serviços dos seus vassallos mais dedicados; Duarte Pacheco que o ateste. Porém, a pouca importancia que D. Manuel ligou à nova terra.

tendo-a quasi abandonada em todo o seu reinado, e o servilismo que elle exigia de todos, auctorizam a suspeita de que elle considerou a descoberta do Brazil, como uma rebelião ás suas ordens.

Para nós, a descoberta do Brasil foi intencional; uma systematica conquista portugueza.

* * *

Mandou Cabral levar a nova a Lisboa por Gaspar de Lemos, portador d'uma carta para el-rei, onde minuciosamente relata tudo que viu e interessava ao conbimento da nova terra. Mandava-lhe um natural e specimens de tudo que podesse auxiliar no juizo da vida d'este povo indígena — costumes, grão de civilisação e natureza da terra e suas producções.

Com onze naus, volta para a India no dia 2 de Maio. Nas visinhanças do temeroso cabo, um violento temporal caiu sobre a armada; quatro naus se afundaram, perdendo-se todas as vidas e cousas que iam n'ellas.

Bartholomeu Dias, o grande navegador d'aquellas sinistras paragens, alli ficou sepultado nas aguas que primeiro cortara:

«Aqui espero morrer, se não me engano,
Da quem me descobrir crúa vingança.»

Ayres Gomes da Silva, Vasco de Athayde e Simão de Piná eram os outros capitães.

A nau de Pero Dias desapareceu, indo ter a Magadoco, d'onde conseguiu voltar a Lisboa, ao cabo de numerosos trabalhos, trazendo apenas seis homens!

Com seis naus, das treze que trouxera de Lisboa, passou Pedro Alvares o cabo. Correndo ao longo da

extensa costa, visitou Sofala, demorou-se em Quíosa, com cujo rei se avistou, propondo-lhe alianças e tratados de paz e commercio.

No correr das negociações, soube como lhe ruidam ciadas em terra, com animo de o perder. Deu de mão ao ajuste e seguiu para Melinde, onde aportou no dia 2 de Agosto. Nos cinco dias que esteve ali, trocaram-se entre os nossos e os naturaes as mais sinceras mostras de amisade. Ayres Correia, com outros, foi a terra, levar a el-rei as cartas, os presentes e o embaixador que viera com Vasco da Gama. Foram recebidos pela apinhada multidão em ruidosas festas. Da praia até o palacio do rei atravessaram entre alas de mulheres com perfumadores nas mãos, aljofarando-os. El-rei sentado num throno lavrado de ouro e prata os recebeu muito alegre, pedindo-lhes que ali ficassem seus hóspedes nos dias que a armada se demorasse no porto. No dia seguinte o rei veiu ao mar avistar-se com Cabral. Foi a mais cordeal esta visita; trocaram-se protestos de amisade de parte a parte.

Cabral deixou em terra dois degradados para se informarem do que convinha e darem instruções aos portuguezes que ali passassem; deixou dois emissários escolhidos — João Machado e Luiz de Moura que, segundo a ordem de D. Manuel, deviam ir por terra em demanda do celebrado Preste João, e, tomando dois pilotos que o rei gentilmente lhe deu, foi-se à travessia do grande golfo, aos 7 do mesmo mês de Agosto.

Em 13 de Setembro fundeava em Calicut, tendo-se demorado em Anchediva no reparo e limpeza das naus.

São esperançosas as primeiras relações com o soberbo rajah do Malabar. Manda dois Naires, dos principaes da sua corte, cumprimentar Cabral a bordo, pedir-lhe que salte em terra onde será amistosamente recebido em pessoa e em negocios que venha tratar. Marca-se a entrevista n'uma casa, terraço ou eirado, chamada *cerame*, junto da praia. Vem ahi o rei, acompanhado de toda a corte, no meio das maiores pompas e grandiosas festas. Concede a Cabral quanto lhe pede — casa para a feitoria, licença para negociar, tratado de paz, aliança e commercio com Portugal.

Em poucos dias, Ayres Correia com a gente necessaria está installado n'uma espaçosa casa, junto da praia, em cujo cimo tremila a signa portugueza; vem das naus a fazenda para o resgate e este começa activamente.

Consta ao Samorim que de Cochim tinha sahido uma nau de mouros, vinda da ilha de Ceylão, com elephantes destinados a Cambaia; que entre os bichos ia um muito ensinado para a guerra, que o Samorim mandara comprar e que lhe não tinham querido vender. Intenta vingar-se d'esta affronta e experimentar a lealdade do tratado, recentemente feito com Cabral; por ventura conhecer-lhe o esforço, a coragem, o poder. Pede a Pedro Alvares que lhe segure a nau e lhe traga a carga.

Cabral manda logo fazer a caça por Pero de Athayde, na companhia de Duarte Pacheco Pereira e João de Sá; o rajah mandou alguns mouros, certamente para espías. Segue Athayde: avista a nau perfo de Cananor, dá-lhe ordem de rendição. Os mouros que a tripolayam, ouvindo a ordem, partida d'un barco tão insignificante em comparação com o seu, riram-se a perder; em altas vozes e gritaria, foram arremessando sobre os nossos alguns tiros de frechas e bombardas.

A resposta foi tão eloquente, que a alterosa nau, já de noite, perseguida de muito perto, arribou a Cananor. De manhã foi aprofada, no meio de quatro outras, também de mouros que a defendiam; aprofada, fiscada e conduzida a Calicut captiva, ella e toda a sua tripulação.

Era a primeira, enorme façanha que os peitos lusitanos praticavam n'aquelles longíquos mares. Lá estava Duarte Pacheco, o homem mais valente que o sol indiano aqueceu; a elle, ao seu braço indomável, foi devido o melhor quinhão d'esse acto de inqualificável audacia e valentia.

O rajah ficou estupefacto; veiu em pessoa á praia receber os nossos, cobrindo-os de honras e de elogios.

Os mouros viram claro: a riqueza d'esse comércio extraordinário, cujo monopólio era seu, ia escoar-se-lhes das mãos. Intrigaram, seduziram, queimaram o último cartuxo.

Pedro Alvares Cabral, homem de espírito demasiado alívio, irritável, não tinha as condições requeridas para a situação; não possuia a prudência, a astúcia, para aceitar vitoriosamente a guerra dos mouros.

Estes conseguiram estagnar o comércio de Ayres Correia. Cabral esperava no porto carga para as naus e o feitor dizia-lhe todos os dias que a não tinha. Quebrou todas as medidas de prudência. A primeira nau que seguia carregada, depois que se convenceu que lhe não davam a carga para as suas, agarrou-a, saqueou-a, baldeou-a.

Era de mouros. Estes, em terra, foram ao rei, contaram-lhe o caso estranho, pintando-o com as cores mais terríveis.

Amotinaram-se, compraram a multidão; invadiram à força armada a feitoria portugueza. Ayres Correia e a maior parte de seus companheiros foram trucidados; a fazenda arrecadada na feitoria, roubou-se.

O caso era muito grave; Cabral não teve capacidade para o vingar e para tirar d'ele o melhor partido. Foi segunda vez e ainda mais infeliz no processo. Em vez de se dirigir ao Samorim, requerer, exigir completa reparação, d'onde era natural nos viesse a preferencia sobre os mouros, foi logo ás do cabo, ás ultimas violencias.

No porto estavam dez naus de mouros em carga; aprisionou-as; matou toda a gente que as guarnecia, em numero não inferior a quinhentos; carregou-lhes toda a mercadoria; queimou-as, depois de esvaziadas. Era muito; era um vexame, uma ruptura do tratado, sem ter ouvido a parte que ainda não estava demonstrado que fosse contraria.

Mas, emfin, era uma represalia contra mouros, declarados, confessos inimigos.

Mas bombardeou a cidade, causando-lhe enorme dano. Era claramente responsabilisar os naturaes como cúmplices, aliados dos mouros, cousa que não estava demonstrada; era agora allia-los solidamente contra nós; era firmar essa continua luta que tanto mal nos fez, que nunca em definitivo pôde evitarse.

Levantou ferro e dirigiu-se a Cochim, trinta leguas adiante.

Foi muito bem acolhido. Cochim como Melinde receberam a nossa alliance de braços abertos e de coração leal e generoso. Essas relações nunca se

afrouxaram; a lealdade nunca se apagou. Logo se mentou a feitoria, confiada a Gonçalo Gil Barbosa; o resgate foi abundante.

Cabral sae d'ali com o seu carregamento feito; completou-o ou abarrotou-o em Cananor onde também foi bem acolhido, e, em Janeiro de 1501, das costas à India, em viagem para o reino.

Não pôde entrar em Melinde; o temporal era violento, os ventos contrários e fortes.

Ahi sossobrou a nau de Sancho de Thoar, salvando-se apenas as vidas. Por mais esforços que fez Cabral para lhe tirar ao menos a artilharia, não pôde. Tiraram-na mais tarde os de Mombaça, servindo-se d'ella contra nós.

Em Moçambique, fez aguada e reparo das naus, mandando Sancho de Thoar a Sofala e de lá ao reino.

Aos 22 de Maio, dobrava Cabral o cabo; encontrou-se com Pero Dias em Cabo Verde e entrou em Lisboa, no dia 31 de Julho de 1501.

D. Manuel resolvera mandar uma armada por anno à conquista e ao resgate das novas possessões. Por isso expediu João da Nova, alcaide de Lisboa e gallego de nação, em 5 de Março de 1501, antes da volta de Cabral.

Levava quatro vélas, trez naus e uma caravela. Fez uma viagem feliz a todos os respeitos. Descobriu a ilha da Conceição; dobrou o cabo sem incidente; chegou a Moçambique, no principio de Agosto.

Em Quilôa teve informações do ocorrido com Cabral, por uma carta d'este; na aguada de S. Braz achou n'uma arvore uma carta de Pero de Alhayde.

Pelas duas, foi informado do que se havia passado em Calicut.

Em Melinde foi muito bem recebido e informado ainda do ocorrido. Fez-se de prôa para a India; aportou, segundo o estylo, a Anchédiva, fazer aguada. Passou em Cananor, onde foi muito bem acolhido do rei, promettendo-lhe carga e offerendo-lhe dímeiro, se d'elle carecesse.

Respondeu que agradecia muito, mas que nada podia resolver ou aceitar, sem ir primeiro a Cochim, com cujo rei havia tratado de alliance e commercio.

Adiante encontrou uma nau de Calicut; aprisionou-a, varejou-a da carga e deitou-lhe o fogo.

Seguiu para Cochim, onde foi muito bem recebido pelo rei e pelos portuguezes que lá estavam e que, apesar do bomtratamento dos naturaes, se não julgavam seguros pela inimizade dos mouros e do Samorim.

O feitor tinha muita fazenda ja recolhida; em breve tempo se completou a carga, e João da Nova, dispunha-se a voltar, com destino a Cananor, onde, segundo a offeria do rajah, ia receber alguma especiaria. Foi avisado por este rei amigo de que de Calicut vinha ao seu encontro, com animo de o destruir, uma poderosa armada; que se acantelasse e viesse junto a terra, para elle o poder mandar soccorrer. João da Nova agradeceu e seguiu seu destino. Entrou em Cananor.

No dia seguinte de manhã, a bahia estava coalhada de paraus e navios grandes cheios de mouros e mala-bares; passava de cem velas. Tomavam-lhe a sahida; tinham-no bloqueado.

João da Nova, com uma calma admiravel, fez a sua carga e as suas despedidas, e, uma vez promplo, tomou as suas providencias. De terra o gentio espreitava; salvação, ninguem a via.

Dispoz as naus em quadrado, permitta-se a phrase, a moda de Nuno Alvares; de forma que todas se podessem auxiliar e não permitissem a abordagem. A artilleria, perfeitamente dirigida, trabalhava sem cessar; os paraus procuravam abordar; eram repellidos ou metidos no fundo.

Durou todo o dia este terrivel e desegual combate. Pela tarde, as perdas do inimigo eram enormes, as dos nossos insignificantes.

Soube-se depois que os mortos chegaram a quatrocentos e dezesete.

Ao sol posto, o inimigo içou a bandeira da paz. João da Nova singrui que não via e foi surzindo n'elle com a mesma vontade. Vieram avançando com o signal; João da Nova recebeu-os á falla com as necessarias cautelas.

Um mouro pedia treguas até o outro dia;—que sim, com a condição de irem ja saindo a barra fora na frente da armada, abrindo-lhe passagem.

Assim se fez, passando-se a noite em continua vigilia, porque o plano dos mouros era virem pela calada cortar as amarras e deitar fogô ás naus portuguezas. Foram presentidos e postos em obediencia.

Ao amanhecer fugiam e João da Nova, bem contente por se ver livre de tamanho perigo, levantou ferro para o reino.

Nas alturas do monte Delly, tomou uma nau de Calicut, a que fez o mesmo que fizera á que encontrou na sahida de Cananor para Cochim, e, sem outra novidade ou incidente desfavoravel, chegou a Lisboa, aos 11 de Setembro de 1502.

Foi uma das mais rapidas, das mais felizes, das mais dignas viagens que se fizeram e uma das que mais concorreu para o credito, para o prestigio das armas portuguezas no oriente.

Na volta aportou a uma ilha do oceano, a que deu o nome de Santa Helena, logar fresco, uberrimo, de esplendida agua e seguro ancoradouro.

Volta D. Vasco da Gama, almirante dos mares da India. Ia informado de tudo que se passara com Pedro Alvares. A sua propria sciencia, a boa vontade que trouxera ao Samorim, accrescia a narrativa de Cabral, o assassinato de Ayres Correia e seus companheiros; accrescia o genio energico, impetuoso, diremos mesmo sanguinario, de Vasco da Gama.

Treme traidor e soberbo rajah do Malabar!

A gloriosa bandeira, a bandeira immaculada que a perfidia abateu do alto da primeira feitoria portugueza, por tua licença aberta na tua capital, clama tremenda vingança; o sangue portuguez, immolado na defesa d'essa signa venerada, cahirá sobre tua cabeça. Treme rajah do Malabar!

Compõe-se esta grande armada de vinte vélas, divididas em tres capitarias. Debaixo do commando immediato do almirante iam dez; cinco eram comandadas por Vicente Sodré, tio do capitão-mór e outras cinco eram confiadas a Estevam da Gama, primo-irmão do mesmo Vasco da Gama.

Ia ainda a madeira preparada e todas as peças para uma caravela, que devia ser armada em Moçambique, para ficar de guarda á costa de Sofala.

Vasco da Gama e o tio Vicente Sodré sahiram com as suas quinze vélas, do forte de Belém, em 10 de Fevereiro de 1502; Estevam da Gama, no primeiro de Abril do mesmo anno.

A divisão de Vicente Sodré destinára-a D. Manuel a ficar na India, durante o inverno; era o cruzeiro que se inaugurava, indispensável para a garantia das feitorias estabelecidas, defesa dos portuguezes que se iam fixando na India, defesa dos reis aliados, principalmente do de Cochim, ameaçado pelo Samorim, por ser nosso amigo.

Finalmente, devia Sodré chegar à boca do golpho árabe, esperando as naus dos mouros, quando viessem para a India e fazer-lhes todo o dano que podesse. As outras naus eram destinadas à carga e volta com ella ao reino.

* * *

Vasco da Gama chegou a Moçambique sem incidente ou novidade; tendo ido com quatro velas a Sofala, avistar-se com o xeque.

Foi d'este muito bem recebido; fizeram-se pactos de boa amizade e alliance.

Em Moçambique montou-se a caravela, dando o admirante a sua capitania a João Serrão.

Foi da mesma sorte muito bem recebido do xeque de Moçambique, que já não era o mesmo da sua primeira viagem.

Seguiu para Quilôa.

As suas disposições para este regalo não eram boas, segundo as informações de Pedro Alvares.

Mandou-lhe a sua embaixada, pedindo-lhe que o viesse ver ao mar. O xeque veiu com muita confiança e boas palavras. Vasco da Gama foi-lhe dizendo—que, em pagamento da boa acolhida que elle fizera a Cabral, o ia levar prezo, em viagem de recreio até a India e na volta lhe dictaria as condições do seu resgate.

Nesta altura faltavam já duas naus à armada; uma, perdera-se em Sofala, salvando-se a gente e a carga, outra, tresmálhara de Moçambique a Quilôa.

O regulo enfiou: prometeu a Vasco da Gama que faria tudo que elle quizesse em troco da sua liberdade. Ajustou-se que elle pagaria de tributo anual à coroa portugueza dois mil meticaes de ouro. Prometeu o xeque que pagaria já o tributo d'aquele anno, apenas saltasse em terra; que o deixasse ir, e ficaria em refens o primeiro homem da sua corte.

Refinado patife! este primeiro homem era um seu ligadai inimigo, do qual elle suspirava por ver-se livre! De sorte que, ganhava duas vezes com o jogo — não pagava e livrava-se do adversario.

O que ficou captivo pagou o tributo; Vasco da Gama recebeu e pol-o em liberdade, seguindo em direcção a Melinde.

As correntes não o deixaram entrar n'este porto, como muito desejava.

O rei, informado da sua passagem, mandou-lhe o seu recado e presentes e Vasco da Gama seguiu para Anchédiva, segundo o uso.

Cortava para Cananor, quando avistou uma grande nau que vinha de Calicut e ia para Méca, carregada de valiosa mercancia e de gente moura, muitas famílias que iam em romagem aos seus santos logares.

Foi um alegria para o almirante e sua companhia.

Esta nau pertencia ao grão Sultão e chamava-se Mery. Foi apropada, abordada; os passageiros e tripulação passados a ferro — homens, mulheres, creanças e velhos; mais de trezentas pessoas, dizem uns; quinhentas afirmam outros. Escaparam apenas alguns meninos que Vasco da Gama resolveu trazer ao reino.

baptisar e meter no convento dos Jeronymos de Belém, que se estava fazendo e já funcionava.

• • •

Seguiu para Cananor, onde foi perfeitamente acolhido, celebrando-se o definitivo tratado, igual ao que havia já com o rei de Cochim. Aportou a Calicut, sem pedir licença e sem fazer grande arruado.

O astuto rajah tremeu à vista de tão grande armada. Mandou um embaixador, um mouro, em trajes de frade franciscano (pertences do roubo da feitoria de Ayres Correia; os franciscanos que foram com Cabral estavam lá, salvaram-se à custa e alguns pelo que se via agora, lá tinham deixado a roupeira; o próprio guardião frei Henrique só tinha podido escapar, muito ferido, deitando-se à agua).

Este embaixador que, por cauza do habito, conseguiu chegar à falla com o almirante, confessou que era mouro e vinha da parte do rajah propôr paz e aliança, nos termos em que lhe fosse concedida.

Vasco da Gama respondeu que, como preliminar para poderem entrar em ajustes, entregasse o rajah toda a fazenda roubada à feitoria ou coisa que a valesse e mandasse sahir da cidade quantos mouros havia lá.

O rajah respondeu — que a fazenda a pagaria; mas expulsar os mouros, não podia; que eram muitos; orçavam por cinco mil famílias e tinham muito poder.

Andava-se assim n'um nunca acabar de recados e embaixadas que o rajah de propósito ia demorando, com o caviloso fim de ganhar tempo, esperar auxilio de Meça e reunir forças na cidade.

Vasco da Gama definiu a situação, abreviando as soluções:

Apanhou quantos barcos andavam por ali pes-
cando e guardou a gente que os tripulava. O rajah
encheu-se de si, mandou-lhe dizer — que lhe entregasse
os seus subditos e se fizesse ao largo para fora de
seus dominios, porque não queria nada com elle,
nem com a sua gente.

Vasco da Gama respondeu-lhe: — que elle só
recebia ordens do poderoso rei de quem era criado, que
esse seu rei valia tanto, que elle Vasco da Gama, só em
ser seu vassallo, era muito superior a qualquer rajah
do Oriente, quando mesmo se chamassem Sumorim do
Malabar, que reis d'aquelles, fazia-os D. Manuel de
qualquer bocado de palmeira.

A ordem que elle lhe mandava de se retirar d'alli
tinha tanto valor como a que elle Vasco da Gama lhe
mandava agora prohibindo-lhe que mastigasse o seu
betelle. Ao contrario de a cumprir, ia avisinhar-se
mais de terra, marcando ao rajah o periodo irrevo-
gavel, até ao meio dia seguinte, para lhe dar as
satisfações que requeria.

O rajah encolheu-se Vasco da Gama, á hora mar-
cada, mandou enforcar nas vergas todos os captivos da
vespera, ali, bem á vista dos parentes, amigos e conhecidos.
Mandou dar numa boa descarga de artilharia sobre o povo
que se apinhava na praia em altos gritos de dor. Mandou
esquartejar os corpos deitar os troncos na maré que
enchia e os levava á praia; os pés e mãos mandou-os em
dois bateis a terra com uma carta insultante ao rajah,
onde lhe prometia pagamentos ainda melhores. Mandou
de noite aproximar as naus ainda mais da cidade, e, ao
amanhecer, bombardeou-a com mais furia e estrago
do que o fizera Cabral.

Empregou-se n'este mister todo o dia 29 de Novembro, sendo executado galhardamente por dezenas de naus.

Feito isto foi para Cochim:

Aqui foi recebido como esperava. Os portuguezes que alli estavam o informaram da maneira generosa e leal como tinham sido tratados e auxiliados pelo rei contra a continua conspiração dos mouros. Foi logo visitado por parte do rei amigo, pelos seus principaes fidalgos Naires e Caimaes; e, ao dia seguinte, se avistaram. Trocaram-se presentes riquíssimos que iam do reino para o rei e este mandava a D. Manuel, carregaram-se as naus e Vasco da Gama estava pronto para voltar.

O astuto Samorim não perdia ensejo para vinganças. Mandou a Cochim um dos seus brahamanes com a familia, pedir ao Gama que viesse com a sua armada a Calicut, que elle o queria receber em boa paz, pagar-lhe o que lhe pedira, assignar tratado e dar-lhe carga quanta quizesse.

Contra a opinião do conselho, Vasco da Gama foi. Foi na sua nau e acompanhava-se d'uma caravela que nas alturas de Calicut mandou adiante avisar Vicente Sodré de que viesse encontrar-se com elle para irem juntos a Cochim.

O Samorim tinha uma grossa armada à espera do almirante; este, só com grande risco e dificuldade, pônde fugir, sendo seguido de perto pela alluvião de paraus que procuravam perdel-o. Valeu-lhe o ferral rijo que lhe deu boa marcha e encontrar-se com o fio no largo mar. Viraram a proa e deram sobre a armada do

Samorim, composta de trinta e quatro paraus, pondo-os em fuga e derrota.

Vinha o Gama de Cochim para Cananor, a completar a sua carga, quando, na altura de Calicut, foi novamente atacado por vinte e nove naus. Duas, foram abalroadas por Vicente Sodré, Diogo Pires e Pero Raphael: a tripulação deitou-se ao mar; foram apanhados pelos bateis e mortos cerca de trezentos malabares e mouros. As outras naus poseram-se em salvamento.

Em Cananor se ajunlaram tres velas que estavam já carregadas. Deu-se a ultima demão aos tratados que foram alli escriptos e assignados, e, aos 28 de Dezembro, voltava o almirante a sua prôa á costa africana, com treze naus, todas bem carregadas, com especiarias e ricos presentes e grandes objectos de valor encontrados em diversos lugares.

Vicente Sodré, segundo as instruções, ficava de corso na India, guardando a costa do Malabar, defendendo os reis amigos contra o Samorim e contra os mouros.

Ordenava-lhe Vasco da Gama que, no mez de Fevereiro, viesse para a bocca do golpho arabico, esperar as naus de Méca e fazer-lhes o danno que podesse.

Parando apenas em Moçambique, a tomar agua e algum refresco, Vasco da Gama entrou em Lisboa, no dia primeiro de Setembro de 1503.¹

Dos dois mil melicaes em oiro, tributo do regulo de Quilôa, mandou D. Manuel fundir a celebre custodia

¹ No opusculo — "A Honra de Vasco da Gama" que saiu no enfrontes em que este livro se fazia, tivemos de fazer analyses e referencias a esta viagem de Vasco da Gama; as suas causas e as recompensas de D. Manuel. Foi a razão porque supponhamos aqui muitos esclarecimentos especiais que forneciamos duplamente.

que offereceu á egreja de Belém, segundo os desenhos que D. João II mandára fazer na Italia. Custodia esta, que ainda figurou com grande admiração na exposição de Pariz de 1867, e que, desaparecendo da egreja a que pertencia... tirada, não se sabe por quem... anda, não se sabe por onde... pertence hoje... não se sabe a quem.

* * *

Pinheiro Chagas, o sentimentalista, influenciado extraordinariamente pelo roteiro de Thomé Lopes, escrivão da nau de Estevam da Gama e pelas paixões e exageros de Gaspar Correia, fica-se em largas exprobrações a Vasco da Gama pela sua violencia e crueldade n'esta segunda viagem. Mornamente, por cauza da carnisicina da nau Mery, que elle conta de um modo peripatetico, que armá ao effeito.

Calmamente, não ha quem não se sinta impressionado por tanta morte, por tanto sangue.

Mas a questão é fazer-se um pouco de analyse das situações, metter-se a gente dentro d'ellas, como parte integrante. O ponto de vista é logo outro.

Ora diga alguém, ao contemplar o quadro do juizo final, em que o bom Deus ha de ir mandando para a sua esquerda, sem appellação nem agravo, todos os reprobos que hão de ser muitos; diga alguém se, ao ver a entrada d'aquellas multidões nos caldeirões de Satanaz, não se lhe arripiarão as carnes!

Pinheiro Chagas não acharia este juizo menos cruel, esta justiça menos terrível; e é do bom Deus que se trata!

E' duro, sim; mas Vasco da Gama estava farto de saber o processo unico por que devia tratar esta gente. O sentimentalismo e o perdão nunca deram senão derrota, ingratidões e traidores.

No estado em que Pedro Alvares Cabral deixara as cousas, o procedimento do almirante não podia ser senão o que foi.

O que se pôde e deve discutir é aquillo sobre que já traçamos o nosso juizo, e se Pedro Alvares não poderia ter criado uma nova situação.

* *

O Samorim exigira do seu tribúlio de Cochim a entrega dos portuguezes que estavam lá estabelecidos queria matá-los; era um processo de vingança por partes; achava-se atacado de portuguezophobia.

O rei de Cochim era um aliado serio, leal; era digno da sua coroa. Respondeu — que não; que praticar tal baixeza, tal traição, não era de rei, era de pulha.

Apenas o almirante virou costas á Índia, foi segunda embalizada e esta em forma de ultimatum: ou a entrega ou a guerra; mas guerra de extermínio, de deposição e de annexação.

A mesma firme e nobre resposta.

Os portuguezes souberam-no; já toda a costa do Malabar estava informada dos grandes preparativos do rajah de Calicut. Foram ter com o rei, agradeceram-lhe a sua lealdade que ia até o sacrifício e pediram-lhe que os deixasse ir embora e se salvasse a si e ao reino; que estavam lá as naus de Vicente Sodré; embarcavam n'ellas ou em outras e iam para Cananor onde estavam mais seguros e mais ao alcance do socorro.

O rei insistiu na sua nobre conducta: — que não os deixava ir, salvo se não confiavam n'ele ou tinham outro receio. Que elle, tendo-os junto de si e defendendo-os, cumpria o seu dever de fidelidade ao seu amigo, irmão e poderoso rei D. Manuel.

Preparavam-se os de Cochim para a defesa; o rei avisou Vicente Sodré e pediu-lhe auxílio; era o seu dever e a recommendação que lhe ficara.

Foi um pulha este senhor.

Respondeu que ia para Guardafui caçar naus de Méca, segundo seu rei lhe mandara; que das lutas intestinas, civis, dos povos do Malabar, não queria saber.

E abalou.

Teve logo o pago, sempre devido a traidores e desleaes. Estava na ilha de Curia Muria, com seis naus; as suas cinco e a caravela de Sofala. Chegava o mez de Maio; os naturaes disseram-lhe que voltasse as naus para poente da ilha, porque n'aquelle mez havia, todos os annos, um temporal tão forte de nordeste, que nenhum navio por mais valente lhe resistia.

Fanfarronou. Que ficava, que não tinha medo, que os seus barcos não tinham mastros de palmeira, nem amarras de *imbira*, nem ancoras de pau.

Trez de seus companheiros desobedeceram e foram para o logar apontado como abrigo; elle ficou com um irmão, duas naus e a caravela em terra, limpando-se.

Veiu o temporal e as duas naus foram ao fundo, não se salvando nada.

Vicente Sodré foi para o vasto pêgo, pagar a sua conducta em Cochim.

As tres naus que escaparam, sabendo como ardia a guerra no Malabar, procuraram salvar a infamia de Vicente Sodré, correndo em auxilio do rei amigo. Juntaram-se em caminho com a divisão de Francisco de Albuquerque, que do reino ia para a India.

De facto, o Samorim, juntando um poderoso exército, caiu sobre Cochim. Vários Naires d'este reino se entregaram ao invasor. Este por toda a parte por onde passava punha o ferro e o fogo. Chegou em frente da ilha de Cochim e procurava passar numa restinga, onde de baixa maré a água dava pelo meio da perna.

As forças do rei de Cochim defendiam esse passo valorosamente. O Samorim, ao cabo de demorada luta, conseguiu pela traição vencer a resistência e tomar a ilha. O rei, às pressas, com a sua gente fiel, seus tesouros e todos os portuguezes, que teve sempre a seu lado, passou para outra ilha de largo mar.

Cochim foi destruída, incendiada. O reino amigo de Portugal estava nas mãos do perfido rajah de Calicut, mas o rei leal, a heroica vítima da sua nobreza, cumpria o seu dever.

Portuguezes, nem um ainda poderá obliter o terrível invasor.

* * *

Em 1503, sae de Lisboa uma armada, dividida em três capitaniias de três naus cada uma.

Affonso de Albuquerque, o grande conquistador indiano, commandava uma; seu primo Francisco de Albuquerque outra, e Antonio de Saldanha a terceira.

Vai na frente Francisco de Albuquerque.

Em caminho encontra as naus restantes de Vicente Sodré; sabe-se por elas do aperto do rei do Cochim e corre em sua defesa. Levava ainda consigo a nau de Antonio do Campo, que se perdera da armada do almirante.

Chegado a Cochim Francisco de Albuquerque, muda completamente a sorte d'aquele reino e d'aquele rei. Este volta á sua capital, que é restaurada; diversos Naires traidores são presos, mortos e as suas terras confiscadas.

O altivo Samorim treme de raixa, mas não se meche no seu antro. Francisco de Albuquerque, segundo as instruções que trazia e aproveitando as circunstâncias, requer e obteve a feitoria em Cochim d'uma fortaleza para garantia dos portuguezes e da sua fazenda; ainda dos naturaes, em caso de nova invasão. Lançam-se rapidamente os fundamentos d'essa primeira e legítima afirmação da posse e conquista portugueza nas costas do Mularhar.

Chega entretanto Affonso de Albuquerque; com elle vinha Duarte Pacheco Pereira, já nosso conhecido e que em breve vai vingar heroicamente a affronta do soberbo Samorim.

Mandou logo para o reino a nau de Antonio do Campo, bem carregada de carga e de informações para el-rei. Francisco de Albuquerque segue, também carregado, para o reino e Affonso de Albuquerque fica continuando a edificação, guardando Cochim, e esperando a sua carga para voltar também.

De commun accordo, ficou ainda assentado, que Duarte Pacheco permanecesse na India, principalmente em Cochim, em defesa do rei e dos nossos, na previsão de nova invasão do Samorim. D'isso tinham mandado avisar el-rei por Antonio do Campo.

Francisco de Albuquerque, bem carregado, perdeu-se; ninguem mais o viu, nem escapou da sua armada quem desse informações.

Affonso de Albuquerque foi a Cantão, reino poderoso, cuja rainha lhe mandara a Cochim uma

embaixada, propondo-lhe aliança e tratado commercial; pedindo-lhe que fosse lá receber carga para duas naus.

Foi muito bem recebido; fez optimo resgate e firmou o tratado do estylo, deixando lá feitoria Antonio de Sá de Santarém com vinte homens lá se estabeleceu.

Completou em Cananor a sua carga com gengibre, e voltou ao reino, sôlo e salvo.

* * *

A terceira capitanea d'esta expedição, commandada por Antonio de Saldanha, tambem composta de trez naus, sendo Ruy Lourenço Ravasco e Diogo Fernandes Piteira de Setubal os outros capitães, sahiu de Lisboa, em Maio d'este anno de 1503.

Levava uma missão igual á de Vicente Sodré. Ficava na India, cruzando em defesa dos pontos ocupados pela dominação portugueza; na epoca, vinha ao cabo Guardafû e corsariava as naus de Méca.

Esta expedição foi verdadeiramente um vulcão destruidor; uma pirataria abominável!

Toda a costa africana adiante de Quilôa foi devastada, saqueada, tributada, com enorme derramamento de sangue e actos de crueldade; o que se não podia guardar, destruia-se.

Ravasco perdeu-se dos companheiros e sósinho ia na frente praticando toda a ordem de devastações; Saldanha, atraç, completava a terrivel ordem, e junto com Ravasco foram ás ultimas.

Dirigiram-se para a bocca do golpho, esperar as naus de Meca; foi um regabofe. Aproximando-se por fim as monções, foram para a India, refrescando segundo o estylo em Anchediva.

Lopo Soares d'Albergaria sahira do reino, em 22 de Abril de 1504, com boas naus e muita gente escolhida. Encontrou-se em Anchediva com Antonio de Saldanha e foram juntos para o Malabar.







CAPITULO XXIII

Duarte Pacheco: grande época. — Guerra entre Calicut e Cochim; invasões do Samorim. — Heroísmo e pericia de Pacheco. — Carta de armas do rei de Cochim; outras provas. — Recepção em Lisboa. — Recompensas finais; transcrição de Damião de Góes.



M dos mais bellos quadros, dos mais característicos exemplos da alma heroica, cavalheirosa, altiva da gente portugueza, este de D. Duarte Pacheco em Cochim. Legítimo representante de Nuno Álvares, das suas qualidades, da sua escola.

Como a egregia figura do grande condestável alevanta no seculo XIV uma bandeira mais alta do que todas, um sol de luz mais brilhante, cujas

irradiações se espalham por toda a Europa; assim vamos entrar agora, mais d'um seculo depois, n'uma época de brilho, de glória, de renome, que se estende pelo universo inteiro.

Foi um momento fugaz, um meteoro de rápida passagem; mas tamanho, tão fulgorante, que os séculos ainda o encheseram e as gerações nunca lhe negarão o seu respeito.

Sim, nós vamos morrer; a vida era impossível. Foi o excesso de oxigeno que nos matou. Alcacer-quivir não é somente um destino: é uma necessidade; tinha de ser. Vamos morrer. A formula da expansibilidade só podia ser como João II a sonhara, a comprehendera, a deduzira. Affonso de Albuquerque fora o único de seus discípulos que a comprehendeu e que a sabia realizar.

Foi uma vítima, similar ao martyr de Alfarrobeira; faltava-lhe o poder, faltava-lhe o meio, faltava-lhe a amizade.

Nuno Alvares supriu tudo isso, porque foi um rebelde; tinha a intima noção da sua responsabilidade indivisa e ia por diante. As condições eram outras, muito mais apertadas.

Se o infante D. Pedro e Affonso de Albuquerque se completassem com a forma auctoritaria de Nuno Alvares, tinham-se equalado na obra; cada um, segundo a época. A vida histórica de Portugal teria sido outra.

* * *

Duarte Pacheco é o precursor de Affonso de Albuquerque, o Alexandre portuguez das Indias.

Se nas velhas lutas da Grecia com a Persia, aquella se vê obrigada a formar de seus peitos muralhas de ferro contra as terríveis invasões d'esta, e

Leonidas é o precursor do invencível macedônio, terrível açoite vingador da pátria invadida e talada. Duarte Pacheco, defendendo nas novas e não menos glorioas Thermopylas de Cambalão a passagem das multidões guerreiras do Samorim, não menos numerosas, não menos ameaçadoras que as do sol asiático, afigura-se-nos o precursor do grande Albuquerque.

Se Alexandre, tornando a offensiva, vai de victoria em victoria até sentar-se com seus generaes nas mesas dos banquetes dos imperadores da Persia, Albuquerque em pouco levará de roldão quantos se oppõem à dominação portugueza, curvando-os submissos aos pés da coroa de Portugal.

Ficou Pacheco com uma nau, duas caravelas e um batel grande, com cento e cincuenta homens de terra e mar.

Quando Francisco e Affonso de Albuquerque deixaram a India, a guerra ficava declarada, ateada, e para isso concorrerà poderosamente o primeiro dos dois.

Não se pode decidir o que é mais notável — se a imprudencia de Francisco de Albuquerque, deixando tão fraca força para tamanha resistencia, se a de Duarte Pacheco, acceptando confiadamente tão arriscada situação.



Duvidava o rei de Cochim de que Pacheco ousasse medir-se com o Samorim, com forças tão insignificantes. Houve entre os dois uma entrevista; Duarte Pacheco, tempestuoso, altivo, pandonoroso, recebeu mal as apprehensões do rei aliado; maltratou-o. Procurou imediatamente os meios de fazer mal ao Samorim, significar-lhe a sua inquebrantável resolução e incutir

absoluta confiança no rei e seus naturaes. Tomou a offensiva, entrando a ferro e a fogo por terras do rajah de Calicut. Ganhava força moral.

Veiu o Samorim por terra e por mar, resolvido a retomar a ilha de Cochim. Por terra, procurava forçar o celebre passo de Cambalão, o melhor accesso da ilha, na baixa mar.

Duarte Pacheco deixou na sua nau em Cochim vinte e cinco homens, sob o commando de Diogo Pereira; na fortaleza, trinta e nove sob o commando do feitor Diogo Fernandes Correia. Saliu n'uma das caravelas, com dois bateis; na caravela, vinte e seis homens; quarenta e cinco andavam distribuidos nos dois bateis. A segunda caravela estava em reparos.

Confessaram-se, commungaram e fizeram todos solemne juramento de se defenderein até a morte, não se deixando captivar. E foram para o mar, de frente aberta para o inimigo, que na phrase de Damião de Goes, cobria a terra com sua gente e entupia os rios com seus paraus. Levava dos naturaes quinhentos Naires, quantos o rei de Cochim lhe podia dar, d'um exercito que não passava de cinco mil.

Partiu de Cochim, ao encontro do inimigo, no dia 16 de Março de 1504, para o passo do Cambalão, para as suas memoraveis Thermopylas.

Pelos calculos dos mais acreditados, o Samorim, chamando a esta guerra de extermínio todos os rajahs seus tributarios, todos os mouros, tanto ou mais do que elle interessados no desfecho, conseguira ajuntar em terra e mar uma força de setenta mil homens de peleja. A armada compunha-se de cento e sessenta navios, entre paraus, catures e outros.

Levavam artilharia que os mouros lhe tinham fornecido e que o proprio Samorim fabricava já no seu

reino, por industria dos europeus que controlara para esse fim.

Vinte paraus iam de astucia amarrados para abordar a caravela. Ainda, por industria dos europeus que dirigiam as machinas de guerra, fizera-se em terra junto do passo uma especie de forte ou trincheira de pau e terra; podiam, d'ali, de muito perlo, atirar sobre os nossos, sem serem offendidos.

Duarte Pacheco de noite, tendo as suas trez embarcações amarradas em pontos estrategicos escolhidos, mandou passar cadeias de ferro d'uns a outros, caídas debaixo d'agua, de sorte que não fossem vistas do inimigo.

Tinha chegado ao passo e tomado posicões, no sabbado de Ramos, de madrugada; n'esse mesmo dia, deu em terra, sobre as avançadas do inimigo, fazendo-lhes grande estrago, tomando prezas e devastando as terras.

A noite de sabbado para domingo de Ramos, passou-se de parte a parte em preparativos. No domingo, 18 de Março, teve logar a primeira investida do inimigo para passar o vau.

Rompeu o ataque, vendo-se Pacheco apertado seriamente com uma chuva de frechas e pelouros de terra e mar; a onda apertava cada vez mais o estreito. Os paraus avançavam sempre no rio; na frente os vinte destinados á abordagem da caravela, caminhando sempre para ella. Pacheco percebeu a astucia; caiu-lhes em cima com a sua bem dirigida artilheria; metteu uns no fundo, cortou-lhes as amarrações; matou-lhes grande parte dos tripolantes.

Aquella industria estava desfeita.

Avançou segunda esquadilha de paraus; succeu-lhe o mesmo; treze foram ao fundo, os outros desmantellados.

Na grande frota, o desanimo já era entrado:

Tentaram os chefes, o Samorim por terra, o senhor de Repellim, o braço direito do rajah, por mar, um terceiro e combinado ataque; foi o momento mais perigoso, em que os nossos se viram reduzidos ao extremo.

Era já tarde; os nossos tinham causado grandes perdas, calculando-se em mil os mortos, sem que houvesse ainda um portuguez fóra de combate. Mas estava-se extenuado de tamanho lidar! Um dos bateis foi arrombado pela artilharia do inimigo; houve ainda gente que, no meio do vivo fogo, o concertasse e não se perdeu.

Veiu a noite; não havia corpo que se não sentisse exausto; mas nenhum tinha sucumbido, e a alma estava em todos, com a mesma fé, a mesma ousadia!

Os Naires de Cochim que, ao principio do dia, ao primeiro ataque, tinham fugido, voltavam de noite entregar-se a Pacheco, pedindo-lhe perdão pela sua confessada covardia e promettendo ajudá-lo d'alli avante. O contágio e estupefacção ia produzindo algum efeito.

Pois, apesar de tudo, do cansaço, do perigo iminente da vida, da lembrança do que passou e do que havia de vir, aquella noite, de domingo para segunda, foi passada pelos nossos em festas! Cantou-se alegremente; tocavam-se todos os instrumentos que havia a bordo, batiam-se martelos nos canhões, fazia-se barulho com correntes de ferro!

O inimigo passou o dia de segunda-feira sem ousar acrometter; estava aterrado! Sendo já tarde, Duarte Pacheco, que não viera alli para passar um dia inteiro em ocio, tomou a offensiva. Dentro dum batel, dirigiu-se para uma povoação pertencente ao Caimal de Cambalio, enfrou-a, varejou-a, queimou-a.

No dia seguinte, terça-feira, veio de Cochim a segunda caravela que ficara em concertos. Continuava o mesmo quietismo da parte do Samorim: Pacheco, dominado sempre pelo mesmo sentimento e ardor, não perdia tempo. Saltava em terra; atacava povoações, saqueava-as, deitava-lhes o fogo.

A provocação era grande: o Samorim consultou os seus feiticeiros, os seus brahamanes principaes; estes marcaram-lhe o domingo, 25 do mez, para o ataque, com a solemne garantia da victoria.

Traçou o seu plano de acordo com os seus chefes. Resolveu mandar atacar a nau, que guardava Cochim, por uma armada de setenta paraus. Calculavam que Duarte Pacheco, para accudir à nau, desguarneceria o passo e este seria facilmente atravessado. Esta armada seguiu, sem ser presenlida, na noite de sabbado para domingo de Paschoa.

De manhã, rompeu o ataque em todos os pontos. A nau perseguida por tamanha força não podia resistir.

O rei de Cochim mandou a toda a pressa avisar Duarte Pacheco. Era terrivel o momento, cruel a alternativa! Ir em socorro da nau, era o passo transposto pela multidão, Cochim tomado; ficar e perder-se a nau, era perder-se tudo depois.

Foi, com uma caravela e um batei.

A armada, ao avistar Pacheco, fugiu e veio juntar-se aos seus. O incansayel capitão portuguez corre de novo a Cambalão.

De longe ouvia o som terrivel das bombardas; batia-lhe o coração!

Chegaria a tempo? Oh! não poder voar!

Foi entrando no rio e varejando o inimigo pelas costas. Os que estavam no logar do perigo pre-entiram o auxilio, comprehendendo a estratégia.

Estavam perdidos; iam morrer todos, quando lhes veiu esta nova alma!

Caem pela frente em ataque tenebroso; são dois fogos terríveis! Fogem uns; saltam outros em terra, morre a maior parte. E' uma victoria extraordinária! E ainda dos nossos se não tinha perdido um só!

Já o Samorim, desanimado e supersticioso, queria voltar-se, vencido e convencido de que nada podia contra gente tão extraordinária. Deus, por força lhe era adverso; os seus brahamanes lh' o asseveravam, e elle por outra forma não podia explicar similhantes sucessos. Mas os seus capitães, os mouros principalmente, instam por uma terceira batalha; os brahamanes voltam as rezas e fazem promessas da victoria. Marca-se a terça-feira da Paschoa, 27 do mez.

Dividim-se o exercito em trez corpos. O Caual de Repelim commandava uma grande armada, com ordem de atacar os nossos por um dos braços do canal; o principe Naubeadarin, sobrinho do rajah e seu herdeiro, commandava outra armada, que atacaria pelo outro lado; o Samorim em pessoa commandava o exercito de terra.

Pacheco, que tudo viu, a quem uma só das manobras do inimigo não passa desapercibida, ordena aos seus que se escondam, se callem, até que elle lhes dê o signal do ataque. Os inimigos tomam este silêncio por demonstração de pavor e avançam entusiasmados em altos gritos.

Quando chegam á distancia propaza em que não se perdesse um tiro, levantam-se os bravos portuguezes, e, agora também em gritos e toques, despejam sobre o

inimigo tamanha carga, que o força a retirar confuso e aterrado. Era a avançada do Caimal de Repellim a que assim fugia apavorada.

Recompõe-se este como ponde e investe de novo, mas guardando cautelosa distância.

O Samorim, de terra, vendo esta tibieza no ataque, vocifera. Volta-se para o sobrinho, ordena-lhe que avance pelo seu lado. Não foi mais feliz; os seus paraus e calures não esperam segundo ataque dos nossos.

O Samorim fica possesso; dá ordem de retirada, cobrindo de injúrias os seus primeiros officiaes.

Pacheco é que não perde ensejo. Salta em terra; vai-lhes na pista; queima e destroe algumas povoações, e já tarde volta-se aos seus barcos, ainda sem contar uma morte no seu punhado de heróes!

* * *

Vai mudar o aspecto d'esta terrivel peleja; abre-se uma nova fase, muito mais perigosa, onde a inexcedivel valentia, o extraordinario talento militar de Pacheco, foram mais duramente experimentados.

Por vezes esteve a succumbir este indomavel lutador!

O Samorim por si estava desanimado; o sobrinho fora sempre contrario á guerra; propendia para os portuguezes.

Mas os mouros, os mais interessados, juntos a muitos dos principaes fidalgos e senhores, á frente dos quaes estava sempre o Caimal de Repellim, todos comprados pelos mouros, insistiam e animavam a novas tentativas.

Os europeus, que trabalhavam de continuo nos machinismos, prometiam inventos novos e invenciveis

e os brahamanes, depois de muitas rezas e com muitas imposições que punham ao rajah, prometiam o favor dos Deuses applicados e a victoria certa por agora.

De Calicut vinham reforços de terra e mar todos os dias.

De seu lado, Pacheco engrossava também a sua pequenina hoste com reforços que lhe mandava o rei de Cochim: gente que ia cobrando alento, vinha pedir perdão da passada fraqueza e prometia agora afoutada valentia.

Toma-se em conselho do Samorim a resolução de tentar a passagem n'outro ponto mais favorável. Escolhem-se dois — Polinhar e Palurte, pouco distantes um do outro, cerca de meia legua.

Polinhar era um passo de difícil acesso para Pacheco; as suas ribas eram cobertas de matto bravo, espinheiros, e o fundo era uma vasa onde ninguém podia passar; as naus de Pacheco não podiam chegar lá. Palurte é, pelo contrario, franco e aberto.

Resolvera-se o ataque para o primeiro de Maio.

Pacheco, tendo feito algumas sortidas em terra, nas avançadas do inimigo, sempre com o mesmo exito, levou a sua pequena armada até Palurte e d'ahi nos bateis, unicos que podiam aventurar-se, seguiu para Polinhar.

Mandou cortar os arvoredos de terra que lhe não servissem de trincheira aos inimigos. Uma feliz circunstancia favorecia Pacheco em tão apurada situação — os dois vaus não podiam ser passados ao mesmo tempo, porque quando a maré era baixa n'um estava alta no outro. Podia assim accudir com toda a sua força a cada ponto por sua vez.

Deixadas as suas instruções em Palurte, achava-se Pacheco ao amanhecer d'aquelle dia memorável no meio do vau de Polinhar.

Os inimigos cobriam a praia, as suas naus coalhavam o estreito; eram duzentos e cincuenta os seus barcos.

A primeira ideia de Pacheco é uma audacia sem nome, um raio de infinita penetração. Manda remar com força para terra; salta na frente dos seus leões. Investe contra a pinha do inimigo, com tal fúria, que este não pôde sustentá-lo o impelo. Toma-lhe toda a artilharia que acha em largo espaço, já pronta para o ataque; traz a que pôde aos bateis e encrava a outra!

Extraordinário arrojo, mas ainda mais extraordinária concepção!.

O inimigo estava colocado estratégicamente; tinha posições fortes, bem municiadas. Estragou-lhe tudo e não lhe dava agora tempo de organizar-se de novo.

Quarenta paraus bem artilhados iam contra Pacheco na frente da armada.

Segue-se a mesma estratégia da última batalha. Ninguém se mexe, nem se falla. O inimigo, confiado, chega ao alcance dos tiros mais curtos. Saltam todos em cima d'elle; completa derrota.

O Caimal de Repellim, que commandava esta armada, manda avançar segunda esquadilha de paraus. Chegam quasi a abalar os bateis; luta-se ao alcance de remo; duas vezes tentam e quasi conseguem passar o vau. São repellidos, ao cabo de porfiada luta, sempre com grandes perdas.

Anda accesa esta pugna, quando Pacheco é avisado de que o príncipe por mar e o Samorim por terra tentavam a passagem em Polinhar. Mediú n'um lance d'olhos o estado da maré: — que iria lá quando houvesse perigo.

Calcule-se o que não sucederia, se não fosse esta sciencia certa do grande capitão!

Apenas viu chegado o momento em que o passo de Polinhar podia ser ultravessado, voou para lá. Tenta o príncipe primeira, segunda, terceira vez a passagem; em balde.

Pacheco está ali, em frente, em todos os lugares de perigo; é o primeiro soldado.

O Samorim de terra grita, exhorta, vocifera; inutil. O tempo passa e o vau não é passado. O estrago cresce; os soldados desanimam; dão as costas; fogem espavoridos.

A peste completou a victoria; grassava com fúria no arraial do Samorim: viu-se este, forçado à tregua, o que deu tempo a Pacheco de reparar os danos de suas naus que tinham sido grandes e de curar os seus feridos que eram vidas preciosas. Em tão pequeno numero, cada portuguez era uma legião! Depois, as munições estavam gastas; era preciso reformal-as.

* * *

Entretanto tomou Pacheco uma nova e explendida medida. Mandou espantar no fundo do vau espeques de pau aguçados e cravejados, de sorte que mesmo na baixa mar não fossem vistos, trabalho feito de noite e em religioso segredo, mesmo dos naturaes de Cochim; só portuguezes o sabiam e o executavam. Pacheco conhecia com quem andava.

Voltaram à carga, agora formados por terra, em trez columnas. A do príncipe, na vanguarda, entrou no vau; seguiu-a de perto o Caimal de Repellim e o rajah. Pacheco despediu sobre o rei, que reconheceu pela signa, um pelouro tão febz, que lhe matou dois da sua real comitiva; fngiu.

Os dois avançavam sempre; com vergastas nas mãos, tocavam os soldados, forçando-os a avançar. Fustigados pelo azorrague, como bandos de carneiros, chegaram ás estacadas com que não contavam. Foi um dia de juizo! Espetados, paravam, os que vinham aí; calhiam-lhes em cima; formaram uma barreira, muralha.

Então os nossos choviam-lhe tiros miúdos; a morte era aos centos. A passagem por aqui era impossível. Um grande grupo, de machado nas mãos, força o vau n'outro ponto.

Conseguem vertiginosamente alcançar a ilha. Na praia havia uma bem feita tranqueira, que devia estar guardada pelo príncipe de Cochim com gente escolhida; tinham fugido todos!

Os inimigos ocupavam este magnífico logar. Neste ponto, o indomito Pacheco chega a desanimar; n'um momento, vê perdido tanto, tamanho esforço de tantas lides!

Salta d'um pulo no barco mais pequeno; vôlei para logar. Trava-se mais vivo o combate; o inimigo converge sobre Pacheco; este, em breve tempo, vê-se cercado.

Chegaram os inimigos a segurar os remos do batel com as suas mãos. Estava tudo perdido, se a maré não fosse subindo, daquella vez parece que com mais força e velocidade. O inimigo foi forçado a retirar-se; não teve tempo de tirar partido da começada victoria.

Vencido este terrível momento, o perigo continua n'outro logar; lá corre Duarte Pacheco.

O Samorim perde de todo a esperança; o desânimo é geral; dá-se ordem de retirada; o rajah ordena que o transportem no seu andor, lá passando ao lado de Polinhar; Pero Raphael, que lá estava de guarda na caravela, não tinha entrado em fogo;

estava furioso. Vinha passar o andor e afiou para lá um pelourinho.

Foi divino aquele tiro. Treze Ibramanes que iam ao lado do andor, cahem aos pés do Samorim, incluindo o que lhe dava o seu *béteille*, cujo sangue o horrificou.

Salto do andor a baixo e a pé, batendo pelos matos d'entro, fugia como um gamo. Surriado!

A que misero estado chegara o altivo imperador do Malabar!



Seguiu-se um longo período de tentativas traiçoeiras. Por todos os meios e preços se procurava a morte de Duarte Pacheco e de seus indomáveis companheiros. Tentou-se envenenar-lhes a água dos poços, o alimento; comprou-se gente de Cochim que incendiasse a cidade.

Duarte Pacheco, por seu lado, sabia tudo e andava tão acutelado, que tudo a tempo pôde evitar.

Corría o tempo e o Samorim, espicaçado sempre pelos mouros, resolveu voltar ao vau, d'esta vez com novas forças, ainda maiores e machinas de todo o ponto invencíveis.

De seu lado, Duarte Pacheco tomou novas e cada vez mais astuciosas providências.

Começou as suas obras no vau, mas com a proibição de serem visitadas fosse por quem fosse, exceptuando o rei de Cochim de cuja lealdade se fiava.

Nas muitas obras, não faltou a nota comica; é isso uma verdadeira originalidade na gente portugueza. Por maior que seja o perigo, mais leio o caso, a alegria e a troça não se apartam de nós — *les portugais sont toujours gais.*

O rei de Calicut soube que Pacheco andava em obras de defesa; aconselharam ao rei que se aviasse, não lhe dando tempo a acabal-as. Duarte Pacheco soube-o. Mandou fazer umas casas na ponta da ilha, sobre o vau; casas de habitação.

Em volta das casas fez abrir um fosso, de forma que fez uma ilha; na ponta da ilhotas que ollava para o canal mandou fazer um bastião e colocar-lhe um pau alto, que os naturaes chamam *calvete*; é uma especie de forca, onde os malabares suppliciavam a gente mais baixa, a canalha.

Perguntaram a Duarte Pacheco para que era aquillo; elle sabia que o que dissesse era como quem o contava ao Samorim: — que era ali que havia de espetar o rei de Calicut.

* * *

Veiu emfim a nova e mais temerosa invasão.

Na frente e por terra, vinha o Caimal de Repellim, com muitos homens de trabalho, especie de sapadores, para fazerem fossos e trincheiras, de sorte que podessem abrigar-se dos tiros das naus, atirando a salvo.

Por mar, vinha uma enorme armada, trazendo toda a casta de novas armadilhas. Na frente, muitas jangadas com lenha secca e aleatrão e outros inflamáveis, que jogados pela agua fossem deitar fogo nos barcos de Pacheco.

Atraz, cento e dez paraus, cem catures e oitenta barcos de coxia larga; eram duzentas e noventa embarcações, artilhadas e apinhadas de gente. Por ultimo, vinham umas machinas de invenção d'um mouro de Repellim, cujo autor garantira com ellas completo

triumpho a el-rei: este confiava grandemente nas armadilhas.

Sobre dois paraus collocados a par, unham-se pregado duas boas traves, uma de proa a proa, outra de popa a popa.

Sobre esta base, suspenderam-se altos pegões, formando pilares, e sobre estes, na altura de dezoito palmos, fez-se um palanque e paredes de madeira forte, tudo muito bem cavilhado e seguro. D'estas machinas vinham oito.

Contava-se que, garnecidos estes castellos de boa artilharia e boa gente, ficando a cavaleiro das caravelas e bateis, se podia acertar sobre a gente que garnecia as naus de Duarte Pacheco, liquidando-os a elles e ás naus, n'um ápito, enquanto o Diabo esfregasse um olho.

Duarte Pacheco, informado a tempo, contramou rapidamente. Mandou fazer uma especie de jangada de oito braças em quadro, peça solida, bem amarrada com grossas chapas de ferro e mandou-a collocar no vau, adiante das caravelas o espaço preciso para detter os castellos.

Estava bem preza ao fundo com fortes ancoras e amarras de ferro. Alem d'isso, mandou pregar nas amuradas das caravelas bons paus, no alto dos quaes fez tambem os seus palanques que supportavam seis homens.

Duarte Pacheco esperou os inimigos nos bateis, com alguns paraus e gente de Cochim.

Chegaram primeiro os de terra com gritos alroadores e toques de seus instrumentos. Duarte Pacheco saltou na praia, como ja tinha feito. Escaramuçou, com pequeno resultado, porque o povo era realmente muito e vinha realmente zangado.

Isto de madrugada.

D'ahi a pouco, a maré esvaziava e a armada entrava em scena; desciam, ao correr da maré, sobre os barcos de Pacheco.

Vietam as balsas em sargas ardentes. Os mastros que estavam amarrados na ponta das caravelas, seguraram-nas; ficaram ardendo alli até se extinguirem, sem danno algum.

Primeiro logro.

Os paraus e catures foram-se avisinhando, despejando tiros e os terríveis castellos entram em scena, passando á vanguarda, no meio d'elles. Duarte Pacheco vai ás caravelas. O primeiro castello toca na jangada e é forçado a parar.

Da caravela atira-se-lhe com a máquina mais forte que havia. Primeiro, segundo tiro; sem effeito.

Duarte Pacheco suava; era preciso desmanchar aquella armadilha; desmoralisal-a.

Terceiro tiro de camelo; obra completa! O palanque cae, levando consigo para a agua os que estavam lá.

A maré subia pela tarde e a peleja terminava, sem resultado para os atacantes.

A maior parte das novas armadilhas já tinham sido experimentadas e desfeitas sem o minimo resultado.

O Samorim verificava grandes perdas; nada conseguira, nem ao menos o prazer de nos fazer uma morte.

Os bateis com a sua gente e o príncipe de Cochim com os seus naires, haviam guardado valentemente o outro vau.

Ainda veiu por duas vezes o Samorim; sempre o mesmo resultado.

Agora até já a gente de Cochim era valente e alegre; já se tomava a investida como um divertimento, ou espectáculo.

O Samorim viu claro na sua infeliz situação. Deus estava decididamente de mal com elle; era preciso deixar o trono e a vida mundana.

Abdicou em seu sobrinho e foi para o convento; isto é, recolheu-se a um pátio, fazer penitência, a ver se conseguia a glória celeste, já que a da terra... Duarte Pacheco Pereira jurara de lhe não conceder.

Esta resolução foi tomada no dia de São João, d'este anno bem notável na historia das glórias portuguezas.

—

Os reis tributarios do Samorim, os principaes senhores do seu estado, entre elles o Caimal de Repellim, verificando com a retirada do Samorim velho e com a historia da porfiada campanha de quasi meio anno, a impossibilidade de desferra contra Duarte Pacheco, propozeram-lhe paz.

Foi de facto firmada e jurada em Cochim.

Seguem-se todos os feitos que podem imaginarse e, porque a estrella d'este homem incomparavel era de continua luta, no meio das festas, recebe de Cantão o recado de que os mouros se insubordinavam contra o ajustado com Alfonso de Albuquerque.

Roubavam especiarias, faziam contrabando e por ultimo já se tinham vindo com elles ás mãos e tinha sido morto um dos portuguezes; que acudisse lá.

E ali vai Pacheco para Cantão na sua nau, pôr as coisas em ordem e os mouros na lei dos contratos. De lá, veiu correndo á costa do Malabar, esperando a volta das naus do reino que não deviam demorar-se. Era a armada de Lopo Soares que tinha partido de

Lisboa, aos 22 de Abril d'aquele anno de 1504, com treze naus e mil e quinhentos soldados.

* * *

Lopo Soares, encontrando em Anchédiva a frota de António de Saldanha, fez apressado caminho para a India: estava-se em Agosto. Todo o seu fio e a ordem que trazia era acudir á guerra de Calicut com Cochim em que, com bom fundamento, se soppunha que Duarte Pacheco estaria sacrificado.

Soube, porém, em Cananor, as ruidosas victorias do *Achiles Portuguez*; e, mais descansado, tratou de cumprir o resto da sua missão.

Em Cananor vieram ter com elle embaixadores de Calicut, propondo paz. O Samorim, movido sempre por instâncias dos mouros, tinha sahido do pagode e voltava á carga com a sua falsaria política.

Lopo Soares seguiu para Calicut, enviando os embaixadores com a resposta de que lá ia tratar directamente o negocio.

Ahi, vindo-lhe nova embaixada, com presentes e boas palavras, recambiou aquelles e respondeu a estes que, como preliminar, exigia os prisioneiros do tempo de Cabral e da morte de Ayres Correia e a enfrega de dois celebres sujeitos, milanezes de nação, que tinham fugido indo ao serviço de Portugal e eram os primeiros mestres que fabricaram a artilharia ao Samorim.

Não quizeram; iam adiando, por isso, a resposta, segundo o velho estylo. Então Lopo Soares encostou a sua poderosa esquadra e bombardeou a cidade dia e meio, levantando em seguida ferro para Cochim.

Avista-se com Duarte Pacheco que voltava de Cantão, como dissemos; celebram-se ruidosas festas em íntimo convívio com os naturaes e põem-se mãos á obra no serviço da conquista, da honra, da riqueza de Portugal. Carregam-se naus de especiaria em Cantão e em Cochim e prestam-se todos para a volta.



Sabe Lopo Soares que em Cranganor, cidade principal d'um reino do mesmo nome, entre Cochim e Calicut, reino dependente e fiel aliado do Samorim, se ajuntava gente em terra e mar em quantidade extraordinaria para apenas passasse a armada de Lopo Soares darem sobre Cochim e o destruarem.

Lopo Soares sae de noite, com quinze bateis e vinte cinco paraus e uma caravela, com mil homens portuguezes e mil naires. O principe de Cochim ia por terra com gente sua.

Chegaram ao ponto e em pouco tempo e com pequena resistencia desbarataram a força de terra e mar, malando, captivando e aprisionando naus e munições.

Saltando todos em terra, perseguiram os fugitivos até a cidade; estes entraram por um lado, sahiram pelo outro, fugindo sempre. Os nossos saquearam e incendiaram Cranganor. Não foi totalmente destruida, porque os christãos de que já fallámos vieram pedir por ella.

O rei de Thanor, outro aliado do Samorim, entrou em desavenças com elle.

Estava declarada a guerra e aquelle, com boa política, mandou a Cochim pedir o auxilio de Lopo Soares, declarando-se aliado de Portugal.

Enviou-lho logo Lopo Soares por Pero Raphael.

O Samorim foi mais uma vez desbaralhado, com este auxílio dos nossos.

* *

Decididamente a prosapia do grande rajah baixava a olhos vistos; os mouros já não viam meios de salvar-se, senão fugindo d'aquelle reino maisinado. A deserção era diária; fugiam os naturaes, e agora os mouros emigravam com pessoas e fazendas.

Soube Lopo Soares que em Pandarane estavam dezasete naus bem artilhadas, todas fretadas por mouros de Calicut, onde tinham carregado toda a sua fazenda e familia, para irem viver em Meca.

Deixou quatro naus em Cochim e, aos 26 de Dezembro, fez-se de vela para Pandarane.

Travou-se ali uma das mais serias batalhas. Os mouros eram muitos; a sua artilharia poderosa. As naus foram tomadas e incendiadas com a sua carga; a victoria foi uma das mais brilhantes da India, mas as perdas dos nossos não foram pequenas.

Ficaram allivinte e cinco portuguezes e cento e vinte sete sahiram feridos. Em Cananor, informaram Lopo Soares que dos inimigos eram mortos mil e setecentos.

Aos 22 de Julho de 1505, entrava Lopo Soares em Lisboa, bem carregado de riquezas e de glórias. O que de mais valor vinha com elle era esse heroico Duarte Pacheco Pereira, o extraordinario Leonidas de Cambalão, de Polinhar e de Palurte, que, enfim, esperava descançar nos braços da patria e da familia, dos seus impagaveis trabalhos.

* *

As façanhas de Duarte Pacheco, mesmo sumariamente descriptas, como são por nós, afiguram-se fabulosas. Desprendidas de documentos fidedignos e trazidas e contadas aos nossos contemporaneos, não faltará, mesmo d'entre os nossos, quem as tenha por apafranhadas.

Nós mesmo, apezar do extraordinario amor e respeito que cultivamos por nossos avôs e suas acções, nos pozemos em guarda e escrupulosa cautella. E' que viamos fugir, collocar-se bem longe d'esta epopeia de glórias, tudo que a antiga historia dos grandes povos tinha de mais extraordinario.

Duarte Pacheco, sem duvida, fôra um dos maiores estímulos do epico, quando este, na contemplação extática das nossas façanhas, rompera ousado mas convicto:

«Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que outro valor mais alto se alevantava».



A primeira notícia d'estes successos foi feita pelos escrivães que eslavam na India; principalmente pelo de Cochim que foi testemunha d'elles.

Essas descripções ou relatórios eram enviados ao reino e convenientemente registrados; constituiam uma fonte para as chronicas. Appensava-se a esses relatórios a informação dos naturaes e todas as descripções obtidas do inimigo.

São tudo documentos authenticos.

Entre esses documentos, para este caso, tem grande valor a carta de armas e fôro que o rei de Cochim deu ao seu salvador, quando veiu para o reino.

Offereceu-lhe tudo; seduziu-o com todas as grandezas, se quizesse ficar na India. Como viu a sua inabalável resolução de voltar, mandou lavrar um auto

por Chiri-candá, escrivão da sua fazenda, da summa de favores que lhe devia o seu reino, que Alvaro Vaz, escrivão da feitoria de Cochim, verteu da lingua malabar para a portugueza.

A carta de armas é a seguinte:

— « Itiramá Marmetim, Quilumiramá, Coul, Trinum-pate, Rei de Cochim, Senhor de Vaipil, de Arraul, de Chinuaipil e Narungante, Brahamane-mór, mediante os Deuzes Tilaram, Pugóde:

Aos que esta minha carta virem faço saber que no anno de mil quinhentos e quatro (conta dos chris-tãos) no mez de Março, el-rei de Calicut veiu sobre minha terra, com toda a força e poder do Malabar, para me destruir, por eu acolher e favorecer os portuguezes, que ao meu porto arribavam, pelo qual respeito, os mais dos reis, naubeadarins, caiamaes e outros senhores do Malabar me foram contrarios, no qual tempo não five outro socorro que uma armada de portuguezes, de que era capitão Duarte Pacheco Pereira, fidalgo da casa d'el-rei de Portugal, meu senhor e irmão, o qual me assegurou minhas terras, com muitos trabalhos, fadigas e pelejas em que sempre venceu a el-rei de Calicut e os que com elle contra mim eram.

Pelo que, havendo respeito aos muitos serviços que me fez, sem por isso nunca de mim querer tomar nada, de meu proprio motu e livre vontade e poder absoluto, por memoria e signal de seus feitos e dos trabalhos que por mim passou n'esta guerra e por honra de sua pessoa e dos que d'elle descenderem, lhe dou por insignias e signaes de seus feitos de honra que n'isso ganhou — um escudo vermelho, por signal de muito sangue que dos de Calicut derramou n'esta guerra, e dentro n'elle lhe dou cincos cordas de ouro em quina, por signal de cinco reis que n'ella desbaratou,

e a bordadura d'este escudo lhe deu branca com ondas azues e oito castellos n'ella de madeira, verdes, armados n'água sobre dois navios rasos cada castello, por duas vezes que o combateram com estes oito castellos e d'anilas os desbaratou; dou-lhe sete bandeiras de ponta ao derredor d'este escudo, trez vermelhas, duas brancas e duas azues, por sete combates que el-rei de Calicul lhe deu em pessoa, e em todos sete os desbaratou e por sete bandeiras que lhe tomou das mesmas cores e feição, e dou-lhe um elmo de prata, aberto, guarnecido de ouro e o paquife de ouro e vermelho e por timbre um castello do mesmo theor e n'ella uma bandeira vermelha de ponta.

As quaes insignias e armas elle poderá trazer misturadas com as armas de sua linhagem ou sem elles, como elle quizer, com a dita bordadura ou sem ella, como lhe melhor parecer, porque eu do meu motu proprio e livre vontade e poder absoluto lh'as dou como dito tenho, a elle e a todos que d'elle descenderelem, pelos mui grandes e assinalados serviços que me tem feito, como arriba é declarado; e por sua guarda e minha lembrança lhe mandei ser feita esta carta, por mim assignada.»

Outra não menos provada e authentica confirmação das façanhas de Pacheco, encontra-se na maneira como foi recebido em Lisboa.

Vinha na armada de Lopo Soares, debaixo do seu commando; este, como mostrámos, voltava coberto de glórias e de riquezas; pois as festas e honrarias do rei da corte, do povo, são todas dirigidas a Duarte Pacheco; em Lopo Soares, ninguem pensa. E até aquelle tempo e depois d'elle, ninguem as tivera tão grandiosas e solemnnes.

Isto não deixa duvidas.

Fez-se uma enorme procissão, na forma da do Corpo de Deus, da Sé ate o mosteiro de S. Domingos,

p. Manuel levava Pacheco a seu lado debaixo do palio. Depois do *Te-Deum* em S. Domingos, subiu ao pulpito Diogo Ortiz, Bispo de Viseu e fez o relatório e apologia dos feitos do heróe.

Este mesmo relatório o mandou el-rei escrever e publicar por todo o reino, enviando-o a todos os reis e príncipes cristãos.

• • •

Da sorte e fim d'este homem, fallará por nós Damião de Góes, cronista e contemporâneo do venturoso rei D. Manuel. A nós, podem dár-nos de suspeito, ao cronista, louvaminheiro do rei, ninguém o dirá.

— Mas o fim d'estas horas em galardão de funtos serviços e d'outros que Duarde Pacheco depois fez a el-rei, como se ao diante dirá, foi de calidade que d'elle se pôde tomar exemplo para os homens se guardarem dos revezes dos reis e príncipes e da pouca lembrança que muitas vezes têm d'aquelles a que são em obrigação, porque a mór mercê que Duarde Pacheco alcançou foi a capitania da cidade de S. Jorge de Mina, d'onde por capitulos que d'elle se deram o mandou el-rei trazer ao reino em ferros, e, sem lh'os tirarem dos pés, esleve muito tempo preso na cadeia, aíl que por se saber serem parte das culpas que lhe punhão falsas e as outras tão leves, que em tal homem não podiam ter nome de culpas, o solaram tão pobre, como o era quando foi para Mina.

E assim viveram todo o mais do decurso de sua vida, com muito desgosto, e em tanta pobreza, que seu filho, unico, legítimo, João Fernandes Pacheco, e sua mãe, que ao presente vivem, por lhes elle não deixar fazenda para se poderem manter como devem, passam tão

estreita vida, que são constrangidos a viver, elle não como os seus próprios serviços (alem dos de seu pae) merecem, e ella do pouco que elle lhe pôde dar e esmolhas que lhe fazem pessoas honradas.

Este foi o galardão que Duarte Pacheco houve em satisfação de tão grandes e memoraveis serviços, como foram os que fez á corôa destes reinos.»



Como Garret perguntava aos portuguezes onde tinham levantado o monumento do grande vate, perguntamos nós tambem onde existe o que commemora as façanhas mais dignas da honra de Portugal?

Se até alli os canhões lusitanos dirigidos pelos braços altivos, indomaveis e ferozes dos Gamas e dos Cabraes, lograram estremecer de pavor os reis indianos e a traíçoeira moirama; agora Pacheco vertia na velha alma oriental a firme ideia da lealdade, do sagrado respeito d'esses mesmos canhões pela fé dos contractos, pela defesa da justiça de seus aliados.

E' essa extraordinaria força moral, muito mais ainda do que a força material d'estas armas, que nos traz as offertas de allianças dos pontos mais remotos da grande peninsula oriental.

E' sobre essa enorme força que em breve o grande Affonso de Albuquerque vae assentar firme e completa a dominação portugueza do oriente.





CAPITULO XXIV

O grão-Turco; sua embaixada ao papa e a D. Manuel. — Nova regularização das conquistas; primeiro vice-reinado; D. Francisco de Almeida. — Fortaleza. — Batalhas e conquistas de D. Lourenço de Almeida. — Sua heroica morte em Chaul. — Tristão da Cunha e Afonso de Albuquerque. — Primeira jornada de Ormuz. — Deserto de seus capitais. — Volta a Socotori e a Ormuz.



ANTAS ruínas como se iam fazendo na dominação e nos interesses dos mouros pelas bandas do oriente, em perda da sua fazenda e riqueza, deviam naturalmente ter o seu contra choque. Os mouros, vendo-se perdidos, sem força para resistir a esta corrente adversa, recorreram ao seu chefe; levaram as suas queixas ao Sultão do Cairo, que era o centro da grande família mussulmana, kalifa e grande sacerdote de Meca.

Entra este potenhado em scena, como leão; a saluda hemos de ver como foi.

Jerusalem, os santos logares dos christãos, estavam na sua posse; o grande templo e a egreja de Santa Catharina do Monte Sinai eram dentro dos seus vastos estados e o Sultão permitia n'esses logares os officios do culto aduerso, porque era uma magnifica renda da sua corôa.

Chamou à sua prezença um celebre frei Mauro, religioso principal de Santa Catharina, e por elle escreveu ao papa uma carta, que a ser julgada pelo theor, fazia tremer os céus e os mundos!

Ahi vae o cabecalho, como se encontra no nosso João de Barros:

— O grande rei, senhor dos que senhioream, nobre, grande, sabedor, justo e victorioso, rei dos reis, cutelo do mundo, principe da fé de Mahomet, e dos que n'elle creêm, vivificador da justica em todo o mundo, herdeiro de reinos, rei da Arabia, da Gemia, da Persia e Turquia, sombra de Deus nas terras, que obra todas as boas cousas, ora sejam por elle mandadas, ora não, o qual n'este mundo é outro Alexandre, de quem muitos bens procedem, rei dos que se assentam em tribunal e trazem corôa, dador de regiões, terras e cidades, perseguidor dos que se rebellam e dos herejes infies, conservador dos dois logares de peregrinos, Summo sacerdote dos templos sagrados, que estavam debaixo de seu poder, e contem a fé de Mahomet, que esparge justica e bondade, resplendor da fé, pae da victoria, Consaçâo Algauri, cujo imperio Deus faça perpetuo e exalte sua cadeira sobre o planeta Geminis.

A ti, papa Romão excellentíssimo e espiritual, que teme a Deus, e bem obra, grande na fé antiga dos christãos filis de Jesus, rei dos reis nazarenos, con-

servador e senhor dos mares e terras marítimas, pae dos patriarchas e bispos, leitor dos evangelhos e sábedor na sua fé e nas cousas que são e não são licitas, benigno aos reis e príncipes, possuidor do reino romão, cuja gloria Deus acrecenta.

Enfim o cíctulo do mundo dizia ao papa que, se D. Manuel não cessasse n'aquelles danos a montos pelo Oriente, ele começaria por mandar arrasar todos os logares santos do christianismo e depois mandaria as suas armadas á India, pôr em respeito de Mafamede quantos portuguezes andavam por lá.

O papa endossou a letra e o portador a D. Manuel, pedindo-lhe que visse bem o caso e dissesse sobre elle.

D. Manuel consolou frei Mauro com boas palavras e presentes, convenceu-o de que não devia receiar-se das ameaças do Sultão, mostrando-lhe como no arrasamento dos logares sagrados lhe vinha a perda das grandes rendas que tirava d'elles e reenviou-o ao papa com a sua resposta.

A este, agradecia muito a cortezia; mas que, quanto ao assumpto, somente lastimava que as suas armas não tivessem ainda extinguido de todo o domínio dos infieis no Oriente; que ia redobrar de esforços n'essa santa obra e esperava consegui-lo.



Resolve, por este tempo, D. Manuel dar nova forma e mais unidade á conquista e exploração da India. Para esse fim, estabelece um governo geral por trez annos, sendo este mesmo tempo o do serviço militar ultramarino; organisa os salarios, soldos e promoções.

A primeira expedição sujeita ao novo regulamento foi confiada a D. Francisco de Almeida, por

impedimento de Tristão da Cunha, a quem primeiro fôr destinada; este tinha adocido gravemente dos olhos.

D. Francisco de Almeida era homem de altas qualidades, como já eram sabidas no tempo de D. João II que lhe era muito affeicado; tornára-se celebre em muitas conjuncturas e deixara grande nome em Espanha, onde militara como voluntario na conquista de Granada.

A sua esquadra compõe-se de vinte e duas velas, das quaes doze se destinavam a voltar carregadas e dez a ficar na India. Saliu de Lisboa, no dia 25 de Março de 1505.

Atraz d'elle, seguiu Pero da Nhaya, com seis velas, com ordem de edificar uma fortaleza em Sofala e ficar por capitão d'ella.

As instruções de D. Francisco de Almeida eram muito claras.—estabelecer definitivo dominio e posse por toda a parte, por bem ou por mal; edificar fortalezas que garantissem esse domínio em todos os pontos onde conviesse, deixando-lhes a necessaria guarnição; receber as esquadras do sultão, se lá fossem, como convinha; fazer a mouros todo o mal, extinguindo a sua influencia malefica á fé e aos interesses de Portugal.

Difficilmente se acharia n'aquelle tempo homem mais capaz de cumprir á risca este programma.

* * *

O regnlo de Quilôa, como vimos, tinha caçoado com todos. O tributo, pagou-o, uma vez, outro por elle; não se lhe tinha ainda apanhado vintem. Estavam aquellas contas por ajustar; ahí vae o homem próprio para isso.

Chega D. Francisco a Quilôa e manda ao regulo o seu recado: laconico e claro:—que passasse o dinheiro que devia e chegasse à falta para uns novos ajustes entre elles e da edificação d'uma fortaleza.

O manhoso regulo, foi-se esquivando, de evasiva em evasiva, servindo-lhe ate de pretexto não vir ao mar o ter encontrado no caminho um gato preto que era signal de mau successo.

D. Francisco pôz a questão em conselho, e deu-se razão ao gato preto. Saltou-se em terra no dia seguinte; levou-se tudo a ferro e fogo.

A cidade foi saqueada; o regulo fugiu. D. Francisco coroou um outro, homem principal da terra e que fora sempre bom amigo dos portuguezes; cuidou da edificação da fortaleza, deixou-lhe capitão e guarnição e passou a Mombaca.

No dia 13 de Agosto, estava em frente d'esta bonita cidade que, como se sabe, tambem nos era adversa. Mandou ao regulo a sua embaixada; os mouros que estavam na praia receberam o embaixador com chutas e arrotos:—que se fosse embora, porque em Mombaca se não morria de caretas; que alli não era Quilôa.

Os homens já sabiam o que sucedera ao vizinhos e não punham as barbas de mólho.

D. Francisco de Almeida fez-lhe muito peior do que a Quilôa: tomou-a, saqueou-a por tres dias, deitou-lhe o fogo.

E foi para Melinde.

Entreteve-se amistosamente com o rei; deu-lhe grande parte do despojo de Mombaca e seguiu para a India.

Em Anchediya edificou a fortaleza que lhe era recommendada, e, enquanto assistia a esta edificação, mandou adiante recados a Cananor, Cochim e Cantão,

para que lhe tivessem a carga prompta quando chegasse; mandou outra divisão fazer o corso às naus de Méca e de Calicul.

Ahi lhe vem fallar aquelle corsario Timoja, já nosso conhecido, que agora vivia em Onor, muito no valimento do rei. Pedia-lhe paz e aliança em nome do mesmo rei e elle possuidamente offerecia os sens serviços, que realmente veiu a prestar.

Em Cananor, D. Francisco de Almeida demorou-se o tempo preciso para ajustar com o rei a edificação da fortaleza, começal-a, deixando-lhe o pessoal que já lhe vinha do reino destinado; receber a carga que havia.

No dia primeiro de Novembro, chegava a Cochim.

Foi informado de que em Cantão os naturaes, incitados e ajudados pelos mouros, haviam assassinado o feitor e toda a gente da feitoria; de que no porto estava uma grande armada de Méca, naus de Calicul e d'outros lugares.

D. Francisco de Almeida manda lá seu filho, esse valente e infeliz D. Lourenço de Almeida, castigar tamauhha deslealdade e restabelecer os negocios do trafego.

Todas as naus inimigas foram queimadas, a obediencia ao tratado restabelecida e o negocio da pimenta posto no pé que convinha.

No dia seguinte ao da partida do filho para Cantão saltou D. Francisco de Almeida em terra com todas as solemnidades que convinham ao seu posto e dignidade de vice-rei da India em que se achava investido pelo regimento de el-rei e de que devia e poderia uzar, quando chegasse e saltasse na India, depois de feitas as tres principaes fortalezas — de Cananor, Cochim e Cantão.

Antecipou-se, porém, a receber este tratamento, por consenso unânime dos seus capitães, em Cananor, visto que isso convinha ao necessário explendor da posse da India e elle já deixava fundadas três fortalezas — de Quilôa, Anchédiva e Cananor.

O velho rei de Cochim tinha abdicado n'um sobrinho Nambendora, por se achar extenuado pelos annos e trabalhos, recolhera-se, segundo os usos, com seus brahmanes ao pagode, para ali acabar piedosamente a vida.

Escolhera este sobrinho para seu successor, embora não fosse o mais velho, porque este era partidário do Samorim e andava por fóra do reino.

Aproveitou o vice-rei esta circunstância para acentuar mais a nossa dominação e garantir a obediência do novo rei.

Convidou-o a vir vel-o à fortaleza; recebeu-o em sessão solemnissima; fez um brilhante discurso cuja summa era a seguinte: — que aquelle era o legitimo rei de Cochim a quem el-rei de Portugal seu senhor, reconhecia e respeitava como tal e que por prova lhe ia commetter a: trez cousas de que vinha encarregado. Primeira — fazer-lhe entrega e collocar-lhe na cabeça uma coroa de oiro que D. Manuel lhe enviava; segunda — a dadiça d'uma copa de oiro com seiscentos cruzados e o padrão que vinha d'entro d'ella da tença annual d'esta quanha que sempre lhe seria paga no futuro; terceira — autorisação, que lhe pedia, para edificação d'uma fortaleza e cazaria maior do que a actual, que servisse de habitação ao vice-rei e sede de toda a dominação portugueza no oriente.

Que por fim lhe pedia houvesse por bem mandar passar-lhe por escripto um certificado de que estavam cumpridas as ordens de el-rei, para enviandoso ao reino, se ver desobrigado de tão alta missão.

Tudo se fez como queria o vice-rei, ficando Nambeadora todo cheio de si e disposto a bem servir, como seu tio, a causa de Portugal.

A grande fortaleza foi logo posta em construção.

* * *

Em quanto o vice-rei cuidava da edificação e da remessa da carga para o reino, chegava o filho D. Lourenço.

Mandou-o agora com as mesmas naus, reparadas do necessário e mais algumas, costear o Malabar até Anchediva; verificar o estado d'esta fortaleza e da de Cananor, vigiar o inimigo e proteger os nossos aliados.

Em Cananor, soube D. Lourenço que o Samorim tinha prompta uma poderosa armada que se destinava a proteger o commercio dos mouros por toda a costa e atacar as armadas e naus portuguezas onde as encontrasse.

Mandou D. Lourenço informar seu pae a Cochim d'este e d'outros negócios menos importantes e buscar sobre todos as ordens do vice-rei.

Vieram estas sem demora: — que procurasse a armada inimiga e, podendo com ella, lhe fizesse todo o mal.

D. Lourenço sae logo ao mar e encontra a esquadra do Samorim em águas mesmo de Cananor.

A desproporção era respeitável. D. Lourenço, com onze velas e oitocentos soldados, via-se em frente de oitenta e quatro naus e cento e vinte quatro paraus, tudo cheio de soldadesca.

D. Lourenço, á primeira vista, hesitou; não tanto pelo seu temor, como pelo de seus companheiros. Consultou-os; foram todos accordes em que se desse

a batalha; combinou-se o plano de plaque e cahiram na sua execução.

E' uma bella batalha naval, que durou todo um dia e parte da noite, que era de limpido luar.

Mais de trez mil inimigos ficaram ali, dez naus do Samorim e seus aliados foram ao fundo e muitos paraus; duas bandeiras ficaram por trophéus e nove naus foram captivas.

Portuguezes morreram seis e foram muitos feridos.



A fortaleza de Anchediva foi atacada pelo Sabaio, senhor de Gôu, com uma grande armada e muita gente de armas, entre as quaes se achava um portuguez renegado, por nome Antonio Fernandes — o Abedella, carpinteiro da ribeira, um degradado que Cabral deixara em Quilôa; cumpria bem a missão de que fôra encarregado!

Manuel Peçanha, commandante da fortaleza, foi um heroe na defesa; o Sabaio viu-se forçado a levantar o cerco.

D. Francisco de Almeida, vendo a impossibilidade de defender a tempo esta fortaleza, collocada a tamanha distancia d'outra, entendeu demolil-a, voltando Anchediva ao seu anf'go estado.



A costa do Malabar com o seu commercio achava-se definitivamente nas mãos dos portuguezes; os mouros tinham comprehendido a impossibilidade de se nos oppor; viram o alto preço por que lhes ficava esta luta incessante. Foram-se retirando, deixando-nos a posse livre.

Voltaram-se para o sul e para a outra costa da península.

Exploravam principalmente a ilha de Ceylão, rica de elefantes e de canella, passando, escondidos de nós, por dentro das ilhas Maldivas, muito longe da nossa derrota.

O vice-rei, informado d'isto, mandou seu filho com nove velas a estes paragens.

Foi esta expedição muito feliz e muito proveitosa. Abriu o comércio da ilha de Ceylão, a Taprobana dos antigos; iniciou o carregamento da canella; descobriu para a conquista portugueza o grupo das Maldivas. Em Ceylão deixou D. Lourenço um padrão, símbolo da nova conquista.

Vamos acompanhar este inditoso e valente mancebo até o fecho da sua vida gloriosa, embora curta.

Frei Mauro levára ao fim a sua missão. Voltara ao papa e d'abi ao Cairo, trazendo ao Sultão, cufelo do mundo, uma resposta pouco satisfatória.

Encheu-se de brios a sombra de Deus. Esquipou uma poderosa armada e mandou-a, debaixo do comando do seu almirante Mir-Hocem, à Índia, juntar-se às forças dos rajahs, inimigos dos portugueses, para os expulsar do Oriente.

Os principaes d'esses inimigos eram o Samorim de Calicut, rajah-môr do Malabar, o rei de Cambaia e o capitão de Diu, um tal Melique-Az.

Eram estes trez que tinham mandado acompanhar a embaixada ao Sultão, pedindo-lhe socorro.

Esta armada de Mir-Hocem saiu do golfo árabe, chegou até Calavate, por onde, como diremos, já tinha passado a fulgurante espada de Afonso de Albuquerque que fizera esta cidade tributária de Portugal.

Recuzaram-se os de Calayate a receber-l-o, allegando aquella razão, dizendo-lhe que fosse a Ormuz buscar licença de Affonso de Albuquerque que estava lá, e com ella o receberiam. Mir-Hocem, ouvindo isto, foi-se embora e dirigiu-se a Diu a juntar-se aos seus aliados.

D. Francisco de Almeida, informado da junção de todas estas esquadras e do muito dano que vinham fazendo, mандou seu filho a seu encontro, com todas as necessarias instruções. D. Lourenço tinha sahido de Cochim acompanhando naus de carga que vinham para o reino devia protegel-as até Chaul.

Levava oito vélas — naus, caravelas e galés.

Varejon toda esta costa e, quando estava em Chaul, foi avisado da chegada a Diu da armada do sultão e das suas disposições juntando-se a Melique-Az.

Seu pae lhe mандou a mesma notícia por Pero Cão, com a ordem de atacar a armada.

Preparava-se D. Lourenço de Almeida para sahir de Chaul, em procura do inimigo, quando este entra no porto, de velas desfraldadas e motrões accesos.

Trocando na passagem alguns tiros com a armada de D. Lourenço, Mir-Hocem foi ancorar acima, com toda a prosapia e gallardia.

Melique-Az ficára fóra da barra.

D. Lourenço, pondo a questão em conselho, queria logo atacar Mir-Hocem, vingando a affronta com que lhe passira ao lado: aproveitava-se a circunstância de estar a esquadra dividida. Mas D. Lourenço estava ferido, grande numero da sua guarnição o estava também: o vento e a maré eram contrários; elles estavam desprevenidos. O conselho foi de opinião que se passasse a noite em preparativos e se atacasse ao amanhecer, segundo o plano que foi ajustado.

Assim se fez.

A peleja durou o dia inteiro; as perdas eram grandes de parte a parte; os portuguezes tinham praticado actos de inexcetivel bravura.

De noite, o conselho resolveu a réfida. As naus de Cochim estavam prontas de carga; mandou-se-lhes aviso que sahissem com a mare, sem barulho, que a esquadra as iria guardando atriz. Foram presentidas; a esquadra do inimigo vem-lhes no encalço.

Cabiram em cima da nau de D. Lourenço; conseguiram cercá-la, cobrindo-a de muitos tiros que a tinham já arrombado. O vento acalmou, o leme não governava; a nau caiu de lado e encalhou n'uma estacada de pesca.

Os companheiros já iam longe e nada sabiam; apeuas Paio de Souza, que ia mais perto, lhe poude accudir com a sua galé. Deu-lhe um cabo.

Melique-Az manda abalroar a galé; a guarnição, que na sua maior parte estava ferida, pedia ao comandante que se fosse d'allí; alguém, ás escondidas, cortou o cabo; a galé voava com a corrente.

Paio de Souza, indignado, alívio, ordena que se vire de proa; é obedecido, mas a corrente não o permite. Vai ter com os companheiros; conta-lhe o caso. Resolvem todos voltar; a corrente e o vento não lh'o consentem a tempo.

Entretanto o que se passa na nau capitanea portugueza é uma epopeia de gloria que infunde respeito e veneração. Bolam no mar o parau da nau e instam com D. Lourenço que se salve n'ella; — que não; que era alli o seu logar. Instam de novo; D. Lourenço, levantando no ar uma alabarda de arremesso que tinha na mão, affirma que usaria d'ella contra quem mais lhe fallasse em tal cobardia; tinha esperança em Deus que se havia de defender ate que os companheiros podessem vir a ajudá-lo.

Setenta homens estavam feridos, trinta apenas sãos. Dividiu-os D. Lourenço em tres divisões, pondo uma no convez, ao commando de Manuel Peganzha, outra na castello d'avante, confiada a Francisco de Novaez, fator da armada, a terceira, commandava-a elle na tolda.

Defendiam-se como leões; as duas armadas juntas em volta d'esta nau encalhada, não ousavam aferir-l-a, tal era a furia da resistencia!

Uma bombarda, porém, levou uma coxa a D. Lourenço. Não se podendo ter em pé, mandou que o assentasse n'uma cadeira e ali ordenava a sua peleja. Uma outra afayessou-lhe o coração.

Os companheiros escondem o seu corpo atraz do fogão e redobram de valor.

O pagem de D. Lourenço, por nome Lourenço Freire Gato, foi morto pelo inimigo em cima do corpo de seu senhor que defendeu até a ultima gota de seu sangue.

Os inimigos entraram na nau: a luta foi alli terrivel, corpo a corpo; cada um que morria tinha comprado a morte pelas muitas que fizera.

Melique-Az em pessoa enfrou na peleja e salvou ainda alguns, cuja bravura respeitou.

Morreram oitenta portuguezes, muitos dos mais nobres e valentes do tempo. No total d'esta batalha contam-se cento e quarenta mortos e cento e vinte e quatro feridos.

Enquanto esta triste nova circula pelo Malabar e vai ferir o altivo vice-rei e infeliz pae, voltemos um pouco atraz, acompanhando as cousas que por outras partes já eram leitas.

No anno de 1506, aos seis dias do mes de Abril, saiu de Lisboa uma poderosa armada, debaixo do com mandado geral de Tristão da Cunha que já estava respondecido.

Levava largo regimento. Iria até Socotorá; ali devia fundar uma fortaleza, e, enquanto n'isso emidava, despacharia Affonso de Albuquerque, com seis naus para o curso, no cabo de Guardafui. Seguiria depois para a India, ter com o vice-rei e voltaria ao reino com todas as naus que podessem vir carregadas.

Levava instruções reservadas sobre a successão.

Completados os tres annos do governo de D. Francisco de Almeida, passava este para Affonso de Albuquerque e para Tristão da Cunha, na falta dos dois.

A viagem de Tristão da Cunha é muito accidentada. Descobriu as ilhas desertas a que pôz o seu nome; costeou a grande ilha de Madagascar a que chamou S. Lourenço, onde lhe não faltaram episódios e trabalhos; conseguiu à força edificar a fortaleza de Socotorá.

Foi para a India, a dez de Agosto de 1507; chegou a Cananor a 27 do mesmo mes, achando ali uma revolta contra os nossos e a fortaleza cercada.

Pôz as cousas em boa ordem e boa paz e chegou a Cochim e ao vice-rei, a tratar de carga e da sua volta com ella.

Em 24 de Novembro, sae Tristão da Cunha, de Cochim para o reino, com cinco naus carregadas e, de caminho, acompanhou o vice-rei, que vinha com uma armada a Panane, quatorze leguas de Cochim, para o norte, entender-se com umas naus e armada de mouros e de Calicut.

Foram e batubaram rijo, feio e forte.

Morreu gente portugueza, muita foi ferida, mas as naus foram tomadas, saqueadas e quebradas. Deu-se em terra e queimou-se Panane.

D. Francisco de Almeida foi acompanhar Tristão da Cunha até Cananor, onde se completou a carga com gengibre. O vice-rei voltou para Cochim e Tristão da Cunha, ainda com sorte varia, chegou a Lisboa, no mês de Julho de 1508.

* * *

Affonso de Albuquerque, deixado por Tristão da Cunha em Socotorá, deu ali a última demão às coisas da fortaleza e seguiu, aos 20 de Agosto, ao seu destino, com sete naus e quatrocentos e sessenta homens de guerra.

No seu espirito superior existia já formado um plano perfeito, completo, de conquista; a sua primeira derrota, sahindo de Socotorá, é uma rebellião contra as ordens recebidas. Tristão da Cunha recommendava-lhe a sujeição d'aquella costa; elle abandona-a. D. Manuel ordena-lhe o corso do golpho arabico; elle segue à conquista do riquissimo reino de Ormuz.

Como se começam a approximar estes dois vernaldos vultos da nossa historia — Nuno Alvares, Affonso de Albuquerque!

Dirige-se, não ao cabo de Guardafu, em guarda do golpho arabico, corsario de naus de Mécu, mas ao cabo de Roçalgate, em conquista do poderoso reino que fica dentro do golpho persico.

Era um conquistador, não era um corsario!

Acariciava-o a guerra, quando era precedida de uma proposta de sua alliance e de paz; repugnava-lhe a que era necessaria, forcada, infallivel, logo no primeiro encontro, sem alternativas para o inimigo.

Aos povos a quem se dirigia, a sua primeira communication era de paz; trazia um facho de luz e um

codigo de justiça sá; era propagandista, apostolo antes de ser guerreiro. O que não era, o que nunca foi, o que não podia ser, era um caçador de mouros, um pirata, um ladrão.

* * *

Aos 25 d'este mez, está em frente à villa de Calayate, a primeira do reino de Ormuz por este lado, passado o estreito.

Entendem-se com o governador e chegaram a um acordo muito rasoavel. Dava-lhe este desde já mantimentos, refrescos, livre transito e, quanto a tributo e obediencia, fosse entender-se com o rei, que elle por si, se não tomava a resolução de o repellir, menos a podia tomar de lhe consentir o que não era de sua alçada.

No dia seguinte de manhã, bem provido e refrescado, seguiu avante para Curiate, a seguinte villa ou cidade do reino de Ormuz.

No caminho, mandou distribuir pela gente os mantimentos recebidos em Calayate; dentro dos fardos de tamaras acharam bôsta de boi e outras porcarias. Este desaforo, offensivo da sua bondade, produziu-lhe pessima impressão.

Em Curiate já se sabia o que era passado em Calayate. O governador estava prevenido com gente de armas em numero de trez mil e fortificações. Respondeu altivamente ao recado de paz de Albuquerque.

Reune este conselho e resolve-se saltar em terra no dia seguinte. Com grande resistencia, a villa foi tomada, saqueada, e por fim queimada. Nada se achou de valor; os habitantes tinham tido o cuidado de es-

conder tudo. Mantimentos, porém, foram tantos, que se gastaram dois dias e duas noites a carregar e não se poderam levar todos.

Cinco naus e onze terradas que ali estavam foram queimadas também.

Seguiu para Mascale, a terceira villa, distante d'esta dez leguas; muito populosa e bem edificada.

Fica a povoação entre duas serras; o espaço sobranceiro á praia achava-se garnecido por uma tranqueira com artilharia, com duas portas muito estreitas por onde se fazia o serviço do mar.

Aos dois de Setembro, ancorava Albuquerque. Entendeu-se com o governador e este, em boa paz, lhe prometeu mantimentos de que carecesse agora e sempre que por ali passasse gente portugueza.

Estava-se carregando o mantimento, quando chega um capitão de Ormuz, com mil homens de guerra. Manda suspender a carga; acuza em altos gritos o governador; dá o acordo por nullo e convida o povo á resistência.

Elle mesmo, á frente da sua gente, vem para a praia, defronte das naus, em posição ameaçadora.

Albuquerque ouve o conselho, toma-se a resolução; forma-se e executa-se o plano.

Bombardeia-se a villa e dá-se o assalto á tranqueira, por trez pontos. Com grande resistência, mas apezar d'ella, entra-se na povoação; o povo cede e foge para o serifão, sendo perseguido por algum tempo.

Volta-se á villa, agora deserta; é saqueada e queimada.

Aos seis de Setembro, levanta Albuquerque ferro e aporta a outra villa chamada Soar, onde havia uma fortaleza. O commandante d'ella, informado do que tinha sucedido nas villas por onde passava o capitão portuguez, entrega-se sem resistência.

Segue-se para Orfação, ultima villa antes de Ormuz. O povo, apenas vê chegar a armada, foge da povoação, levando essa noite a conduzir para o sertão a fazenda que pôde retirar.

No dia seguinte, Albuquerque salta em terra; manda seu sobrinho Antonio de Noronha fazer uma sortida pelo interior, que dà pouco resultado.

Saqueia a villa por trez dias, deita-lhe o fogo e segue para Ormuz.



Aos vinte e cinco deste notavel mez, deita ancora Alfonso de Albuquerque em frente da cidade de Ormuz, a bella capital d'aquelle opulento reino.

E' situada n'uma illa que os naturaes chamaram Gerum, na entrada do formoso golpho persico. Tem a illa uma circumferencia de quatro leguas; dista da costa da Persia umas tres leguas e dez da costa arabica. A terra é esteril e secca. Os mantimentos vêm de fóra; a agua é pouca e salobra, toda de poços; a unica potavel é a de Corombaca, uma legua distante da cidade.

Tem dois excellentes portos, onde as naus vindas do grande commercio da Persia e da Arabia eram forçadas a arribar; foi este grande trato que produziu a edificação da cidade, na ponta que fica entre esses dois portos.

Foi edificada com muito luxo e gosto — ruas largas, casas apalaçadas, todas de pedra, cal e cimento. Em razão do muito calor, as casas têm todas uma chaminé no centro, que lhes serve de ventilador.

Os habitantes eram arabes e persas. O commercio riquissimo. Vinham ali os cavallos persas que seguiam para a India e da India vinham as especiarias que iam

pela Arabia para o occidente. As mulheres eram e são ainda formosissimas, por isso os homens são muito ciumentos e brigadores; elles são tambem bonitos e optimos cavalleiros. Usam sempre armas; gostam de musica e vivem com opulencia. Instruem-se com muito esmero, tendo magnificas escolas e os melhores mestres.

Era n'este tempo rei de Ormuz, uma creança de doze annos, por nome Ceifadim, e, na sua minoridade, era regente um mouro capado, natural de Bengala, chamado Cojeatar.

Informado do que Albuquerque havia feito em seu reino, prepara-se Cojeatar para o receber em guerra, servindo-se de sessenta naus estrangeiras que estavam no porto, entre as quaes havia uma muito grande, do rei de Cambaia, chamada Meri.

Esta nau estava muito bem guarneida de munições e gente; as embarcações do logar eram pequenas, mas muitas; chamavam-se terradas. São pequenos barcos que com toda a facilidade se põem em terra e se mettem na agua. Gente de guerra, Cojeatar tinha já em volta de si uns dez mil homens e a todo o momento esperava mais.

* * *

Manda Albuquerque o seu recado: — que vinha ali por ordem do rei de Portugal que com elle desejava assentar paz e boas relações de amisade e commercio

A resposta escripta, assignada pelo joven rei e pelo regente, é toda cheia de boas palavras e promessas, mas de delongas.

— Que fosse recebendo uns mimos que lhe mandavam e no dia seguinte se trataria de negocios.

Albuquerque recambiou os presentes e esperou de orelha em pé.

De noite, o sagaz Cojeatar pôz tudo em ordem e movimento para logo de manhã dar o assalto. As naus e as terradas cercavam a pequena esquadra; elle, em terra, estava com a sua gente áleria.

Ao amanhecer, Albuquerque, no primeiro lance de olhos, mediu a situação.

Não esperou por novos recados. Concertou o plano de ataque com seus capitães e pô-lo em prática.

Chiouem com a artilharia sobre as principaes naus, com tantos e tão certeiros tiros que as tripulações, não podendo aguentar os danos, abandonaram os seus postos e salvaram-se a nado; as terradas iam para o fundo ou boiavam abandonadas. Os bateis corriam pela agua, cagando gente que boiava. A nau Meri, essa foi aferrada e entrada; achou-se grande resistencia, mas enfim foram todos mortos ou captivos e a nau metteu-se no fundo.

Foi tal a carnificina, diz Damião de Góes, que a agua tinha a cor do sangue!

Alfonso de Albuquerque, chegando com o seu bote a um ponto da praia que servia de estaleiro, deu lá com cento e quarenta naos acabadas de reparar, pixadas e prontas para cahirem n'agua; era a maior riqueza da cidade commercial.

Mandou-lhes deitar o fogo.

A vista de tamanha desgraça, Cojeatar dobrou de todo a cabeça. Mandou pedir pelo amor de Deus a Albuquerque que lhe deixasse ir apagar o fogo, salvar as naus e depois acceptaria todas as condições que lhe quizesse impor.

— Que lastimava não tivessem fallado logo assim; excusava-se tanto trabalho e prejuízo; que fossem apagar o fogo.

Fizeram-se e assenfaram-se as paizes, sendo as condições: — que o rei de Ormuz se reconhecia vassallo d'el-rei de Portugal pagando-lhe de tributo annual quinze mil xerafins d'ouro, dando mais e immediatamente cinco mil como indemnização de guerra; que se concederia logar, á vontade de Affonso de Albuquerque, para edificar uma fortaleza, dando-lhe casas na cidade, onde se acolhesse a gente portugueza, enquanto não estava concluida a edificação.

* * *

Affonso de Albuquerque, porém, tinha uma tal sobranceria e largueza de vistas e de processos, era tão alto e tão desinteressado o seu fim, que tinha e não podia deixar de ter desafeiçoados junto de si.

Desde longe, que no seu conselho de capitães se percebia uma oposição systematica ao arrojado plano que elle levava de vencida.

Uma grande parte, senão a maioria de seus companheiros, desapprovavam esta sua conquista de Ormuz, achando muito mais pratico, muito mais facil e muito mais rendoso, fazer o corso junto do cabo Guardafú, esperando, tomando e saqueando as naus de Méca, que todas por alli passavam.

Está claro que havia em todos valentia, mas o estomago de muitos, senão da maior parte, não podia ser parceiro da cabeça genial do grande capitão.

O certo é que Cojeatar foi avisado de que Affonso de Albuquerque, vindo cercar e offendcer o reino de Ormuz, não seguia as instruções de seu rei; que as paizes celebradas era bem natural que não fossem ratificadas por el-rei, que as instruções que lhe foram dadas se limitavam a cruzar no cabo de Guardafú.

Cojeatar, percebendo a rebeldia dos subordinados, suspeitou das vantagens que d'ali lhe podiam advir e foi tratando de ajuistar elementos de resistencia a Alfonso de Albuquerque.

Apesar da intimidade em que a corte de Ormuz convivia com o capitão-mór portuguez, trocando diariamente visitas e presentes, Cojeatar foi dizendo a Alfonso de Albuquerque: — que achava bom que elle se retirasse d'ali, porque estava estorvando com a sua presença o commercio, do qual deviam vir os recursos para o pagamento do grande tributo que as pazes tinham imposto; que achava muito melhor que elle fosse para o cabo de Guardafú, *aprisionar naus de mouris, segundo as instruções que tinha de seu rei!*

Vindo a Ormuz embaixadores do Xeque Ismael, o grande potentado persa de que Ormuz era tributario, para receber o annual tributo, Cojeatar endossou-os a Alfonso de Albuquerque, dizendo a este: — que se entendesse a respeito com os embaixadores, porque Ormuz não podia pagar dois tributos.

Alfonso de Albuquerque facilmente se saiu das duas difficultades; da primeira, dizendo a Cojeatar que elle era o unico competente para responder a seu rei pela maneira como cumpria as suas ordens, e da segunda, mandando cumprimentar os embaixadores do Xeque Ismael, com uma dose de espingardas, pelouros de bombardas e arcabuzes, dizendo-lhes: — que el-rei seu senhor costumava pagar n'aquelle moeda as suas dividas de tributo e que seria n'ella que d'ali em diante pagaria o rei de Ormuz o que devesse ao Xeque Ismael, visto que, sendo vassallo e tributario d'el-rei de Portugal, este tinha obrigação de responder pelas dividas d'aquelle.



Mas Cojealar ia surdamente preparando-se para a guerra. Subornou cinco marinheiros da armada portugueza, estrangeiros de salário, mas bons fundidores, e foi com elles preparando sua artilharia.

Quando Affonso de Albuquerque soube, mandou-os reclamar. Teve como resposta — que não sabiam d'elles, que tinham fugido para o sertão, que, se fossem achados, seriam entregues.

Por fim, Affonso de Albuquerque foi informado por um mouro de tudo que se passava, de que os cinco freguezes trabalhavam na fundição, dia e noite, que já tinham muita artilharia pronta, que todas as noites entravam homens de guerra na cidade e enfim que era a traição d'alguns capitães da armada portugueza quem tinha dado maior coragem a Cojeatar, para se rebeclar contra a paz estabelecida.

Affonso de Albuquerque começou de certo a compreender, se já o não sabia, a enorme diferença que existia entre a actual geração e aquella d'onde elle vinha, de que elle era um dos já raros representantes.

Cortou rente pela urdida traição, não lhe dando tempo a ganhar mais força. Mandou recolher ás naus tudo que em vidas e fazendas havia em terra e rompeu franco nas hostilidades.

Poz o sítio á ilha para a render pela fome e principalmente pela sede; começou o bombardeio.

Estava a cidade em arfigo de capitular, quando a rebellião estalou abertamente. Affonso Lopes da Costa, Antonio do Campo e Manuel Telles Barrelo abandonaram o seu comando e seguiram para a India, com tenção de apresentar a sua queixa ao vice-rei.

Ao mesmo tempo, recebe Albuquerque a notícia de que Socotorá se achava em último aperto, pela guerra dos naturaes; e ainda outra não menos grave — que em Lara e Baharem-se prestava uma poderosa armada para vir em auxílio de Ormuz.

Pesou a sua grave situação e responsabilidade e tomou a sua resolução. Abandonou o cerco e correu a Socotorá, levar o pedido auxílio.

Liquida facilmente e sem luta a apertada situação da fortaleza; os fartaques fogem uns para a ilha, outros para a terra firme. Alfonso de Albuquerque impôz as suas condições aos naturaes com um tributo pesado; mandou buscar mantimentos para a fortaleza a Melinde.

Passando o inverno ali, logo que chegaram os monções e deixando tudo em bom estado, seguiu novamente para o cabo Roçalgate.

Chegando a Calayate, levava bem de memória a bôsta de boi que ia nos fardos de tamaras. Saltou em terra; varejou a povoação, saqueou-a e ao cabo de oito dias mandou-lhe deitar o fogo.

Aos mouros que alli captivou, mandou cortar as orelhas e os narizes e deixou-os em terra.

Foi a Ormuz e renovou o cerco.

Verificou a impossibilidade de reduzir a cidade pela fome e abandonou esta segunda tentativa.

Aos tres de Novembro de 1508, virava a proa à India; aos cinco de Dezembro chegava a Cananor.





CAPITULO XXV

Primeira entrevista de Affonso de Albuquerque com D. Francisco de Almeida sobre transferencia do governo. — Expedição do Vice-Rei; batalha de Dabul, e Diu; prazos. — Segunda entrevista; incorregção de D. Francisco de Almeida. — Cimnes. — Expedição de D. Fernando Coutinho; pronta seleção. — Fim desgredado do primeiro vice-rei da Índia.



UAS novas armadas tinham partido do reino. Uma, em 1507, sob o commando de Ruy Soares, foi forçada a invernar em Moçambique, e só chegou á Índia, em Maio de 1508. Outra, de dezesete vélas, sob o commando de Jorge de Aguiar, que partira em 1508, e chegou junto com aquella.

D. Manuel resolvera dividir as possessões orientaes em duas capitâncias attenta a extensão que tinham tomado

uma, com a séde em Sofala, estendendo-se até Cambaia; outra, com a cabeça em Cochim, indo de Cambaia até o cabo Comorim, já conhecido.

A armada de dezesete naus ia já também dividida em duas capitâncias — uma, de treze velas, sendo oito para carga e cinco que ficariam de armada e guarda, pertencia ao commando de Jorge de Aguiar; outra, de quatro velas, pertencia ao commando de Diogo Lopes de Sequeira; destinava-se a novas conquistas — passaria o cabo Comorim e andaria para oriente, com direcção principal a Malaca, que já finha grande nomeada pela sua muita riqueza.

Jorge de Aguiar tomaria a capitania de Sofala e lá ficaria com as quatro naus; mandaria as treze de carga, para a India.

Para o vice-rei, cujo tempo estava acabado, iam as necessárias instruções: — voltasse ao reino, entregando o governo de Cochim a Alfonso de Albuquerque.

Estas expedições de Ruy Soares e Diogo Lopes de Sequeira, chegaram á India ao mesmo tempo, como já fica dito.

* * *

Os restos da armada de D. Lourenço de Almeida, voltando de Chaul a Cochim, com a triste nova da morte de seu chefe, encontraram-se no caminho com os trez capitães que fugiam ao commando de Alfonso de Albuquerque, e seguiram juntos.

Preparava-se o altivo vice-rei, o magoado pae, para vingar a affronta das armas portuguezas e a morte do filho estremecido, quando recebe, por Diogo de Sequeira, a ordem da entrega do governo.

Despacha, com a maior presteza, as naus de carga e accelera a sua marcha sobre Diu, onde a armada dos aliados se achava então.

Por seu lado, Affonso de Albuquerque, que em caminho de Ormuz para Cochim é informado da mercê que lhe é conferida, dirige-se á capital do novo governo, receber a sua investidura.

Encontra-se com o vice-rei em Cannanor. Expõe D. Francisco de Almeida a Albuquerque o seu plano e o seu desejo: — que tinha tudo preparado para a dupla vingança; que a nau, em que D. Manuel o mandava voltar ao reino, ainda não tinha chegado; descansasse o bravo capitão de suas muitas fadigas, esperasse por elle e na volta lhe faria entrega do governo.

Affonso de Albuquerque replicou: — que a desforra da affronta ás armas portuguezas, elle a ia tomar, lhe pertencia, a queria para si e que a da morte do filho viria junta.

D. Francisco, com a suprema altivez que o caracterisava, disse-lhe laconicamente: — que elle não commettia a outros o que o seu dever lhe impunha; que tinha o poder e não o declinava. Que fosse, sob prisão, para Cochim, reparar as suas naus e alli aguardasse a sua volta.

Affonso de Albuquerque cedeu; era, antes de tudo, um soldado.

D. Francisco segue para Diu.



Treme mouro traiçoeiro, que a espada vitoriosa do capitão portuguez, do vencedor de Quilão e de Mombasa, no teu sangue experimentada e fartamente binta

desde Granada, hervada agora no amor irreparável, vai cahir como raio de Jupiter sobre a tua cabeça!

Treme, velha e altiva cidade, em cujas muralhas tantas epopeias foram escriptas com sangue de heróes; os musgos das tuas paredes vão ser avermelhados pelo sangue dos traidores que ousaram macular a bandeira mais impoluta; apunhalar a alma do mais altivo dos paes! Treme, astuto e vilissimo capitão de Cambaia que, a troco de todas as perfídias, pelo preço de todas as traições, conseguiste sulir de captivo miseravel das caifas da Arabia, até o solio em que te sentas com orgulho, comprado por uma fermentida lealdade!

Agasalhaste, protegeste, meia duzia dos valentes de Chaul, guardal-os em captiveiro. Não é uma demonstração de amisade, menos a veneração da sua altiva heroicidade; és incapaz de sentir estas qualidades, repugnantes à tua origem miseravel.

Guardal-os, como refens valiosos, porque sabes o preço de cada uma d'essas vidas para os que as conhecem e as apreciam; são para ti um thesouro de supremo valor, no dia da tua punição, que não vem longe.

As lagrimas que derramaste e offereceste ao martyrisado pae, suffragando a morte do filho, não te alliviam da culpa, mas a agravam.

O silencio magestoso com que foste acolhido, tomaste-o como um perdão!

Insensato escravo de alma vil, assassino ignobil de heróes! Confundes o desprezo mudo das almas nobres, com a gratidão ignara dos pobres de espirito!

Tremei, vós todos, que um momento feliz e desejado embriagon em louça vangloria.

D. Francisco de Almeida ainda é vice-rei da India e a sua força e a sua coragem são agora mais vivas do que nunca foram!

* *

Saiu D. Francisco de Almeida de Cananor, aos doze de Dezembro de 1508, com a sua armada de dezenove velas; são — seis naus grandes, seis navios redondos, cinco caravelas latinas e duas galés.

Flor de la Mar era a nau capitanea, a maior de quantas andavam na India. Levava mil e trezentos homens de armas portuguezas e quatrocentos malabares de Cochim.

Dirigin-se a Anchediva, passando antes por Onor, onde Timoja veiu fallar-lhe, como bom amigo e aliado que se mostrava. Disse-lhe que ali estavam alguns navios de Calicut; D. Francisco de Almeida mandou-os metter no fundo e seguiu a fazer a sua aguada.

O Samorim trazia os seus paraus, em toda a parte, por todos os rios, espreitando todos os movimentos de D. Francisco e de tudo informando Mir-Hocem e Melique-Az. Este refinado patife mandou uma embaixada a Anchediva, com cartas dos captivos de Chaul e com respeitosos cumprimentos e propostas de resgate.

O fim verdadeiro era conhecer de perto a força, disposição e ordem em que vinha a armada de D. Francisco de Almeida.

Este respondeu por escrito: — que agradecia o bom tratamento que os seus compatriotas confessavam que recebiam d'ele, como a visita que lhe fazia por seu embaixador; que se achava no caminho para lhe ir agradecer pessoalmente e por isso podia avisar aos Rumes (era o tratamento que se dava aos mouros do Cairo) seus amigos, que se aprontassem para a visita que interessava a todos; que então, na *envolta* dos

mortos, podia entrar o concerto dos captivos, porque seria isso mais rápido e sumário do que por embaixadas e recados.

E' muito celebre a allocução que D. Francisco de Almeida fez aos seus capitães, antes de deixar Anchediva, exhortando-os a esta guerra, explicando o seu procedimento e propondo, como preliminar e ensaio, o ataque da cidade de Dabul, proxima de Gôa e de Diu, pertencente ao Sabaio.

Era a paga do ataque d'este á fortaleza de Anchediva e da boa aliança que tinha com os Rumes.

Approvada com entusiasmo a ideia, segue a armada para Dabul, onde chegou aos 29 de Dezembro.

* * *

Dabul era uma bella e populosa cidade, dependente do Sabaio, senhor de Gôa, edificada na margem d'um largo rio, duas leguas acima da foz. Na frente da cidade, tinha o Sabaio mandado fazer uma trincheira em todo o comprimento; na outra margem do rio e na entrada, havia um forte bem artilhado.

O Sabaio, que se arrependia da visita dos portugueses, tinha enfregado a guarda da cidade a um seu capitão de confiança; tinha-lhe fornecido todas as precisas munições e seis mil homens de peleja.

D. Francisco de Almeida mandou de noite fazer um reconhecimento dentro do rio.

O capitão tinha ordenado que todas as naus que ancoravam no porto subissem acima do forte e da trincheira, se junhassem umas ás outras, de forma que faziam um novo baluarte, contra o qual iria dar a esquadra de D. Francisco, se conseguisse passar acima da fortaleza, forçando a passagem.

Como os commerciantes da cidade, informados da vinha da esquadra portugueza, quizessem retirar-se para o interior com suas fazendas e familia, o capitão mandou lançar o prego de que não consentia a retirada de ninguém; mandou vir sua principal mulher, que vivia n'uma quinta afastada; convidou os principaes da terra a fazerem o mesmo.

D'esta sorte, a entrada da esquadra dos Frangues (como alli chamavam aos portuguezes) era um espetáculo, uma alegre diversão.

No dia 30, D. Francisco de Almeida, logo que houve virnação e maré, mandou subir o rio pela sua avançada, com ordem de forçar o passo e collocar-se ao pé do inimigo e das suas naus; elle, com o resto da armada, seguindo logo, tomaria posição em frente da cidade; a gente de armas sahria nos bateis e forcaria a tranqueira; que todos estivessem attentos á sua bandeira, para que ninguém saltasse em terra antes d'elle.

Tudo se fez bizarramente, apenas com muita mai precipitação do que estava ordenado.

A avançada forçou a passagem entre a tranqueira e o baduarte e collocou-se junto das naus, sem mesmo dar um firo nem sofrer danno algum.

A gente saltou nos bateis e em terra, cada um no logar da praia que lhe parecen melhor; n'un momento, tinham vencido a fachá de terreno, sem incommodo da artilharia, cujos firos passavam muito alto entre a riba e a tranqueira.

Havia trez portas ou serventias, os mouros dividindo-se em trez pelotões, correm á defeza d'ellas; travava-se ahí uma terrivel peleja a ferro frio e corpo a corpo.

Entraram afinal.

Era geral o panico na cidade; as ruas andavam cheias de gente—homens, mulheres, crianças, que corriam em todas as direcções, achando a morte onde procuravam salvação.

Dezeses dos nossos eram mortos, duzentos e vinte estavam feridos; mas os cadaveres do inimigo formavam montes por toda a parte.

A carnificina foi maior na mesquita e suas vizinhanças, porque era o refugio geral; ainda contavam com o seu Deus. Escaparam os que mais confiavam em si, que fugiram para um monte sobranceiro á cidade. Os que se fiavam em Deus e não corriam, ficavam no montão.

O extermínio durou desde as dez horas da manhã até as trez depois do meio-dia.

A noite passou-se em vigilia e em guarda.

No dia seguinte deu-se o saque á cidade; deitou-se-lhe o fogo, que a destruiu em um pouco tempo. Ao meio dia, da bella cidade de Dabul havia cinzas e brazido.

As naus inimigas foram tambem incendiadas.

Não houvera cuidado em recolher mantimentos ás naus; faltava que comer. D. Francisco mandou algumas embarcações pequenas sahir a barra e costear, procurando alguma cousa nas povoações ribeirinhas ou em naus que passassem; comprassem ou tomassem á força. Voltaram vazias.

Era anno de fome; tinha havido a praga dos gafanhotos.

Mandou-se explorar o monte aonde se refugiaram os salvados de Dabul; tinham fugido e nada deixaram.

Era indispensavel sahir d'alli á procura de mantimentos.

Foi bordejando a armada para Diu e pouco aqui, pouco além, parte em terra, parte no mar, sempre se foi obtendo o indispensavel.

No dia dois de Fevereiro de 1509, de manhã cedo, ancorava a armada portugueza em frente á barra de Diu.

Junto da costa de Guzarate, entre 20 e 21 graus de latitude norte, no sul de Katuwur, província meridional do reino de Cambaia, fica a ilha de Diu. Separa-a da costa um canal, esteiro, rio, ou braço de mar, com duas entradas.

Numa d'estas está a notavel e velusta cidade, alterosa, já n'este tempo cercada de muros e bem guarneccida de todos os meios de defesa entô conhecidos.

A entrada, ou barra era difficult; um grande banco, formado por uma lage, dividia-a em dois braços — o do norte, junto da cidade, era fundo e naveável; o do sul, parceloso, com muitos bancos de areia, só dava passagem a essa perigosa, a pequenos barcos. A segunda barra, no ponto extremo da ilha, chama-se Brancavará.

N'este tempo, era Diu governada pelo celebre capitão Melique-Az, tributario do rei de Cambaia.

A esquadra de Mir-Hocem, enviado do grão-jurco estacionava do lado do sul do porto, para onde Melique-Az o tinha empurrado, não querendo, apesar de ser aliado contra portuguezes, relações muito proximas com os Rumes.

Da estada d'estes, resultou a edificação, na ponta fronteira á illa e á cidade, d'uma povoação que se chamou — *Villa dos Rumes*.

• • •

Na madrugada do dia 2, em que D. Francisco de Almeida aportou, num grande cerração encobria a terra, esperou-se o sol que a desfizesse e concertou-se o plano do ataque para aquelle dia mesmo.

Pelo seu lado, Mir-Hocem e Melique-Az conferenciavam tambem. Divergiam de plano os dois commandantes. Mir-Hocem queria sahir a barra e offerecer batalha no largo mar.

Confiavam no poder de suas grandes naus e no bom serviço dos rapidos paraus de Calicut que, como elle conhecera em Chaul, prestavam bons serviços no cerco das naus portuguezas.

Melique-Az opinava por que se esperasse a armada dentro do canal, collocando-se todas as naus grandes junto de terra em forma de baluarte e trabalhando as pequenas no cerco; aproveitava-se a accão combinada da força de terra que era grande.

Melique-Az, que jogava com pau de dois bicos, que tanto estimava os portuguezes como os Rumes, que da luta só via o seu interesse, receiava que, sahindo Mir-Hocem a barra, fugisse e o deixasse a elle sózinho no fogo. Tinha dado ordem aos seus capitães que, caso sahisse a esquadra do grão-turco, ninguem o acompanhasse.

D. Francisco de Almeida, porém, tirou-os d'esta desavença, porque, apenas se desfez a neblina, e a barra e a cidade se mostraram a seus olhos, concertou

o seu plano de ataque e avançou para o canal, disposto a entrá-lo n'aquele mesmo dia.

Mir-Hocem postou-se de dentro, tomando-lhe a frente e disputando-lhe a entrada.

Trocaram-se alguns tiros; veio a noite e as duas esquadras guardaram durante ella as suas posições.

Dia de S. Braz, depois das nove horas da manhã, principiou-se a forçar a barra.

A nau Santo Espírito, sob o comando de Nuno Vaz Pereira, com cento e vinte homens escolhidos, ia na frente, com ordem de atacar a nau capitanea de Mir-Hocem.

Logo Jorge de Mello, com a sua nau Belém e igual guarnição e atrás todos os outros capitães, cada um dos quaes levava seu combinado destino.

Diogo Pires, na sua galé, ia na frente, sondando o canal, para dar entrada a Nuno Vaz. Um captivo Guzarate, bom conhecedor da entrada, ia de piloto na Santo Espírito.

Nas primeiras descargas, que choveram de terra e mar, Diogo Pires e dez da sua galé calhiram mortos. Nuno Vaz ficou sem guia, mas, com a alma acceza, foi para a frente, sem saber por onde.

A nau capitanea de Mir-Hocem era a sua mira; caminha para lá em linha recta. Em volta, cuspiam-lhe milhares de tiros os paraus e pequenos barcos, que o levavam cercado.

Similhavam matilha de gózos em volta de lobo esfaimado.

Nem dava por elles; o seu destino era lá, onde as duas mais alterosas naus, a de Mir-Hocem e a maior de Melique-Az, estavam, juntas com outras e outras, formando forte baluarte.

Foi um momento terrível!

Nuno Vaz ferrou a sua presa: esta, por seu turno, segurou-a também, laço de ferro, que só a morte podia desfazer.

Outra nau, do outro lado, ferrou a Santo Espírito; outras esta, aquella, aquell'outra.

Em poucos minutos, tantos barcos grandes e altorosos, tão artilhados e cheios de gente aguerrida, formavam um corpo unico; tantos corpos fluctuantes constituiam uma fortaleza, um campo de batalha: esta ia dar-se como em rasa campanha; corpo a corpo, á espada, á lança, a punhal.

Só a nau do vice-rei estava livre, mas nem por isso era menos rude o seu trabalho, proveitoso o seu batalhar.

Mettendo-se no meio da fustalha de Melique-Az e paraus de Calicut, despedia sobre elles tiros certeiros que os iam mandando para o abysmo, embora com grave danno de sua gente, sobre quem cahiam nuvens de setas e pelouros.

De longe a *Flor de la Mar* não se via, porque a chuva de projectis a tinha encoberta.

Prestava, porém, um alto serviço aos seus, que além batallhavam a ferro frio: — entretinha a cansoada, não a deixando ir para lá, onde por ventura mudaria a sorte da guerra, pondo os nossos entre dous fogos.

Foi longa, terrível a luta!

Os soldados de Mir-Hocem, os turcos, principalmente os celebres e valentes mamelucos, vendiam caro a vida. Mas morreram ao braço d'outros mais fortes, de genio indomavel e invencivel.

Os paraus de Calicut foram os primeiros que perceberam o desfecho; fugiram pela outra barra e foram para a sua terra, os que ainda podiam navegar.

Mir-Hocem, em seguida; viu-se perdido; comprehendeu o lim; salvou-se.

Desceu sorrateiramente da sua nau; meteu-se no escader, sem ser visto, nem presentido; foi para terra onde já tinha de cautella o seu cavalo pronto nas mãos do seu pagem.

A toda a brida, fugiu para Cambaia.

Melique-Az, sempre em terra, via, observava. Comprehendeu o desfecho e calou a sua artilharia. Quebrara-se uma das pontes de pau; era preciso servir-se da outra.

Não havia já n'aquelle recinto nau ou barco do inimigo que aguentasse a peleja ou fizesse fogo. Os que ainda boiavam, estavam vazios de gente, que esta, a que não era morta, procurava salvar-se a nado.

Os nossos, nos bateis, andavam à sua caça, quebrando-lhes a cabeça à paulada.

Ainda aqui, na frase de Damião de Goes, a agua se tingiu de vermelho, de tanto sangue derramado.

Juntou-se a armada e saiu rio fora, eram duas horas da noite. Foram, longe d'aquelle logar sinistro, agora povoado de destroços, de ruinas, de sangue e de phantasmas, por ventura ainda de derradeiros gritos de moribundos, lavar-se de tantas impurezas nas vagas do largo oceano, nas brisas puras do alto mar.

E ver-se e contar-se e registrar com lagrimas de respeito e de saudade a morte dos seus heróes; e curar de tantos que, embora vivos, vinham mutilados, sangrados. Reparar as naus, que todas também traziam feridas e feridas profundas.

Abriu-se com trinta e tantos o registro d'essa pleiade de bravos que deixaram a vida n'esta façanha de Diu; logar sagrado, para quem se extasia ante as glórias vetustas de Portugal.

A batalha naval de Diu e os dois cercos da sua fortaleza são pontos culminantes da grande obra portugueza; focos de luz vivissima das suas quinas.

Trezentos e tantos sahiram feridos.

As bandeiras do Grão-Turco e as divisas do seu admirante, foram trazidas ao reino e enfregues, em Thomar, á ordem de Christo.



Melique-Az tremia como varas verdes; aquella noite foi um pesadelo.

De manhã cedo, mandou ao vice-rei o seu embaiador, com os parabens, presentes, pedido de paz, proposta de sujeição e tributo e entrega dos prisioneiros de Chaul; aceitava as condições que lhe fossem impostas.

D. Francisco reuniu conselho; com toda a prudência, que as circumstâncias aconselhavam, resolveu-se aceitar as pazes com o patife.

Ir adiante, tomar a cidade, era realmente uma loucura, que o desejo de castigar Melique-Az não justificava.

Estava-se exhausto; havia pouca gente.

Tomada Diu, offendia-se o rei de Cambaia que sempre se mostrára estranho á luta e propenso á nossa aliança; elle vivia em defeza do seu domínio. Diu ficava longe; não se podia sustentar. De mais a mais, encravada entre logures todos inimigos.

Receberam-se os captivos, refrescos e presentes, que Melique-Az mandou em profusão; ajustou-se uma paz onerosa para o vencido e levantou-se ferro.

Passou-se em Chaul e Onor; entrou-se em Cananor, onde se gosaram alguns dias em festa.

Foi-se para Cochim, onde as alegrias e solemnidades foram deslumbrantes.

Alfonso de Albuquerque, o legitimo governador, estava lá, esperando; foi ao encontro de D. Francisco de Almeida, felicitá-lo pela sua victoria.

Feitas as primeiras e ruidosas festas, esperava Alfonso de Albuquerque lhe fosse entregue o governo; as festas continuavam.

D. Francisco de Almeida vivia na fortaleza, o legitimo governador n'uma casa particular, como qualquer infimo capitão.

As tenções do vencedor de Diu não eram razoáveis; havia manifesto plano de usurpação, era flagrante a desobediencia ás ordens reaes e agora a deslealdade do primeiro vice-rei da India era visivel; não cumpria o que promettera em Cananor.

O duello franco, aberto, entre os dois grandes homens, era agora inevitável; os capitães commentavam; formavam-se dois partidos em volta dos dois.

O que se passou não é edificante, nem absolve nem limpa D. Francisco de Almeida, por maiores que sejam os seus serviços.

Repellió altivamente e até com desprezo o requerimento de Albuquerque; acuzou-o de inepto, de desobediente, de incapaz de tão grande encargo; citou-lhe Socotorá e Ormuz.

Maltratou os seus sequazes.

Por ultimo, prende Alfonso de Albuquerque e manda-o para a fortaleza de Cananor, entregue à guarda de Lourenço de Brito, seu capitão!

Somos dos que se curvam diante de tão longa, tão trabalhada, tão gloria administracão, como foi a do primeiro vice-rei.

Desculpamos a sua desobediecia á ordem de D. Manuel, quando Albuquerque chegava de Ormuz.

D. Francisco de Almeida tinha nesse momento uma grande missão a cumprir: além de que tudo estava por elle pronto para ella, havia alli um peito e um coração de pae a quem ninguem podia disputar a primasia. Ninguem em Salyaterra se lembrou de tolher o passo ao velho marquez de Marialva, quando com a sua espada descia á arena para vingar a morte do filho.

Alfonso de Albuquerque respeitou esse sagrado direito e obedeceu.

Agora, paga essa divida de sangue e de honra, a insistencia na rebellião não tem outra cauzal que não seja indigna e torpe: era o ciume d'esta estrella fulgurante, cuja aurora já tinha mostrado a seus olhos que havia de escurecer o brilho da sua! D'essa estrella, que ia consolidar tantas conquistas, ampliar-as, respeitá-las, elevando em cima d'ellas o mais poderoso imperio do Oriente.

Era o ciume: era uma questão pessoal.

D. Francisco estava disposto a cumprir a ordem, entregando o governo; mas não havia de ser a Albuquerque. A prova é que empregou esforços para o entregar a outro: ofereceu-o a Diogo Lopes de Sequeira.

* * *

Vinha do reino uma armada, debaixo do comando do marechal D. Fernando Coutinho.

Traziá quinze naus, todas bem artilhadas e guarne-cidas e destinava-se especialmente à guerra de destruição de Calicut e de seu rei.

Levava amplos poderes para esse fim; ia isento de sujeição ao governador, que supponha ser Affonso de Albuquerque.

Chegando a Cananor e dando com o legítimo governador preso, o cavalheiroso marechal desatou o nó gordio.

Tomou Affonso de Albuquerque, prestou-lhe todas as honras do alto posto em que o deu ali por investido e seguiu com elle para Cochim.

D. Francisco e os seus sequazes ficaram passados; não pensaram mais em resistencia.

O marechal, nas melhores palavras que ponde, foi dizendo ao velho Almeida que fizesse as suas mallas com prontidão e viesse descansar.

Foi cruel com este homem grande e cheio de enormes serviços; pretendia voltar na sua querida nau *Flor de la Mar*, a heroica vencedora de Diu; não lh' o consentiram.

Veiu na Garça, uma das trez que traziam carga!

Que triste fim esperava este grande homem!

Na aguada de Saldanha, onde parou para refrescar, foram dos bateis alguns em terra fazer resgate com os negros. Houve barulho; alguns, com a cara esmurrada e a cabeça ferida, vieram queixar-se a D. Francisco.

Resolvem ir a terra e castigar a offensa.

O resultado, sumariamente, foi ficar lá o primeiro vice-rei da Índia, morto e esquartejado, com sessenta e cinco dos principaes da sua companhia!

Passou-se esta tristíssima scena, no dia primeiro de Março de 1510.

Ainda n'esse dia de tarde, logo que os cafres se retiraram ao aldeamento, saltaram em terra os sobreviventes, a dar sepultura a seus infelizes companheiros. Acharam o cadáver de D. Francisco de Almeida aberto pelos peitos e pela barriga; todos nus e roubados do que traziam.

Alli ficaram, sepultados em terras barbaras e mortos em ingloria luta, tantos e tão valorosos heróes.¹

¹ O Sr. Barros Goines, a quem devemos o grande serviço de nos salvar os últimos trabalhos de Oliveira Martins, o que deixou acabado e todos os rascunhos da sua monografia do "Príncipe Perfeito", dá-nos o tumulo do primeiro vice-rei em Almarias. Guiou-se por uma das muitas e bellas notícias deixadas pelo inovável escritor e reuniu o tumulo de D. Francisco de Almeida, em Almarias, com o título de vice-rei.

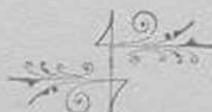
Pensamos haver engano.

Que nos conste, os restos do vice-rei, por lá ficaram na Castraria; nem sabemos de tentativa para os trazer, nem achamos facil achar-los.

D. António Caetano de Souza dá, entro a uma versão de que o tumulo de D. Francisco se acha em Évora.—"Na igreja do Espinheiro de Évora, dizem, está o seguinte epitafio:

Aqui jaz D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia,
que nunca mentiu nem fugiu."

Dizem, escreve o autor da Histeria Genealogica, porque logo em seguida contesta a veracidade do dito.





CAPITULO XXVI

Affonso de Albuquerque: Goa; sumaria descripção. — Grandioso programma. — Primeira tomada de Goa; medidas de subir colonização. — Contro-choque. — Sitio na ilha, na cidade, na fortalem, no rio. — Invernada no Mandovy. — Demonstração prática das grandes qualidades do conquistador indiano. — Extremos; audacias. — Insubordinações; justica severa, necessaria. — Venta do bom tempo; auxilio do reino. — Diogo Mendes de Vasconcellos; Malaz. Desobediencia, castigo e magnanimidade. — Goa incansavelmente conquistada e possuida. — Malograda expedição ao Golpho Arabico.



ilha de Góa ou Tissuary, que quer dizer trinta aldeias, fica encravada na costa do Dekan, nun grande bolso do oceano indico.

O rio Mandovy banha-a por todos os lados; — pelo norte, separa-a da província de Bardez e forma a bella entrada da *Aguada*; pelo sul, com o nome de Zoary, separa-a da província de Salsete e forma a entrada defendida pela fortaleza de Mormugão.

Até os fins do século XIV, Gôa pertencia aos reis da dynastia Cadame, tributários dos imperadores de Bisnagar.

Desde o século XI, começou a ser visitada comercialmente pelos mouros, que conseguiram estabelecer-se lá, usurpando o domínio hindu. Tomada e retomada, em épocas diversas, passará, em 1491, a ser governada por um filho do rei Visiapur, conhecido pelo nome de Sabaio-Dal-kan.

Esta ilha tem vinte quilometros de comprimento, desde Nossa Senhora do Cabo até o forte de Benastary e de largura media cinco quilometros e tanto; tem um perimetro de quarenta quilometros; cento e cincuenta quilometros quadrados de superfície.

Sobre a sua uberdade e clima, diz o Sr. Lopes Mendes, intelectuado e estudioso viajante:

«A frescura, a força da vegetação nova, a abundância das produções, que cobrem a terra, transcendem a fudo que se admira nos mais gabados climas da Europa. Durante os meses de Junho a Novembro, o territorio de Gôa oferece de uma a outra extremidade a mais surpreendente perspectiva d'um magnifico, delectoso e continuado vergel, ostentando por entre frondosos arvoredos, aqui extensas campinas floridas, além vastidões de espigas a perder de vista, mais adiante prados verdejantes matusados de bonitas, e por toda a parte a inexaurível riqueza d'uma vegetação luxuriante e explendida.»

Alfonso de Albuquerque, acompanhando o marechal a Calicut onde, por sua imprudencia e estouvada bravura, foi morto com muitos fidalgos da sua comitiva, voltando a Cochim com os restos d'esta infeliz

expedição, tratou de enviar para o reino as naus de carga d'este anno de 1510 e preparar-se para as suas incomparáveis vitórias.

Era grande, variado, extraordinário o seu programma.

Calicut tinha que ser arrasada; agora mais do que nunca; era o monumento que se devia a Fernando Coutinho.

Ormuz tinha que ser definitivamente tomada; era uma obra sua que precisava completar-se.

Diogo Lopes de Sequeira fôra perfidamente recebido em Malaca; tinha-lh'o mandado dizer a Cochim, de passagem para o reino. Não quizera vir em pessoa, porque se arreceava; tinha sido parcial do vice-rei. Havia de se ir a Malaca, ajustar essas contas.

Diu estava vencida mas era perfida e infiel; muito sangue nosso fôra ali vertido; a vingança não estava ainda acabada.

Gôa era de infieis e era a chave de todas as sonhadas conquistas.

Preparou a sua expedição; vinte e tres velas — dezoito naus, duas galés, um bergantim, duas caravelas; dois mil soldados portuguezes; bastantes malabares, dos reinos aliados.

Destinava-se a Ormuz.

Mandou Frei Luiz, da ordem de S. Francisco, ao rei de Narsinga, convidando-o para Gôa e para Calicut, dava-lhe tempo para se preparar.

Narsinga não faltaria, porque era inimigo tradicional dos dois, e de há muito sondava o terreno da aliança com Portugal para esta dupla desforra.

Em Onor, porém, veiu ter com elle o Timoja. Disse-lhe o estado de Gôa; não podia haver melhor ensejo; urgia ir até lá.

O Sabaio andava em guerra no interior; muito longe; tinha desgarrado a cidade e a ilha de gente, que levava consigo; ali o ensejo.

Trabalhava-se activamente nos estaleiros, preparando-se uma armada de vinte naus novas, grandes, afora muitos barcos pequenos, com que o Sabaio tentava vencer os portugueses de toda a India; ali a urgencia.

Alfonso de Albuquerque reuniu o conselho; resolviu-se ir a Gôa; virou-se a proa para o Mandovy.

Albuquerque tinha a rapidez da concepção e dos processos; foi o Nuno Alvares das Índias.



Mandou adiante D. Antonio de Noronha, seu sobrinho, com alguns outros, a gente necessaria, nos pequenos vazos e bateis; dessem no baluarte que estava abaixo de Pangim, o tomassem e destruissem.

O Timoja foi por outro lado, por terra, fazer o mesmo a outro baluarte que havia n'outro ponto; um piloto foi sondar o rio, a ver se havia agua para as naus.

Havia; a armada entrou o rio, e ancorou em frente à fortaleza da cidade.

Os baluartes estavam arrasados; o capitão, preposto do Sabaio, fora ferido em Pangim e recolhera-se à cidade.

Alfonso de Albuquerque por uns mouros que vieram para elle, mandou recado ao governador que se entregasse, sem derramamento de sangue, que elle prometia um governo pacífico e generoso; garantia desde logo ao povo uma diminuição dum terço do imposto que pagava ao Sabaio.

O povo confraternizou com estas promessas; o capitão saiu da cidade, juntar-se ao seu chefe, a quem levava a nova: foi fiel.

Alfonso de Albuquerque saltara em terra, na sua bella capital, aos 26 de Fevereiro de 1510, laureado pela mais que todas estimável coroa de conquistador — a da paz.

O povo em festas, formando solemne procissão, leva o governador e seus capitães em triumpho, desde a praia até o soberbo palacio, habitação do Hidalcão.

Cuida logo da guarda e da defesa da cidade, procurando, com o rigor da justiça e lealdade das suas promessas, conquistar a alma d'este povo, tão mesclado de origem.

Distribuiu todos os cargos, cuidou das edificações de obras necessarias, prevenindo-se para resistir ao Hidalcão.

Tomou conta do estaleiro onde se fabricava a grande armada; arrecadou todas as munições, que achou em grande copia; guardou os enormes thesouros do Sabaio.

Em meio d'esta vida afanosa, não esquecia o seu mais íntimo, mais carinhoso cuidado: — a administração interna, a distribuição da justiça, a felicidade do povo que lhe estava sujeito.

Regularisou os impostos, suprimiu todos que lhe pareceram vexatorios; firmou justas regalias e garantias aos naturaes; respeitou os seus costumes e religião; procurou a fusão das raças pelos casamentos que elle muito prolegia, sendo-lhes presente com grande festa e offertas.

Conquistava assim entre o gentio a estimão e veneração, que nenhum outro portuguez lograra até ali.

Encaminhava a posse dos extensos territorios orientaes para uma solução pacifica, digna, sympathica, que até ali nunca tivera, que nunca teve ao depois.

Collocava a conquista ao serviço da civilisação; dignificava-a. Alevantava o nome portuguez acima de todos os outros nomes; honrava-o.

Completou a nobre ideia de Duarte Pacheco.

Foram os dois astros errantes d'este ceu oriental.

Um, dignificou os tratados, valorisou as alianças; n'essa direcção que deu ao poder material, abriu um novo horizonte aos povos orientaes, horizonte azul, doce, benigno e confiante; mil vezes mais bello do que o que era da cór do sangue, como o do Gama, de Cabral, de D. Francisco de Almeida, de todos emfim.

Não fez mais, porque a sua passagem era ephemera, a sua posição subalterna, a sua força quasi nulla.

E Albuquerque? Foi mais longe na mesma esteira; tão digno como aquelle nos pontos que tiveram de commun; igualmente digno, em todos os pontos onde chegou.

Fez um imperio, com a espada quando esta era pedida pela justiça, pela força moral que oscillava; mas pela nobreza, pela honra, pela fé e pela alia e logica e humanitaria politica do bem, do justo.

Cunhou moeda de ouro, prata e cobre com as armas portuguezas.

Cuidou com muito particular interesse das relações com todos os povos vizinhos; mandou-lhes embaixadas de paz e de alianças mutuas.

Elle que era, que foi, que morreu pobre, cobria a todos com prezentes magnificos. Para o reino mandava naus carregadas de ouro, de pedrarias, de objectos de grande valor, além da fazenda do resgate, do farlo commerçio, que elle ia todos os dias alargando.

Aproximava-se o inverno.

Alfonso de Albuquerque apresentou ao conselho de seus capitães a sua resolução de ficar ali; tornar efectiva e valiosa tão grande conquista; preparar-se para resistir ao Hidalcão.

— Que, se esta ideia desagradava a alguém, fosse franco esse alguém, que elle lhe dava licença para ir onde quisesse.

É claro que Alfonso de Albuquerque não confiava em todos que o acompanhavam; tinha inimigos; sabia-o desde Ormuz, de Cochim.

Mas, principalmente, sabia-o, porque a sua política era detestada; elle era uma excepção, uma árvore exótica, n'aquele meio de simonia, de luxo, de desregrada ambição.

Era o reinado do venturoso D. Manuel; não era o de João II.

Elle sabia-o.

Ninguem abriu a boca, entretanto.

Assim, Albuquerque distribuiu os officios, cuidou de todas as reparações, aprestou as naus que estavam no estaleiro.

Não confiando nos nobres, cerceava-lhes quanto podia as ambições; ia levantando os soldados mais dignos; casava-os, apadrinhava-os, dava-lhes logares de confiança.

Dos naturaes aproveitava quantos podia, principalmente na cobrança dos impostos; era a maneira de os receber.

A revolta saltou enfim. Quatro capitães lhe requereram licença para se ir a Cochim; que passar ali o inverno era uma temeridade, uma ruína; Goa não se podia defender do Hidalcão; elles não poderiam retirar-se mais tarde; seriam trucidados ali.

Quiz empregar o rigor, chegou a prender os cabeças; mas eram-lhe precisos. Fingiram-se submissos; soltou-os. Logo que poderam, fugiram, foram para Cochim.

Entretanto Mandaloi, senhor de Condal, fiel a Albuquerque, avisa-o de que o Hidalcão vinha sobre Gôa com a sua grande força, com toda a que se lhe ia ajuntando, nas terras por onde passava, e que elle, alli isolado, suspeito e inimisado, seria destruído, se o governador lhe não accudisse.

Caminhava o nosso heroe para o ultimo extremo; era preciso chegar lá, para assombrar de todo o mundo com a enorme força da sua cabeça e do seu braço.

Valverde foi a completa definição de Nuno Alvares; o Valverde de Albuquerque começa aqui.

* * *

As avançadas do famoso Hidalcão chegam a Benastury, na ponta da terra firme, em frente da ilha; tudo era seu até ahi; voltava ao antigo dominio o que tinha sahido d'elle; pela vontade ou pela força.

O Sabaio, apenas soube do estrago que se lhe fizera, ajustou pazes ou tregos com os que andava combatendo e abalou.

Em quanto ordenava as suas coisas, mandava na frente Pulatecão, um dos seus generaes; era este que balia ás portas de Gôa.

Mandou a Albuquerque uma proposta, em nome do Sabaio; por ella se collige o conceito em que andavam as armas portuguezas, dirigidas por este governador.

— Que lhe entregasse a cidade e a ilha que tinha usurpado e se fosse em paz.

O intermediario era um tal João Machado, um degradado que viera com Cabral, que este deixara em

Melinde, fôra para Diu ao serviço de Melique-Az e agora andava ao do Sabaio; mas que tinha alma portugueza e que veio a empregal-a, com grande utilidade.

Repellida a proposta, Palaceão forçou as estâncias da ilha e entrou-a; era impossivel a resistencia a tamanha força.

Affonso de Albuquerque, concentra-se na cidade e reparte a sua gente na defesa dos muros.

O ataque dâ-se e repeete-se em diversos logares; sem resultado, antes com grande perda do inimigo.

A rebelião dos seus capitães toma maiores proporções; estes subornam os soldados, amotinam os naturaes; João Machado, secretamente, vinha informar Albuquerque do que se passava lá fôra.

Sabe por elle que o Sabaio era chegado com forças extraordinarias; os naturaes revoltam-se claramente, desde que o sabem.

Albuquerque vê-se forçado a abandonar a cidade e refugiar-se na fortaleza. Levava consigo os poucos naturaes que se conservavam fieis, muitos captivos, homens e mulheres principaes, que lhe serviriam de refens, em caso de necessidade.

Soube pelos seus espias que o plano do Hidalção era cortar-lhe a sahida da barra, mandando entupir o canal; incendiar-lhe a armada com balsas accezas e outros meios e cercal-o na fortaleza, reduzindo-o pela fome.

Reuniu o conselho; resolveu-se sahir para o mar e defender-se na armada; seguir para fôra, sendo possivel; invernar alli, no caso peior, e esperar a volta do tempo e dos reforços, para retomar a cidade e a ilha.

Assim se fez.

No dia 30 de Maio do mesmo anno, recolhia-se ás naus tudo que estava na fortaleza, á excepção de cento e cincuenta mouros que estavam presos por traidores,

que Albuquerque mando matar e dos cavallos que, para não servirem ao inimigo, mando mutilizar.

* * *

O Hidalgão, certificado da imperiosa necessidade que tinha a frota portugueza de passar o inverno no Mandovy, tomou todas as medidas para a reduzir.

Albuquerque fundeara n'um logar chamado Ribandar, fóra, o mais que pôde do alcance da artilharia da cidade, principalmente da fortaleza.

O Hidalgão mando guarnecer fortemente o castello de Pangim que defendia a barra, e, a cavalleiro sobre este forte, mando entrincheirar tres mil soldados ao commando de Pulapecão.

Elles e o castello defendiam-se mutuamente e afiravam sobre a frota, fazendo-lhe grande danno.

Affonso de Albuquerque mandou de logar. O inimigo acompanhava-o por terra, estabelecendo-se sempre a cavalleiro e em posições d'onde fazia danno sem o receber.

E a fome e a sede iam chegando ao extremo; comiam-se ratos, couros; agua, não havia; não se podia sair em terra. Peixe era o que valia; as cheias do Mandovy, que adocaram um pouco a agua, trouxeram uma salvacão.

Mas era impossivel passar assim o resto do inverno; Affonso de Albuquerque viu-o nitidamente; todos o viam como elle!

Não faltava já na gente baixa quem pensasse em desertar; Albuquerque redobrava por isso de vigilancia; um gallego, um asturiano e um portuguez fugiram uma noite a nado.

Informaram o Hidalgão do extremo da frota.

Em sentido contrario, recebia Albuquerque por João Machado a noticia de que o Sabaio ia mandar as balsas accesas, para lhe queimar as naus e a traz oitenta navios de remos para completa destruicao.

Albuquerque mandou preparar em cada nau uns tantos paus longos com que desviasse as armadilhas. Receberam novo recado — que se aprestava a armada para o ir atacar.

Por todos os motivos, via o grande governador a impossibilidade da salvacao, sem um acto extremo, desperado, salindo da defensiva, em que se ia dia a dia vendo aniquillado.

Reune o conselho; apresenta-lhe a sua ideia. Panguim causava grande danno: era preciso saltar em terra, ter mesmo uma retirada para um caso extremo. Pulatecão com os seus tres mil homens era uma barreira que era preciso destruir.

Extraordinario, sublime momento este!

A ideia é recebida com entusiasmo; não ha um voto em contrario!

Era a afirmação d'esta indole essencial, d'esta intima constructura da raça portugueza. Sofredores, doceis e até submissos; discolos, discordes e até insolentes, são ou podem ser tudo isso, nas circumstancias normaes, quando a vida, a honra e a fazenda não perigam.

Vede-os, experimentae-os, porém, nos solemnes momentos em que o sacrificio lhes é pedido!

Albuquerque distribue o serviço; todos escutam religiosamente.

D. Antonio de Noronha e Simão de Andrade, com cem homens, saltariam em terra pelo poente, junto da cidade e cahiriam de assalto sobre a força de Pulatecão; era um para trinta! Simão Martins, com alguns poucos soldados, formariam emboscada pelo norte entre Pula-

teção e a fortaleza, para embargar o passo d'aquele, se tentasse proteger esta. Combinados com estes, mandava uma galé e uma fusta muito perto de terra, para descarregarem sobre a gente de Pulatecão.

O assalto da fortaleza foi confiado a outros, todos os que podiam ir, salvante a indispensável guarda das naus.

Duas horas antes do amanhecer deu-se o assalto, como fôra combinado e com exito completo.

Pulatecão foi destroçado; a sua gente posfa em debandada; o forte entrado e saqueado. Artilharia, munições e mantimentos, tudo se carregou para um barco, que Diniz Fernandes, patrão da ribeira, para esse fim ali tinha com cincuenta homens.

* * *

Foi neste tempo o caso tão commenfado da execução de Ruy Dias.

Alfonso de Albuquerque foi informado de que se abusava da honra das mulheres que elle trouxera de Gôa para a frota; isto, mesmo na sua nau, onde as tinha com todo o resguardo.

Redobrou de vigilância; Ruy Dias foi preso em flagrante. Instaurou-lhe processo, mandou-o julgar.

Foi condenado à morte na forca.

Alguns capitães revoltaram-se; requereram, pediram o perdão; Albuquerque inflexível. Pediam ao menos que fosse degolado, attendendo à sua gerarchia; o mesmo. Insubordinaram-se. Albuquerque mandou-os prender e a execução fez-se, com todo o rigor e ostentação.

Tira-se d'ali grande força para demonstrar a残酷dade do governador.

Sentimentalismo!

Se lhe perdoasse, se deixasse impune este ato de violacão da lei, da offensa aos costumes, de falsificação da lealdade; os mesmos sentimentalistas tinham fundado direito para accusar Albuquerque de traidor, de verdugo da dignidade, violador da lei natural, que manda proteger a mulher, principalmente na sua honra.

Mandou por seu sobrinho relaxar a prisão dos defensores de Ruy Dias.

— Que não queriam; que iriam presos até o reino, onde levariam a el-rei a sua queixa.

Aproximava-se o tempo favoravel. O Hidalgo via fugir-lhe a sua presa e previa já as futuras consequencias.

Alem d'isso, recebia do interior a noticia alarmante de que o rei de Narsinga, com quem andava em guerra, quando viera accudir a Gôa, lhe apertava já os sens domínios.

Alfonso de Albuquerque estava d'isso informado pelo Machado fiel.

Tentou o Sabaio um ultimo esforço; aprontava oitenta paraus, bem esquipados, para accommelter a frota; Affonso de Albuquerque preveniu-lhe o intento; antecedeu-o.

Chamou seu sobrinho de quem mais confiava: — que tomasse bateis e gente e fosse lá ter com os paraus, enquanto ainda não estavam prontos.

A expedição foi d'um exito maravilhoso; ficaram escangalhados os paraus e desmoralizados os tripolantes.

Houve, porém, uma desgraça, maior do que a victoria.

O bravo D. Antonio de Noronha, o esforçado e leal companheiro de seu tio e um dos vultos mais sympathicos e estimados d'aquelle tempo, deixou alli a vida.

Apertado entre dois inimigos, o Hidalcão, desesperado de vencer Albuquerque, procurou por todos os meios fechar pazes com elle.

Repetiram-se as embaixadas sem resultado.

O Hidalcão prometia tudo; descia até condições que Albuquerque podia vantajosamente aceitar; mas pedia em troca a entrega de Timoja.

Era sobre elle que o Sabaio desejava cair, como seu inimigo, a cuja influência atribuia todo este mal. Albuquerque respondeu: — que propostas d'aquellas não se discutiam, porque homens de bem não tinham a coragem de as fazer.

O Timoja cada vez se escravisava mais ao seu leal amigo e protector.

* * *

Entretanto, os ventos amainavam.

Albuquerque, embora com algum risco, pôde mandar alguns barcos barra fôra, levar doentes a Anchédiva e d'ali a Cananor e trazer manjimentos; foi com elles o Timoja para a sua terra, d'onde mandou boa carga de comestíveis.

Voltava a alegria a todos; a esperança recuperava as forças.

Aos quinze de Agosto, sahira toda a armada em direcção a Cananor.

Fôra da barra, encontraram cinco velas irmãs das suas — quatro, vinham do reino, sob o commando de Diogo Mendes de Vasconcellos; dirigiam-se a Malaca, em ajuda da sua conquista; a quinta, voltava de Moçambique, onde invernará; pertencia á expedição de D. Fernando Coutinho.

Gonçalo de Sequeira sahira do reino n'este mesmo anno, com sete naus destinadas à carga.

Chegára a Cochim e, não encontrando o governador, veiu à sua procura.

Em Cananor se reuniram todos; os que vinham de Gôa e as duas esquadras.

Em Anchediva, tinha o governador apresentado em conselho as instruções de Diogo de Vasconcellos. Ordenava el-rei que Albuquerque completasse a sua expedição com o necessário e a fizesse seguir para Malaca.

Devia-se ir lá e deixar Gôa n'aquelle estado? podia-se tratar dos dois pontos ao mesmo tempo? havia recursos para tanto?

O conselho foi de opinião que se voltasse liquidar a tomada de Gôa e depois se preparasse a de Malaca.

Os capitães já iam vendo a importância de quem os commandava; o valor de sua opinião e a necessidade de sua presença para as circunstâncias graves. A campanha da invernada de Gôa tinha-os convencido. Diogo de Vasconcellos concordou.

Aprestou-se, pois, a expedição para Gôa.

Manda Albuquerque guardar Calicut por trez naus, para que d'este logar inimigo não fosse auxílio do Hidalgão e se fizesse ás naus de Meca que alli se dirigissem todo o mal possível; outras tres naus mandou ao corso na costa; outras tres mandou para a barra de Gôa, guardar-lhe a entrada.

Diogo de Vasconcellos, com a sua armada, mandou que cruzasse desde o cabo Delli até Baticalá, ainda com o mesmo fim.

Vigilava-se o inimigo; evitava-se o socorro de Goa; dava-se caça às naus de Meca que andavam na carga.

Por seu lado, Albuquerque regulou em Cochim todas as cousas do governo, em que entrou a suffocação d'uma revolta que o irmão do rei fizera para o destronar, e veiu caminho de Goa.

Em Onor, conferenciou com o infallível Timoja, combinando que elle fosse por terra, como da primeira vez.

Em Cananor, conferenciou com o rei e estreitaram mais a sua amizade. Ali recebeu uma embaixada do rei de Cambaia que lhe pedia que passasse n'um dos seus portos, para se encontrarem e firmarem pazes.

Emfim, com trinta e quatro velas, mil e quinhentos soldados e a esquadrilha do Timoja, entra no Mandovy, ancorando defronte do Bengamin, aos vinte de Novembro ainda do mesmo anno de 1510.

Dois dias, passou-os em estudos; o Hidaleão tinha dada nova ordem ás cousas e á defesa.

No dia vinte e quatro, assentou com seus capitães o plano do ataque, que ficou resolvido para o dia seguinte, ao amanhecer; era dia de Santa Catharina do Monte Sinai.

Foi a cidade accomettida por trez pontos simultaneamente por mil e trezentos assaltantes, distribuídos em trez pelotões; os restantes ficaram de guarda das naus, com ordem de deitar fogo aos barcos do inimigo, caso a cidade não fosse tomada.

Saltando na praia, dirigiram-se á trincheira que o Sabaio tinha mandado fazer na frente da cidade; depois de renhida luta, a gente que a guardava fugiu para dentro dos muros pela porta que se chamou de Santa Catharina.

De envolta com os que fugiam, chegavam alguns dos que os perseguiam que procuravam entrar tambem.

Os que estavam de dentro fecham a porta; um dos portugueses põe-lhe o ombro e interpõe uma chuça.

Chegam mais e mais; a porta, que não podia ser fechada, teve que ceder. A cidade foi entrada.

Affonso de Albuquerque entrou também, pela porta chamada dos Bachareis.

Uma vez de dentro e juntos os nossos, manda Albuquerque fechar todas as portas e dar em cima dos inimigos.

A's dez horas, Góa estava tomada.

Continua Affonso de Albuquerque o seu plano de conquista civilisadora. Raro era o dia em que se não fazia baptismo de rebeldes e casamento de soldado com conversa; e elle o padrinho, e fazia a despeza, e até bailava nas bodas. Depois dava terra aos afilhados e que fossem trabalhar e ter muitos filhos.

Lançavam os fundamentos de grandes e sumptuosos edifícios. A mesquita converteu-se em egreja e deu-se aos frades franciscanos, que a sagraram sob a invocação de S. Thomé.

Construiu-se logo bello templo, que ficou sendo a matriz, sob a invocação de Santa Catharina do Monte Sinai, que o conquistador tomou para padroeira.

Quasi diariamente, recebia o governador embaixadas dos rajahs indianos, com presentes, pedidos de aliança, felicitações; era a hegemonia portugueza que se estabelecia.

O commercio augmentava; as rendas, apesar do corte que levaram nas porcentagens, eram maiores.

Chovia o ouro em Góa, que se convertia n'uma magnifica corte, com todos os seus luxos e deslumbramentos do oriente.

A séde do governo fixava-se definitivamente ali, Deu a capitania a Rodrigo Rebello que estava em Cananor, deixou quatrocentos homens portuguezes de guarnição.

As *tanadarias* ou estações fiscaes, arrendou-as por cincuenta e dois mil pardaus, a um natural irmão do rei de Onor.

Tinha preparado, com o que achou em Gôa, uma boa armada, pronta e aprestada de tudo que era necessário.

Constou-lhe que o Grão Turco mandava segunda armada a encontrar-se com elle. Resolveu ir-lhe ao encontro com a sua.

Diogo Mendes de Vasconcellos voltou-lhe com o seu requerimento para ir a Malaca, segundo as ordens que trouxera do reino. Albuquerque ponderou-lhe como Malaca exigia maior força e maior pulso, segundo as informações de Djogo de Sequeira. Que viesse com elle ao golpho arabico e depois se trataria de Malaca.

Vasconcellos insistiu; Albuquerque não podia mudar de resolução. Decide-se a fugir-lhe à obediencia e uma noite saiu de Gôa.

Albuquerque mandou as galés e alguns bateis atraz d'elle; que lhe fizessem a intimação de voltar, e que, desobedecendo, o prendessem ou mettessem no fundo.

Alcançaram-n'o; fizeram-lhe a intimação; resistiu. Rodrigo Rebello, que levava a ordem, atirou sobre elle por alto; derrubou-lhe a verga grande. Obedeceu enfão; a sua nau foi entrada; mudou-se a guarnição.

Diogo Mendes e toda a sua gente entraram presos em Gôa. Albuquerque mandou instaurar processo com todas as formalidades.

Elle tinha publicado as suas ordens: — os capitães que desobedecessem a elles seriam degradados, perdendo seus bens; os mestres seriam enforcados.

Diogo Mendes e Pero Quaresma foram condenados a desterro para o reino nas primeiras naus, ficando em Gôa presos até a saída.

Jeronymo Carmiche, que alirou sobre as galés e bateis que o foram prender, foi condenado à morte; os pilotos e mestres da nau de Diogo Mendes, enforcados.

Esta justiça de Affonso de Albuquerque, assim firme, severa, suprema, incusia pavôr nos naturaes.

Comprehendiam que com aquele homem só havia um processo de viver — a exactidão, a ordem, a restricção e cega sujeição do dever.

Estava Gôa cheia de embaixadores. Os de Narsinga e de Cambaia ousaram interceder perante Albuquerque a favor dos condenados; foi magnanimo, comunitando as sentenças.

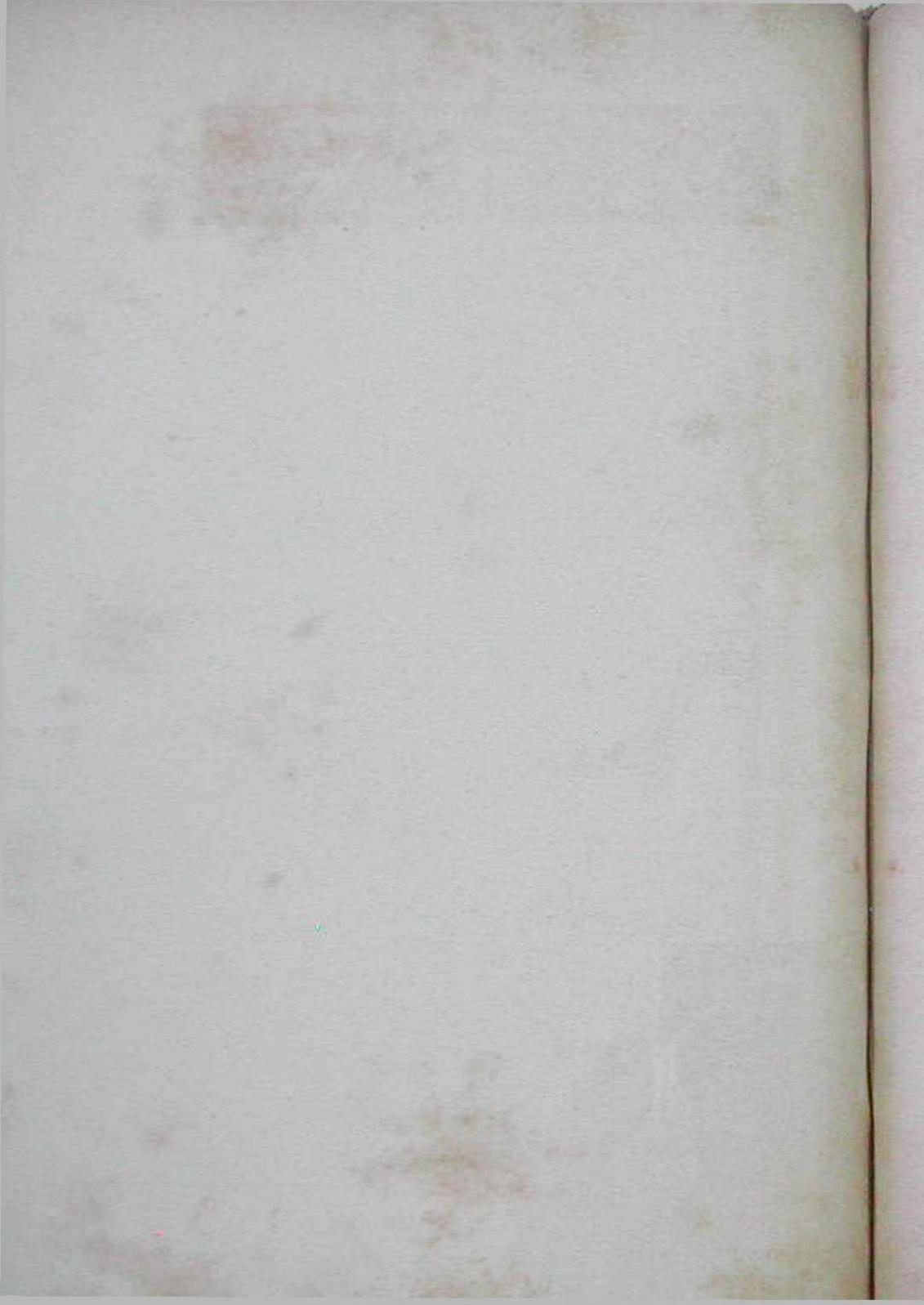
Precisava mostrar-se por todas as faces.

No fim de Março de 1511, saia de Gôa com as suas vinte e tres vélas, com destino ao golpho arabico. Sobreviveu-lhe, porém, tão forte temporal, que se julgou perdido.

Desse convencimento veiu a promessa que fez à Nossa Senhora da Serra de lhe edificar uma egreja, voto que cumpriu, tres annos depois.

Foi forçado a voltar a Gôa e, por opinião do seu conselho e informações dos pilotos, addion a expedição ao golpho arabico e preparou-se para a expedição a Malaca.







CAPITULO XXVII

Albuquerque; Malaca; descripção sumária da nova região. — Episódios de viagem. — Conquista; lutas; planos. — Continuação do método; poder material; fortalezas; poder moral; leis, costumes, religião. — Justiça implacável. — Volta a Cochim; socorro a Goa; posse definitiva. — Oman; obra acabada; jura cumprida; império do oriente unido, formado. — A recompensa e a morte.



ARA além do cabo Comorim, abre-se uma vasta e nova região.

A grande bacia do golpho de Bengala é não menos imponente, não menos rica, não menos adiantada do que a do golpho de Oman.

Havia, porém, n'aquelle tempo, grandes diferenças no povo das duas regiões.

Este novo povo era muito mais aguerrido, muito mais altivo, muito mais traíçoeiro. Diogo Lopes de Se-

queira o havia experimentado; faltou-lhe pouco para deixar lá a vida e toda a sua armada, pela traição dos Malaios; deixou prisioneiro parte dos seus.

De tudo informou Albuquerque.

O grande conquistador sabia sobejamente, antes de dobrar o cabo que separa os dois golphos, a dificuldade d'esta arrojada empreza: sabia quanto ella precisava da acção combinada do seu braço e da sua cabeça.

As tribus indigenas de que ainda ha vestígios no serlão, foram expulsas da costa pela invasão dos mongoes, vindos do norte e dos malaios, do oriente.

Os mouros foram os primeiros que lá chegaram, idos pelo mar e que já commerciavam as suas grandes riquezas, n'este tempo da conquista de Albuquerque.

Os perigos da navegação são maiores do que em parte alguma. Os malaios são principalmente piratas — os juncos e as pirogas, em numero prodigioso, invadem todos os cantos do recortado golphão; atacam em multidões tamanhas e são tão ferozes, que em pouco tempo dominam um grande e bem guarnecido navio.

Alfonso de Albuquerque ia informado e, como sabio e prudente capitão, caminhava resoluto, mas pre-cavido.

Perdo do cabo, encontrou cinco naus de mouros que vinham de Ceylão; tomou-as. Tocou na ilha de Pedir, onde encontrou um tal João Viegas, um dos captivos de Malaca, que conseguiu fugir.

Fez com o rei d'esta ilha bom trato de amisade e aliança mutua.

Em Pacem, a mesma cousa. Encontrou um juncos com trezentos mouros, tomou-o, ao cabo de renhido combate.

Nesse juncos encontrou um celebre Zeinal que fora sultão de Pacem, destronado pelo actual; ia para Malaca pedir auxilio ao seu poderoso rei.

Albuquerque, que não perdia nada que podesse convergir para o seu fim, prometeu-lhe que o restituíria ao seu throno, mediante condições de valor; era um bom guia para Malaca, era um grato aliado que ficaria em Pacem.

Adiante, agarrou trez juncos; pelos captivos, teve notícias certas do que se passava em Malaca; dos preparativos que se faziam, da força que havia, em terra e mar.

No dia 1º de Julho de 1511, de velas abertas, bandeiras nos topes, e ao som medonho dos canhões, surgia Albuquerque no porto da activa cidade, centro de grande commercio oriental.

No mar, era enorme o numero de navios que estavam em trafego, vindos de diversas nações circumvisinhas, em maior numero da China.

Assustaram-se, pozeram-se ao largo. Albuquerque fez-lhes saber que podiam confiar n'elle, se estavam dispostos a recebel-o como amigo; que só trazia a guerra a quem já lh'a fizera ou lh'a pretendesse fazer.

O resultado foi de grande vantagem. Os navios voltaram; os seus capitães visitaram Albuquerque e prestaram-lhe valiosas informações sobre o estado das coisas e os preparativos do rei.

—Que elle, logo que áquellas paragens chegaram as notícias da conquista de Gôa, que tinha assombrado todo o Oriente, começara a preparar-se para a guerra e resistencia á invasão, que tinha como certa; que, nesse sentido, fizera vir gente de toda a parte, que armada se achava na cidade e pelas aldeias vizinhas; que, não tendo navios, quizera aprehender os estrangeiros, que se achavam em commercio nas suas aguas. Que, assim,

lhe pediam protecção e salvo conducto para se irem ao seu destino; que, muito aggravados pelos vexames d'este rei despotico, o tinham a elle Albuquerque na conta d'um anjo vingador e estariam prontos a ajudal-o no que d'elles dependesse.

* * *

No dia seguinte ao da chegada, mandou o rei cumprimentar Albuquerque por um mouro seu principal, com palavras brandas, submissas.

— Que, se queriam fazendas, el-rei lh'as dava á vontade.

Era a sonda.

Albuquerque, laconico, incisivo :

— Vinha alli por cauza do passado com Diogo Lopes; a fazenda que queria já, antes de nada, era uma que tinham roubado ao capitão portuguez: uns subditos de seu rei que alli lhe captivaram; viensem esses para bôrdo e depois se diria o mais que convinha.

O mensageiro levou o recado e a noticia do que vira.

O rei, sobre quem pesava mais o perigo, estava logo disposto á entrega; mas o principe é um tal rei de Pam, que se achava na corte, insullavam-lhe a revolta e a guerra.

Albuquerque comprehendeu a cauza da delonga; enrou em acção.

Soltou todos os navios estrangeiros, que estavam presos para serviço de Malaca, communicando-lhes que eram livres de ficar ou sahir; queimou todos os que pertenciam á cidade.

Isto bastou para convencer o perfido rei; mandou logo os prisioneiros e o seu pedido de paz.

Pelos resgatados, completava Albuquerque os seus conhecimentos.

— A paz seria concedida e assignada, mediante immediata licença para a edificação d'uma fortaleza e a indemnisação de todos os danos e despezas das duas expedições que alli vieram; resposta breve, por que estava com pressa.

Resposta nenhuma; o príncipe e o rei de Pam não deixavam o assustado rei fazer o que desejava.

Na vespresa de Santiago, Albuquerque dirige-se para terra com os seus bateis; ao som medonho das trombetas, gritos da gente animada á guerra e á vingança e o troar dos canhões, que das naus despejavam metralha na cidade.

Esta cidade era dividida por um rio; uma ponte sobre elle ligava as duas partes ou bairros, junto da praia. Estava a ponte coberta de gente que a defendia; Albuquerque em pessoa dirige o ataque.

Ao cabo de feroz resistencia, a ponte é abandonada; uns fugiram, outros deitavam-se ao rio, onde eram mortos pelos que estavam em baixo.

Em terra a carnificina é grande.

O rei, montado no seu soberbo elephante, corre para o lado da mesquita; é perseguido e quasi apanhado com elephante e tudo.

A primeira apparição d'estes colossos produziu horrivel impressão nos soldados portuguezes. O rei vinha na frente, dentro d'un castello, collocado em cima do bicho; atraç outros e outros.

Dos castellos choviam as setas e setas envenenadas, terríveis; cada ferida, cada morte.

Era um espectáculo novo e feio; diga-se a verdade.

Dois mais ousados saltam à frente da besta do rei e, cada um do seu lado, enterram-lhe as lanças nos ilhargas! O elephante, ferido, apavora-se; cospe fóra o seu guia (o cornaca) faz movimentos desordenados e assustadores. O rei conhece o perigo; pula do castello e bate em fuga para a mesquita. O bicho, fúlo, raivoso, volta-se, atira-se aos companheiros, dando-lhes o aviso do perigo e lá vão todos em fuga acelerada.

Era noite, a cidade, bem varejada de artilharia, cheia de mortos e de pavor, estava nas mãos de Albuquerque!

Mas o cansaço; os mortos, os feridos, a fome; os perigos d'uma noite, passada em terra desconhecida?!

Quisera ficar, mas o poder mais eloquente da prudência ordenava a retirada.

Vêm-se dormir ás naus, reparando-se todas as perdas.

Volto-se dias depois e d'esta vez completou-se a obra.

A cidade foi tomada, saqueada; o rei com a sua comitiva e o que pôde levar fugiu, de noite, para o sertão, rio acima.

Acharam-se tres mil canhões grossos; eram oito mil, os que havia.

O rei tinha já retirado os outros.

Em Bintam, para onde fora, organisaram-se fortificações e lá estavam as munições que poderam levar-se.

Mandou Albuquerque um troço contra Rintam; e com os portuguezes um celebre jão, chamado Ultimiraia, que tinha cubicas vistas de vingança do rei que detestava e da aliança com Albuquerque de quem contava receber boa paga.

O reducto foi tomado; o rei, vencido, foge para Pam, onde morreu.

Albuquerque dá começo á celebre fortaleza, que deixou acabada e bem guarnecida.

Procede exactamente como em Gôa; era um methodo, grandioso methodo, de conquistar, dominando pela justiça, pelo respeito, pelo exemplo.

Cunhou moeda, com os nomes de — dinheiros, soldos, catholicos e malaquezes; promulgou leis que garantiam os costumes, religião e privilegios dos naturaes, bem como os seus interesses de commercio.

Convidava todos a que voltassem ás suas casas e terras e vida ordinaria.

Chamava para os cargos publicos muitos d'esses, que voltavam confiantes, collocar-se debaixo d'un governo muito mais humano, justo, do que era o do despótico sultão.

Edificou-se a egreja de Nossa Senhora da Annuncação, para o culto dos nossos e dos naturaes, que a catechese ia convencendo.

Ao cabo d'un mez, Malaca estava verdadeira e realmente conquistada; não tanto pelo medo das armas, como pela consciencia da superioridade moral dos conquistadores.

* * *

Teve Albuquerque necessidade de mostrar aos naturaes todas as faces do seu caracter.

Ultimofaria conseguira o governo interno da cidade, em paga dos seus serviços e satisfação da sua desmesurada cobiça. Era um traidor; intrigava, sublevava, urdia na sombra a perda dos portuguezes e a usurpação de todo o poder.

Era com Albuquerque o que fôra com o decahido sultão, o que são sempre, em toda a parte, os homens d'aquella qualidade.

Albuquerque soube-o; metteu-se nas malhas da conspiração; conheceu-lhe todos os meandros; collecionou provas; preparou-se.

A sua justiça severa, inquebrantável, mas leal logica, evidente, ia aparecer pela primeira vez aos olhos dos que estavam acostumados à descripção, absoluta, despotica da vontade d'um homem.

Mandou instaurar processo, abrir devassa, reunir provas e sentenciar.

Ultimofaria foi condenado à morte com alguns de seus cúmplices; a sentença foi publicada em toda a cidade.

A familia do cabecilha mandou propôr a Albuquerque a liberdade do condemnado, pezando-o a ouro.

O grande e alívio conquistador respondeu: — que, para portuguezes, a justiça não tinha preço, nem era mercadoria.

Levantou-se a força; tomaram-se todas as precauções e a execução fez-se com todo o ruido e apparato.

O povo applaudiu; fez também o seu julgamento; conhecia as firmas pelos antigos efeitos das suas maldades; bateu palmas.

A fama voava; por toda a parte se estabelecia o respeito, a força moral.

Choviam as embaixadas dos reinos vizinhos que todos pediam paz, alianças, prometiam vassalagem e tributo. Tal qual como em Goa.

O famigerado rei de Siam, o de Java, o de Campar; estes e outros e todos, vinham submissos, acolher-se ao indomável pendão das vencedoras armas.

Fizeram-se diversas excursões por mar: as Molucas e Banda foram descobertas e senhoreadas, dando-se inicio ao seu riquíssimo commercio do cravo, da noz moscada, gommas e outras valiosas especiarias.

Finalmente, ordenadas todas as cousas, como convinha ao governo de tão vasta conquista, resolve Albuquerque a sua volta ao Malabar, cuja situação grandemente lhe inquietava o espirito.

As possessões deixara-as pouco amparadas, pela muita força que precisava levar á Malaca.

O que succederia em Goa? Voltaria o Hidalcão? Viria a annunciada armada dos Rumes? Teriam chegado reforços do reino? E os seus capitães e logartinentes conservar-se-iam firmes?

Eram tudo perguntas que se impunham e cujas respostas não sabia dar.

Voltou de facto, com tres naus apenas, deixando as outras a Fernão Peres de Andrade que ficava investido no posto de capitão dos mares de Bengala e defesa de Malaca; Ruy de Brito com o governo da fortaleza.

Trazia grandes riquezas; ricos vinham todos; ficar el-rei, a quem se destinava a maior porção.

Para elle e ainda assim apenas para a guarda do seu tumulo, Albuquerque trazia apenas seis grandes leões de bronze magnificos.

Sobreveiu-lhe um terrível temporal perto da ilha de Sumatra. A sua grande nau, a *Flor-de-la-Mar*, a heroica capitanea de Diu, deu sobre uma pedra; abriu pelo meio; ia se subcar. Fez signal á outra, a Trindade, que lhe accudisse.

Demorava-se o socorro; podia não vir.

Salto n'uma jangada, foi para bôrdo d'esta.

Os companheiros, vendo-o sahir, receiaram por si; mostraram-lhe a atribulação do seu abando.

— Que confiassem n'ele, que sabia quanto valiam e por isso os ia salvar.

De facto, achou na Trindade pouca disposição para o perigoso socorro: era certa a sua previsão, bem precisa a sua autoridade.

Todas as vidas foram salvas e a nau foi ao fundo, levando lhesouros de inestimável valor; nada se salvou da carga. No dia 1º de Fevereiro, arribava a Cochim.

* * *

Era tempo.

O Hidaleão aproveitara-se da sua ausência; cobrára coragem e esperanças. Pulatecão viera por terra outra vez até Benastary, pela região de Pondá. Passára o rio, invadira a ilha; marchava sobre a cidade.

Vem-lhe o valente Rodrigo Rebello ao encontro, e é morto em combate.

Lavra o panico em Goa; o povo subleva-se. Não confia no novo capitão da fortaleza, Pantoja, o alcaide, a quem o logar tocava por direito.

Acclama Diogo de Vasconcellos que alli ficára preso.

Em Cochim, sabe Albuquerque d'este aperto de Goa e não trazia forças para lhe accudir.

Felizmente, chegara do reino seu sobrinho D. Garcia de Noronha, com uma armada.

Toda a Índia, sabedora do que se passava em Goa, mexia-se, espreitava o ensejo de levantar a cabeça.

A chegada do grande homem acommoda-o.

Mandou adiante as suas ordens — que seguisse Manel de Lacerda, a tomar o commando da fortaleza e da cidade e entregasse a capitania do mar a Duarte de Mello.

Apenas se acha em estado, vae elle em pessoa.

Diogo Mendes fora desastrado, no pouco tempo de seu commando; por alli se poderia julgar o que lhe sucederia em Malaca, se Albuquerque lhe deferisse o requerimento ou lhe não frustasse a desobediencia.

Os dois generaes do Hidalgão, que dirigiam o ataque de Goa, guerreavam-se á morte. Diogo Mendes de Vasconcellos, longe de tirar todo o partido d'esta divisão do inimigo, caiu nas mãos d'uma das facções.

Recebeu Rosalcão na sua intimidade, dando-lhe força para destruir Pulatecão. Apenas se vín servido, reuniu Rosalcão todas as forças para combater os nossos.

Em vez de manter o inimigo separado e destruí-lo, Diogo de Vasconcellos reuniu-o em ruina propria.

Com a chegada de Albuquerque e suas salutares providencias, todo o perigo foi conjurado. Benastary foi retomado, o inimigo expulso da ilha e Goa restituída á sua vida normal.

Rosalcão foi obrigado a capitular; permitiu-lhe Albuquerque a sahida e retirada com todos os seus soldados naturaes, sem outra cousa, mais que a roupa que vestissem.

Alguns portuguezes, porém, tinham abandonado a sua sagrada bandeira, disertado para Rosalcão; estavam dentro de Benastary.

Essez, Albuquerque exigiu que lhe fossem entregues. Accedeu Rosalão, com tanto que se lhes pouasse a vida; foi concedido.

Devia de ser solemne este desfilar dos renegados em frente do leal português!

Cumpriu, como sempre, a palavra dada. Não os matou; mandou-lhes cortas as orelhas e narizes, imprimindo-lhes a indelelel marca de traidores.

Camillo Castello Branco, que não era sentimentalista, mas um tyrano muito mais perigoso do que Albuquerque, fira d'este facto e do outro igual de Calayate, a força impulsoria com que cobriu de injurias o venerando vulto do conquistador oriental.

Se Albuquerque traz estes homens para Gôa em triunpho, vai com elles á egreja ouvir o solemne *Te-Deum* e depois lhes distribue os principaes cargos do governo das conquistas, aposto que o nosso primo-rosa e sabio escriptor esvasiava o seu inexgotável lexicon em louvores a Albuquerque!

Quando Gôa se via assim completamente desembaraçada do inimigo, entrando na vida pacifica do seu feliz progresso, chega do reino a ordem de D. Manuel ao governador, de a abandonar, como insustentavel e prejudicial!

Tanto tinham já conseguido, no espirito mesquinho d'este rei, as pequenas intrigas contra o seu maior e mais leal servidor!

Albuquerque não cumpriu a ordem.

Escreveu ao rei, refutando uma a uma as objecções, mostrando largamente o presente e o futuro da capital; a sua importancia por todos os lados.

A ordem foi revogada, o que motivou aquelle celebre dito do grande homem: — «que mais mercê devia a si-rei D. Manuel por lhe defender Gôa dos portuguezes, que pela tomar duas vezes aos turcos.»

O poder, o respeito, a força moral de Albuquerque enchiham a Ásia, escoavam-se pela Europa; ninguem os discutia nem confrariava.

O altivo Samorim, o terrivel imperador do Malabar, curvou finalmente a cabeça, sujeitando-a ao cutilo de Albuquerque; pediu-lhe pazes incondicionaes; aceitava tudo que lhe fosse exigido!

* * *

Que faltava ainda a Alfonso de Albuquerque, para remate da sua vida de incomparavel gloria e explendor do paiz e da raça a que pertencia!?

Ah! sim! era Ormuz...

Passou as mãos pelas barbas brancas, intonsas, que havia mais de trez annos crescliam e quasi chegavam ao joelho.

Recordou-se era uma jura.

Fôra uma obra começada e interrompida. Recor-dava-se bem; era então subalterno. Fôra das suas façanhas a que lhe abrira a alma; façanha, onde pela vez primeira desenhára, concretisára o seu sonho.

Envenenaram-lhe o seu ideal! Fôra ali onde recebera a primeira mordedura d'uma cobra terrivel, mais venenosa que o cascavel, que a capello!

Era esse atroz veneno que elle presentia coando-se nas veias portuguezas, envenenando o sangue dos heróes, narcotisando uma raça, despedagando a maior das nações do mundo!

Deixaram-no só, fugiram e a conquista ficou por fazer.

E depois vieram as infrigas, sordidas, vis, pequenas. Sobre elas se alevantará o ódio do primeiro vice-rei; o seu captiveiro de Cananor, a ruína total do império portuguez do Oriente que alli estivera a eclipsar-se! E as malversações com el-rei e tantas e tamanhas lutas, mil vezes piores do que as que se resolviam com a espada!

Afóra o misero futuro que já vinha perto e que porventura se lhe denunciava, quando volvia as mãos febris e nervosas no feixe das intonas barbas.

Recordava-se era uma jura que fizera; alli, diante da cidade que chegara a ter nas mãos e lhe fugira pela perfídia dos seus, jurara o alívio conquistador de nunca mais cortar as barbas, enquanto não volvesse a sujeitá-la de todo.

Ormuz reconhece, é certo, a vassalagem a Portugal que Affonso de Albuquerque lhe impôz; paga-lhe o triângulo ajustado. Mas continua de pé, altiva, não consentindo em seu solo uma pisada portugueza.

O golpho arabico é livre ainda; o pavilhão do grão-tureo tremula altivo por todo elle.

Ahi se desenha o que falta à integração d'esta grandiosa obra.

* * *

Com vinte vélas bem armadas e municiadas, gente escolhida, portuguezes e malabares, sae Albuquerque de Goa, em 18 de Fevereiro de 1513.

Dirigiu-se, em primeiro logar, a Aden, cuja cidade D. Manuel muito lhe recommendava que tomasse.

Ficava a cidade dentro da costa da Arabia Feliz; defendida por altos muros, bem guarnecidida de artilharia e de mouros.

Tentou Albuquerque a escalada; nada conseguiu. Chegaram a subir nos muros; as escadas partiram-se; uns cahiram, outros pelejaram, sem possibilidade de victoria.

Percorreu todo o golpho arabico, de velas desfraldadas e bandeiras nos topes; sem que houvesse dos turcos quem ouzasse sahir-lhe ao encontro!

Tomou e saqueou algumas nans, ilhas e povoações e, com varios incidentes de menos monta, esperou os morsões da volta.

A proa do sultão do Cairo, do tal *cutello do mundo*, que, por palavras, fazia tremer as estrelas, devia estar bem abatida!

Em Agosto voltou á India, passando em Diu, onde havia que fazer.

Lá estava o perfido Melique-Az.

Este homem era tão astuto, tão velhaco, que Affonso de Albuquerque, apesar de todo o desejo que tinha de lhe dar uma lição, não ponde abrir luta.

Curvou-se tanto, condescendeu, rogou, sophismou por forma, que nem deu tudo que se exigia, nem se expoz á sorte da guerra.

Affonso de Albuquerque queria edificar a fortaleza, não se oppoz, mas motivou que a licença não podia ser definitiva, sem ouvir o rei de Cambaia.

Tributo e homenagem, como se requeria.

Ficou lá uma feitoria com gente de guarda, e mais tarde se edificou a fortaleza, com o consentimento do rei de Cambaia.

Conseguiu-se tudo sem guerra, o que, como se sabe, agradava a Albuquerque.

De Melique-Az dizia o grande conquistador: — « que nunca viu homem mais palaciano, nem mais capaz de enganar um mestre, deixando-o ainda muito satisfeito depois de enganado. »

* * *

No dia 21 de Fevereiro de 1515, depois de ter ordenado tudo que convinha à guarda de tamanhas e tão afastadas possessões, fez-se enfim de vela para Ormuz, com vinte e sete naus, mil e quinhentos homens portuguezes e seiscentos soldados das colônias.

Surgiu no porto da formosa cidade do golfo persico, aos 27 de Março.

O joven rei Ceifadim fora envenenado; Cojeatar tinha morrido. Torunga, irmão de Ceifadim, subira ao throno, dirigido e governado absolutamente por Raix-Hamed, um homem valente e sagaz, não inferior a Cojeatar.

Albuquerque requereu a entrega da fortaleza que tinha começado, de acordo com o tratado feito com Ceifadim. Raix-Hamed, na impossibilidade de reagir pela força, curvou-se.

Fez-se a entrega, com toda a solemnidade e no meio das mais calorosas demonstrações de jubilo.

Trocaram-se presentes, de parte a parte, e juras de perpetua amizade.

A fortaleza foi logo continuada e Affonso de Albuquerque, com os seus capitães, foram-se alojar n'umas casas vizinhas, aguardando a conclusão.

* * *

Torunga subira ao trono apóz o envenenamento do irmão, Raix-Nordin, aguazil da cidade, fora o autor d'esta conjuração.

Senhor do governo, pela influencia que tinha em Torunga, chamou para junto d'este o sobrinho Raix-Hamed.

Este foi pouco a pouco absorvendo o poder, servindo-se do rei seu tio como instrumento passivo da sua dominação.

Torunga andava sempre vigiado por pessoas de confiança de Raix-Hamed; vivia preso. Raix-Nordin continuava no cargo de aguazil, mas também vigiado e reduzido á passividade pelo sobrinho.

Raix-Nordin conferenciou secretamente com Albuquerque: expoz-lhe esta situação e pediu-lhe que livrasse d'ella o rei e elle, que eram dois escravos do despotismo do ardiloso sobrinho.

Por seu lado, Torunga fez o mesmo pedido.

Alfonso de Albuquerque, metido no enredo, senhor da alta-política de Ormuz, foi, muito secretamente, tomando as suas medidas e preparando o terreno para uma solução clara e definitiva.

Soube que Raix-Hamed conspirava contra elle, procurando todos os meios de o perder; via que com este homem era impossível a conquista completa e boa do reino de Ormuz.

De combinação com Torunga e Raix-Nordin, foi decretada a morte do despota.

Pedi Albuquerque ao rei e a Raix-Hamed uma entrevista, onde ajustassem de viva voz os negócios das coroas. Combinou-se o logar, dia e hora, bem como o regimento que devia seguir-se.

Seria a entrevista no Madraçal, a casa junto das obras, onde residia a gente portugueza.

Foi assentado que o rei e Albuquerque seriam acompanhados cada um de seu pagem, conduzindo o seu respetivo terçado; que todos que fossem nas duas comitivas iriam desarmados; que os homens d'armas da guarda dos dois conferentes ficariam de lóra, esperando.

• •

Na noite precedente á entrevista, Albuquerque foi secretamente a terra conferenciar com seus capitães; contou-lhes o seu plano de assassinar Raix-Hamed.

Deviam, para isso, levar punhaes escondidos, prevenindo-se contra as más tenções do despota que tomaria as mesmas cautellas.

Chegou a hora. Albuquerque esperava dentro da casa cercado pelos seus. A comitiva do rei chegou.

Os guardas, apenas entraram o rei, Raix-Nordim e Raix-Hamed, fecharam as portas, não dando ingresso a mais ninguém; d'isso fora encarregado D. Garcia de Noronha que guardava a entrada com cincocentos homens. Os outros capitães que estavam pela praia, deviam acudir á porta, logo que ouvissem um tiro de bombarda.

Raix-Hamed presentiu o plano. Subiu precipitadamente a escada, com a espada á cinta.

O guarda avisou-o de que não podia ir armado, segundo o ajustado; elle, allivamente—que a ordem não se enfreadia com elle.

O persa, como a fera que se presente na armadilha, corria desatinado, grifando, dando ordens, deixando já ouvir palavras soltas de *traição, cobardia*. Alexandre de Mayde, que era o guarda, foi-o conduzindo pelo braço até junto de Albuquerque.

Deu-lhe este a ordem para entregar as armas; elle resoluto levou a mão ao alfange. Houve um momento sinistro: o persa deitou a mão a Albuquerque; accedem os companheiros.

Matae-o — diz o conquistador.

Foi crivado de punhaladas.

Subiu o rei e o seu velho amigo. Fóra, havia molim e berraria: — que malavam o rei e o aguinal.

Alfonso de Albuquerque, de mãos dadas com o rei, apareceu no terraço. Torunga falou na sua língua ás multidões: — que estava vivo, são e salvo do tyranno que o trazia escravizado, não lhe deixando fazer a felicidade do seu povo que elle estremecia.

O povo pulava de contente; batia palmas e corria em festas pela cidade afém.

• •

A fortaleza acaba-se; Alfonso de Albuquerque governa desassombrado; leis novas e as mesmas de Góa e Madaca, chamam Ormuz á unidade d'este imperio colossal que estava emfim completa; o rei era um automa, um instrumento docil da vontade de ferro do grande conquistador.

Cançado, velho, enfermo, mas com a sua obra genial completa, com o seu nome escripto em toda a parte d'esse velusto continente e a gloria e o nome de seu paiz alevantados acima de todos os cémos, Alfonso de Albuquerque regressava á sua cidade predilecta.

Alli, esperaria emfim a morte, que não viria longe; recebendo nos ultimos momentos, como maior e unica paga de tanto lida, o reflexo amoroso do respeito que todos lhe tributavam.

Triste desilusão o esperava, porém, ao cabo da sua gloriosa romagem.

Em Dju, teve a notícia de que lhe era retirado o governo, para o entregar... a quem? A Lopo Soares de Albergaria, que chegava do reino o seu mais encarniçado inimigo, que vinha cercado de quantos tinham ido a Lisboa queixar-se de Albuquerque e do seu governo!

De tudo o accusaram perante o rei e o rei a todas as accusações deu ouvidos!

Que nadava em ouro e pedrarias; que a sua corte era mais brillante, magnificente que a da metrópole; e Albuquerque morria pobre!

Que elle ia decretar a independencia dos vastos dominios conquistados; servia-se da força real exclusivamente em seu proveito, em satisfação da sua insaciável ambição; e Albuquerque nem uma vez deixara, ainda nos momentos mais solemnes, de confessar a sua lealdade e sujeição ao seu rei de quem era vassalo e servidor!

A dor profunda, lancinante, assassina, roubou-lhe o ultimo alento.

Seguiu ainda para Gôa, aonde desejava ir morrer; era uma consolação de moribundo, uma saudade que queria apagar.

Na noite precedente ao triste desfecho, pegou da pena e escreveu ao seu rei era o seu assassino, mas era o seu rei.

— «Senhor! Escrevo a Vossa Alteza com soluços que é signal de morte. Nesses reinos tenho um filho, peço-lhe que m'o faça grande como meus serviços merecem os quaes lhe eu fiz com minha servicial condição, pelo que a elle mando que sob pena de minha benção, vol-o requieira; e quanto ás coisas da India, ellas fallarão por si e por mim.»

E esta carta desde já fallava claro per quem a escrevia; era a confissão d'um moribundo, d'uma alma nimicamente crente.

Fallava à historia, com os olhos em Deus. Não pôde ser fingida. Pois, laconica como é, dava aos seus accusadores uma resposta cabal. Lembra os seus serviços feitos com muito serviço! condição, certifica que elle nunca pensava em ser um usurpador.

As suas celebres palavras, ao saber da sua substituição pelo seu inimigo: — «Deus seja louvado, mal com os homens por amor d'el-rei, mal com el-rei por amor dos homens» — são uma outra prova da sua inconscusa lealdade.



No dia 15 de Dezembro de 1515, avisinha-se de Gôa, e o grande homem via tambem que a vida lhe chegava ao desenlace.

Mandou adiante um bergantim, chamar o seu velho amigo, pae espiritual, seu confessor, frei Domingos, vigario geral de Gôa.

Ao anôitecer estavam juntos na barra; passaram a noite em sagradas praticas, com a assistencia de Pero de Alpoim, que foi o testamenteiro.

Rompiu o dia 16 de Dezembro de 1515 e o sol da vida luminosa, que fulgura eternamente na memoria da humanidade, principiava a resplandecer para este homem extraordinario.







CAPITULO FINAL

Julgo do auetor; sua opinião sincera e franca.— Analyse desapixonada do passado; crença no futuro.— Necessidade absoluta; União e Fúrga.— Restauração real.



UAS palavras mais; a opinião muito firme, muito sentida, d'um patriota, que ainda não perdeu a esperança do renascimento do antigo brilho.

Sessenta e cinco annos depois de Albuquerque, a Hespanha de Filipe II conquistou-nos. Não é este o termo. Filipe II achou-nos na rua, sem dono, sem casa, sem abrigo; fez-nos a esmola de tomar conta de nós. Fôra o estado a que nos reduziram os erros de trez reinados.

D. Manuel, a sua família, a sua corte, esbanjaram sem termo; quanto vinha das colónias era pouco para a illimitada despesa; era ainda preciso recorrer ao imposto.

Reduciu a metrópole à miseria.

Expulsou os judeus, isto é, uma das maiores riquezas do reino; as caixas económicas que salvaram a coroa nos maiores apuros. Os mais leves, mais dedicados servidores eram perseguidos e maltratados; as altas posições obtinham-se pela intriga e pela adulação.

O resultado é que a honra, apanágio dos antigos conquistadores e vassalos, ia fugindo envergonhada, na frente da simonía desbragada, cynica.

A lista dos servidores, depois de Albuquerque, governadores, vice-reis, capifícias das possessões, é mais um rol de reus de polícia do que uma galeria de heróes. As mesmas excepções, como D. João de Castro, Nuno da Cunha, Vasco da Gama, têm mais brilho pela relatividade com a época do que o têm em absoluto.

D. João III, com o seu fanatismo bocal, estúpido, cruel, apertou mais a corda da forca. Se o venerando vulto de Francisco Xavier consegue um explendido momento de respeito, reverte este por inteiro em favor da doutrina que elle evangelisava; nada, para a garantia da dominação temporal.

A fogueira, a tortura, em completa negação do evangelho de Albuquerque, rouba-nos a alma do gentio.

O nome português, que o conquistador de Gôa, Malaca e Ormuz conseguira ver venerado em todo o Oriente, era agora e cada vez mais execrado.

Foi essa execração uma das chaves que abriu as Indias Orientaes á Hollanda, á Inglaterra; a Hespanha, ou antes Filipe II, forjou as outras, como vamos dizer.

D. Sebastião completou esta obra com o epílogo.

Era um aventureiro, imprevidente, ilógico, irquieto. Alcacer-Quibir não é somente um destino, tem a lógica da necessidade.

• • •

A expansão colonial tinha sido demasiado; a metrópole não a comportava.

Em Portugal, ainda que o problema da colonização não fora nunca estudado seriamente, descobrem-se entretanto os vestígios de diversas escolas práticas.

O zelo pela fé e a exploração material acompanham a conquista como causas, em todos os períodos; os meios, os processos é que são vários.

A fortaleza, como centro de força material, é uma ideia de João II, do grande rei; a catechese do gentio pela fé pura, intransigente, começa em D. Henrique, vaga, metaphysica; torna-se real, positiva, no grande rei; e modifica-se científica e logicamente com Albuquerque e com a dilatação das conquistas.

Em quanto estas se limitavam à costa africana, era possível a formula da selecção intraneigente de João II; quando abraçavam o mundo extra-europeu e comprehendiam povos não menos intransigentes nas suas crenças, era impossível.

A catechese religiosa não chegava para se conseguir a assimilação necessária; a metrópole não tinha gente bastante para fornecer à colónia, segundo as suas necessidades.

Foi essa a nítida comprehensão de Albuquerque e que o levou à sabia modificação do processo, respeitando a religião do gentio, fixando o princípio da liberdade de cultos, pondo os cultos dos naturaes em confronto com o christianismo.

A catechese pela justiça, pela garantia de todos os direitos, pelo auxílio mutuo, era muito mais productivo, muito mais rápido.

D. Francisco de Almeida, talvez porque presencisse os tristes efeitos da dilatação colonial, tinha outra ideia: era outra escola. Nem fortalezas, nem posse de terra.

Monopolio comercial e este garantido pelo domínio dos mares.

Esta outra formula exigia uma população fluctuante, militante, que a metropole não podia fornecer e um estado permanente de guerra e de guerra terrível; com os elementos e com os rivais.

A França, a Holanda, a Inglaterra, a Dinamarca eram já nações marítimas; a pirateria, principalmente da França, infestava o Atlântico.

Portugal já no tempo de João II, se via seriamente incomodado por ella. Esta posse, este monopolio marítimo, não seria fácil, tranquillo, nem duradouro.

Ora, a população da metropole era, em 1527, de 1 326 mil almas e decrescia rapidamente!

Rebelo da Silva calcula e bem em oito mil pessoas as que saiam annualmente pelo porto de Lisboa para as colônias, no seculo XVI!

No reino, as perseguições religiosas, as fomes, as pestes e por cima de tudo a ambição de rápidas fortunas, modificavam essencialmente a índole, a aspiração, a vida moral d'esta raça.

O ideal perdeu-se, materialisou-se no goso e no luxo; um povo sem ideal é um duende, uma sombra.

A escola de D. Francisco de Almeida não foi seguida; a de Albuquerque foi estragada.

Estas duas escolas definem as duas espécies de colônias—*de exploração, de população.*

A Hollanda, paiz pequeno como o nosso, depois de algumas hesitações, adoptou francamente a primeira formula, com uma modificação sabia e importante.

Em vez da exploração directa, oficial, transferiu todos os direitos aos particulares, reservando-se o grande beneficio indirecto do enriquecimento geral do paiz. As companhias das Indias Orientaes e das Indias Occidentaes chegaram a distribuir dividendos de noventa e cinco por cento.

A Inglaterra adoptou francamente a segunda escola, mas tal qual a formara Albuquerque, e como a myopia de D. Manuel, de D. João III e de D. Sebastião não poderam vel-a e comprehendê-la.

Na apreciação historica da colonização ingleza, podemos nós ver hoje o que seria Portugal, se a ideia do grande conquistador tivesse sido seguida.

Quando ouvimos essa grita, infelizmente tão repetida e tão generalizada, contra a Inglaterra que se accusa de nos ter roubado, de se ter enriquecido à nossa custa, lembra-nos sempre este roubo que ella nos fez da grande ideia de Albuquerque, como sendo o maior de todos, a cauza primaria dos outros.

Ella, apropriando a grande luz que nós repelimos, obteve os explendidos resultados que nós engeitámos.

• • •

Tinhamos decaido muito, agonisavamos, quando veiu a dominação de Filipe II. Entretanto, a maior, a principal decadência era a da metropole.

As nossas colónias estavam-nos todas seguras, as fortalezas bem guarnecidias; os mares, para além do

cabo, eram nossos; não conheciam nem respeitavam outro domínio. Tinhamos o monopólio do farto comércio de todo o oriente.

Os nossos erros tinham sido grandes, mas em paralelo com elle: possuímos ainda as grandes e essenciais qualidades da nossa raça.

Num momento para outro poderia vir o remedio, a cura, o renascimento, sairia da propria analyse da nossa deplorável situação.

A Espanha roubou-nos totalmente essa esperança, afirmando-nos de si de nós, agora atados de pés e mãos e esmordacados, ao pégo revolto de insaciáveis ambições, ao incêndio inextinguível de odios implacáveis.

Tirante os mouros, com quem ainda cruzavamos as armas, vivíamos em paz com todo o mundo.

A Europa respeitava-nos e confraternisava com nosco em interesses.

A Holanda e a Inglaterra principalmente. Com estas duas nações negociavamo em alta escala. Nós trazímos da India, elles negociavam pela Europa.

Davam-se bem, enriqueciam assim; não pensavam sequer em nos expor no nosso direito, em offendere o nosso monopólio. Eramos aliados, amigos.

A dominação hespanhola mudou completamente esta forma de equilíbrio.

Filipe II renascia a formula imperialista de Carlos V, mas juntando-lhe a unidade religiosa do christianismo ortodoxo, papal. O momento era improprio. A Reforma achava-se em plena força de propaganda; não cedia um passo e estava decidida ao martyrio. A Holanda e a Inglaterra eram os dois centros principaes da nova doutrina.

Nestes dois países se refugiavam os perseguidos; os judeus, os christãos novos que poderam escapar ás

ogueiras dos inquisidores peninsulares, iam enriquecer estes dois estados.

Filipe II fechou os portos da península ao comércio da Holanda e da Inglaterra. Em Lisboa foram tomados cinqüenta navios hollandezes que estavam em carga.

O resultado, directo, imediato, foi que estes dois países trataram de ir aonde nós íamos, buscar o que nos buscavam: a extinção do nosso monopólio colonial, o último passo da nossa ruína.

Um tal Cornelio Hautmann, hollandez, que estava preso em Espanha por não ter com que pagar uma multa, escreveu aos seus patrícios que, se lhe pagassem o que devia e lhe dessem bares, iria à Índia ensinar o caminho e o comércio.

Dito e feito.

Seguiu em 1595, com quatro navios, armados por negociantes que se constituiram em sociedade. Voltou em 1597, com todos os ensinamentos.

No anno seguinte, fez-se a primeira expedição comercial, com exito total; foi às Molucas e veio bem carregada.

Multiplicaram-se as empresas, todas particulares, e uniram-se e uniformisaram-se, com a intervenção do governo. Formou-se a poderosa Companhia das Índias Orientais.

A Inglaterra foi nos mesmos águas. Eram aliadas naturaes; fora a Espanha quem as unira.

Estabeleceram entre si um *modus-vivendi*. Dividiram a conquista; a Holanda pelo sul, a Inglaterra pelo norte. No fundo, uma estreita aliança contra o inimigo comum — politicamente era a Espanha, commercialmente eramos nós.

E, entretanto, (sublime lição!) apesar de todas as nossas desgraças, da traição da Espanha, da perda da

adorada independencia e da pobreza que dia a dia chegava ao extremo, a nossa gloriosa bandeira ainda tremilava no cimo de todas as nossas fortalezas, dentro delas ainda havia peitos illustres lusitanos que juraram morrer, antes que aquella signa fosse arrancada d'ali!

* *

Perdemos Ormuz!

Fora a chave da sublime abobada do imperio de Albuquerque; quem diria que havia de ser a primeira a ruir nos escombros de tão colossal construção?

A Persia conservava-se fiel as allianças tradicionaes. Divinisara Albuquerque; com elle celebrára tratados solemnes. O schan chorara a morte do seu aliado, do seu amigo.

Esta alliança ligava-se a um dos mais geniaes pensamentos de Albuquerque que foi mais tarde conhecido em todo o mundo. Assentaram de ir á conquista do Egypto; expulsar o grão-tureo da Arabia, por ventura da Asia, por ventura da Africa. O problema da unidade christã teve alli talvez a sua mais genial concepção: bem diferente da sanguinaria ideia de João III, de Filipe II.

O tão ambicionado resgate dos logares sagrados esteve alli na vespera da realidade, que as cruzadas, que a civilisação christã occidental, não alcançaram.

Fôra o melhor producto das viagens de Albuquerque pelo golpho Arabico.

A Abyssinia entrava no ajuste: o celebrado reino do Preste estava achado. Governava-o n'aquelle tempo uma mulher, a rainha Helena. Esta mandára a D. Manuel

embaixadores com uma carta, em que lhe revelava o plano e lhe pedia a execução:

* para o que nós vos daremos muita gente que esteja no estreito de Meca, Bel, Almameg, ou para os enviardes á India ou ao Tigr, e fazer desterrar estes mouros de sobre a face da terra, e nós iremos por terra e vós por mar, que nós somos poderosos pela terra, para que as offertas que se apresentam ao sepulchro santo não se deem mais a comer aos cães - dizia a carta.

Albuquerque amadurecera o plano; dera-lhe todas as cōrēs. Pensara na reducção material do Egypto, desviando a corrente do Nilo para a Abyssinia. Era perfurar certas montanhas

Chegou a pedir a D. Manuel que lhe mandasse homens da ilha da Madeira, que eram muito empenhados em obras d'esta natureza. O Egypto, sem o seu Nilo, ficaria uma charneca, a continuação do deserto. Em Portugal não faltou quem se risse a bandeiras despregadas d'esta chimera de Albuquerque; era um doido.

Sabe-se que, na expedição ao Egypto, Bonaparte levava no seu estado-maior homens de sciencia; os melhores que tinha a França.

Estes homens verificaram localmente o plano de Albuquerque e ficaram maravilhados; não se tiraram a bandeiras despregadas. Andreossy, general do sequito científico de Napoleão, especialista, estudou-o, fez sobre elle um relatorio ao imperador, com um extraordinario elogio.

A comissão que foi estudar o plano de Lesseps, da perfuração do istamo de Suez, teve tambem occasião e necessidade de rever as ideias de Albuquerque e verificar a sua importancia.

O nome do grande governador aparece nos relatórios destes grandes estados, cercado d'uma admiração, bem diversa das gargalhadas portuguezas do seculo XVI. Veiu isto a propósito da perda de Ormuz.

A Persia, ainda embalada na tradição, vendo-se ameaçada no seu comércio pelo Turco, seu velho inimigo, recorreu aos antigos tratados e pediu auxílio a Portugal; isto é, à Espanha, que nos governava então.

Estamos no tempo de Filipe IV de lá, terceiro de cí e em pleno regimen da chancellaria do decantado conde-duque de Olivares.

Este recusou o auxílio e a aliança.

A Inglaterra apresentou-se, tomando o nosso abandonado lugar. Foi a sua primeira aliança política no oriente; aliança de grande valor, de grande alcance.

Quem ouzará censurar a Inglaterra? Quem lhe abriu a ella mais esta porta do domínio oriental?

Como aliada, a Inglaterra cruzava todo o golfo persico, defendendo o comércio da nação amiga.

O conde-duque de Olivares sabendo-o, inflamou-se. Mandou uma armada para aquellas paragens, em perseguição dos navios inglezes; mandou edificar a fortaleza de Quixombe, para proteger Ormuz, que podia ser incomodada.

Agora a Persia offendeu-se. Não a protegímos; engeitavamos a sua aliança e estorvavamos o seu comércio, perseguindo quem lho defendia. Naturalmente aguilhoadas pela Inglaterra, declarou-nos a guerra.

Quixombe foi bloqueada; Ruy Freire de Andrade, seu capitão, praticou actos de inexcedível bravura; mas Quixombe foi rendida e Ormuz seguiu a sua sorte.

A vista do extraordinario sucesso da Companhia das Indias Orientaes, formou-se na Hollanda uma outra, nos mesmos moldes, para explorar o commerce das nossas possessões da Africa e da America; foi a das Indias Occidentaes. Tinha um capital accionario de sete milhões e duzentos mil florins.

O processo, porém, tinha que ser outro. No oriente não precisavam de nos conquistar as nossas posições; ancoravam perto de nós e negociavam. Faziam-nos a concurrencia com toda a vantagem, porque o genio os preferia, e era elle quem trazia a mercadoria ao resgate.

Desse lado, era preciso saltar em terra e procurar a riqueza; mesmo extorquirl-a pela força.

O negro era, foi sempre, ainda é hoje, nosso amigo; é essa a principal razão do nosso domínio africano; o indio americano não tinha commerce que valesse. Era preciso, pois, disputar-nos a posse do territorio e assim o fizeram.

A Bahia foi tomada em 1624; Pernamboco em 1630. Na costa occidental da Africa, tomaram-nos Gabão, Lopo Gonçalves, Fernando Pô, Rio d'El-rei; o Castello de S. Jorge de Mina. Fundaram a colonia de Nassau.

Em conclusão: em 1640, quando recobravamos heroicamente a nossa independencia, estávamos completamente arruinados; o balanço accusava a fallencia.

Na India, materialmente, territorialmente, tínhamos perdido apenas Ormuz no norte e as Molucas no sul. Mas o nosso domínio era, poneo mais ou menos o que é hoje — uma sombra e uma tradição.

Na Africa, ao oriente, fora-se Mombasa que era a chave do nosso domínio; ao occidente, perdermos a maior parte da Guiné; ao norte, estávamos reduzidos ás trez praças de Ceuta, Tanger e Mazagão.



D'aqui em diante, a nossa decadência é uma consequência lógica do estado a que nos reduziu a nossa vizinha Espanha.

Ainda temos feito muito, aguentando-nos; muito fizemos, reconquistando o Brasil que estava nas mãos dos franceses e dos hollandezes; muito fizemos, seguindo o nosso prestígio na África e o domínio direto de extensas regiões que vamos arrolcando, civilizando, explorando como podemos.

Em todo o caso, senão com grande lucro material, ao menos com a mesma honra, com o mesmo brilho, do velho e sempre digno renome portuguez.

O nosso corpo decompunha-se; a Inglaterra engordava:—*corruptio unius est generatio alterius*. Lei natural, nada mais.

Reconhecer e respeitar essa lei é o nosso dever; declamar, como tem sido a nossa vida de quasi tres séculos, é supinamente tolo.

Quando vemos o fidalgo arruinado e inane, ao lado do burguez laborioso: este, enriquecendo na faina do trabalho, mourejando na luta pela vida, aquelle, contemplando em extase as rendas do seu velusto castello, aprisco de aves nocturnas, e acordando para o movimento, apenas para gritar que o roubaram, e o insultaram e lhe faltaram ao respeito tradicional: nós devemos admirar o burguez honrado e laborioso e rirmo-nos com dó do triste fidalgo.

E tal é a nossa situação em frente da Inglaterra.

A Inglaterra não rouba ninguém; negocia com todo o mundo. Não anda de trabuco ou de punhal; anda com dinheiro na bolsa e carregador atraç. Não força ninguém, contrata. Não espera pela sorte; pelo acaso; não compra bilhetes de loterias. Estabeleceu nitidamente a equação da riqueza em função do trabalho e do tempo.

A sua lei tem uma convergência essencialmente económica.

A historia do mundo vai-lhe dando cada dia mais razão; o momento actual é um triunfo completo da politica utilitaria da Inglaterra.

Que nos roubou? Quando? Aonde? Se fazemos um analyse miúdo, facto por facto, reconhecemos que ella tem hoje nas suas mãos muita coisa que foi nossa, mas tudo com um título de propriedade.

Se não compraram com dinheiro, compraram em e-pecie equivalente. Sabe-se que a doutrina económica da Inglaterra reduz a dinheiro todas as valorizações, todas as representações de esforço ou de trabalho.

Bombaim e Tanger? O dote da filha de D. João IV que casou com Carlos II de Inglaterra? Lance-se no Deye, mas credite-se-lhe no Haver o reconhecimento da independencia de Portugal, que ninguém nos queria fazer, que a Hespanha, por preço não inferior, nos andava a estorvar.

E veja-se bem o que eram, o que valiam estes dois dominios nossos em 1661.

O Sr. José de Arriaga, um dos maiores anglofobos que ha no mundo, referindo-se a esta epoca e aos insultos de Carlos I, de Cromwel e Carlos II, não pode esquivar-se a confessar que ficaram impunes — «porque nos achavamos envolvidos em muitas guerras e porque estávamos abatidos pelo domínio de 60 anos da nossa vizinha.»

Tanger valia tanto, que a mesma Inglaterra o abandonou. D. João III já tinha dado a prova do valor das possessões da África septentrional, abandonando-as quasi todas.

D. Sebastião reconquistou Arzila; pretendeu fazer o imperio da África mediterranea; deixou lá o reino de seus avos.

Bombaim era uma ilha insignificante, quasi deserta, de nullo valor nas nossas mãos.

Valia muito para os ingleses porque elles e só elles a podiam valorizar. Naquelle tempo, a Inglaterra, em qualquer ponto onde assentasse a sua barraca perto de nós, chamava a si todos os interesses da região. Bombaim em pouco tempo tornou-se o centro do Malabar, e Goa, a ultiça cidade de Albuquerque, reduziu-se a um montão de ruínas.

Nós não demos Singapura à Inglaterra. Singapura era um areal deserto, no sul de Malaca. Os ingleses fizeram d'este areal a primeira cidade d'aquella região e Malaca, ao seu lado, o Goa ao pé de Bombaim.

Também foi um roubo ou uma usurpação. Singapura?

* * *

Muitos e sinceros patriotas só veem a salvação de Portugal, na sua alliance com Hespanha. Nos momentos mais aflictivos e mais excitados, esse grito stridula num e n'outro paiz; um e outro julgam estar nesse nó a mutua delivrança dos maiores aperlos.

Este livro, simples, modesto, despretcioso como é, só sae da sua humildade, para responder a esse grito, com a autoridade d'uma consciência puritana e d'um zelo patriótico inexcedivel, como a formal e eloquente negativa—nunca! Aos poucos, em diversos logares, por diversos modos, fica por ali esta firme, inabalável resposta do auctor—nunca!

Com a Hespanha, todas as melhores relações de coriezia, de cavalheirosa delicadeza; acabem os ódios anfígos e tradicionaes, demonstrações d'uma materiali-

zação da incompatibilidade real, mas forma também incompatível com a cultura e a modelação da nossa época. Relações d'outra ordem, sejam quais forem, desde que se refiram a transacções sobre a vida política dos dois países—nenhuma.

Que somos vizinhos, que a mesma geographia nos une, o mesmo céu nos allumia, os mesmos ventos nos bafejam; que, formada a grande nação ibérica, iriam ao congresso político da Europa, com um valor extraordinário; que a força de resistência e desconfiança com que nos mantemos, uma em frente da outra, é que nos rouba, nos neutraliza, grande parte do nosso poder.

Bellos díitos! explendidas dissertações byzantinas!

Tem dois enormes defeitos, que poderemos mesmo appellidar de erros—um lógico, outro histórico.

Pela federação ou pela unidade, a independência nunca mais seria uma realidade. Para que fossem aqueles os benefícios da agregação, era indispensável que a opinião, que o julgamento fosse um só e havia de sair d'um todo que nós não poderíamos ter a pretenção de dirigir, de predispor. Este o defeito lógico.

O facto da agregação deu-se; realisou-se; teve a continuidade efectiva de sessenta anos. Portugal saiu desse facto e na real afirmação d'ele, esmagado, perdido de força material e, ainda peior, arruinado até na sua força moral; a Espanha por seu lado, não ganhou nada com a realização desta sua ambição histórica. Se nós choramos, ao compararmos o reino de D. João IV com o de D. João II, a Espanha não põe luminárias, comparando-se em Filipe IV e Fernando e Izabel.

Ao passo que a synthese política de 1493 formou um reino e deu vida, calor, harmonia ao todo e a cada uma das suas partes; facto análogo ao que se pro-

dozio n'este seculo e aos nossos olhos, na Italia de Victor Manuel; a annexação, fusão, federação de Portugal e da Hespanha, fosse no seculo XVI, fosse no actual, só daria o que já deu, o que dará sempre—a ruina das duas nações.

Quando dois ou mais paizes, duas ou mais raças, duas ou mais bandeiras, querem estabelecer uma vida commun para a conquista d'un mesmo ideal, que seja mesmo a garantia individual de cada uma, a primeira coisa que fazem, hoje que a sciencia social tem uma realidade, a primeira coisa que fazem, é olhar para o mappa geographicó, dar uma vista pelas fronteiras de cada uma, medir a distancia dos pontos mais proximos d'umas ás outras dessas fronteiras. Formam-se, com estas cantellas triplices ou duplas, multiplas allianças.

A triplice alliança da França, Inglaterra e Hespanha, que manteve por largo tempo, nas mãos de Napoleão III, o celebre equilibrio europeu; a, tambem triplice, da Alemanha, Austria e Italia, que sucedeu aquella com a hegemonia politica, centralizada pela macnopia de Bismark; a dupla alliança da França e da Russia, que vae ser a sucessora d'esta, na mão poderosa do tzar: são allianças poderosas; hybridas, lhes chamam muitos naturaes lhes chamamos nós.

Há na chimica uma perfeita representação d'esta naturalidade: a affinidade reune moleculas heterogeneas e produz um todo inteiramente heterogeneo, diferente, de cada elemento componente.

Quando as nações, raças ou bandeiras, são limi-trophes, a sua alliança tambem pode ser natural, mas chama-se uma fusão. A força que une as moleculas similares forma um corpo unico, homogeneo em toda a sua superficie, em todos os seus mais intimos e mais afastados logares: chama-se cohesão, essa força,

• • •

Esta língua, que tem todos os encantos, que traduz as mais insignificantes diferenças do pensamento; que é tão doce a protestar juras de amor, como sábia e nárcia quando chama à guerra; impressionista, sugestiva na expressão artística, mascula, profunda na afirmação cerebral; esta língua, que tem uma lógica de constructura que nenhuma outra possue; esta língua com que se traçaram monumentos tão bellos, tão magestosos; esta língua não pôde morrer, nem pôde ser desterrada da terra que lhe foi berço!

Roubae-lhe o azul do céu, a amenidade do clima, a belleza recortada das suas plagas, a ondulação caprichosa dos montes, o matiz dos vergeis, e a contemplação religiosa do passado e a veneração mystica dos monumentos, e dizei depois o que ficará d'essa luz que nos alumia a nós, refractada por Camões, por Herculano e Garret, por João de Deus e Camillo, Oliveira Martins e Junqueiro?

Esta raça, que tem em si tamanhas condições de vida, porque é das mais robustas e sãs, prolífica e acilhável; esta raça, que tão cedo, tão rapidamente, tão fortemente, conseguiu a sua unidade, homogeneidade; esta raça que mais do que outra qualquer possue as primeiras e essenciais qualidades de resistencia económica, porque trabalha e poupa, ao mesmo tempo que dignifica todos os deveres, sem exceção d'um só; esta raça, que tem um passado incomparável e que, no meio dos seus maiores erros, não perdeu nunca a consciencia moral da honra e do respeito a esse passado; esta raça que, pobre e abatida em relação a esse passado,

possue ainda faltos tesouros que enriquecem as outras raças; esta raça não pôde morrer!

Esta nacionalidade, criada com afectos e dedicações sublimes de que não ha melhores exemplos; esta nacionalidade, tão heroicamente defendida em todos os transes, e tantos e tamanhos transes por que tem passado; esta nacionalidade não pôde morrer!

E língua e raça e nação, era o cordeiro que seria fatalmente imolado n'essa aliança, fossem quais fossem os termos e as restrições com que ella fosse decretada!

Alianças com Espanha, nunca!

Dizem ouros, e são também patriotas os que falam assim,—que somos uma nação pequena; não podemos ter vida própria, na moderna definição política das grandes nacionalidades; que a resistência apenas demorará a solução infallível, cerceando-lhe cada dia mais as vantagens.

Se, de facto, nos medirmos pelo território da nossa metrópole, somos uma nação pequena; se, porém, nos julgarmos pela relacionação da nossa existência social, com esse território, não somos pequenos, somos ínfimos, somos pauperrímos!

A Inglaterra, com uma extensão territorial europeia de 300.000 quilometros quadrados, possue uma população que caminha para 40 milhões de habitantes.

Portugal, numa superficie de mais de 90 mil quilometros quadrados, ou seja proximamente um terço da Inglaterra, tem n'essa superficie menos de cinco milhões de habitantes, quer dizer menos de metade da população relativa d'aquella nação!

Porque? Porque a raça é menos prolífica? a terra menos rica? o clima menos favorável? o meio de menos attractivos?

E porque a nossa educação physica, intellectual e civica e moral é muito inferior à da Inglaterra, e já agor, porque escondeu-o? inferior à da generalidade dos outros paizes da Europa.

Por baixo d'uma instrução scientifica luxuosa, grande, invejável, modelo até, a instrução popular é pobre e mal distribuída; a nossa instrução profissional e artística quasi nulla.

A maioria do nosso povo não sabe ler; a forma natural da nossa arte é uma expansão livre, espontânea, da grande força estética que possuímos, não o producto d'uma cultura racional e methodizada pela escola.

E entretanto, nós que não sabemos ler, ensinamos a ler o mundo inteiro, dando ao mundo a crystallização sublime do methodo simples, lógico, claro, rápido e sobretudo fácil, espontâneo, quasi annullador de todo o velho e terrível e esmagador trabalho dos outros methodos!

A esta falta de cultura essencial d'un povo viril e forte, sobrepõe-se uma ambição desmesurada, uma sede insaciável de aventuras, de riquezas, de reflexos bons da felicidade alheia conquistada pelo trabalho próprio, embora pelo preço dos mais agros sacrifícios, das mais cruéis provações.

E lá vamos pelo mundo além, nas azas d'este ideal vetusto, d'este ideal caduco, deste ideal mortífero; não somos um povo europeu, somos um povo cosmopolita, emigrante.

A terra que deixamos, liga-nos o cordão umbilical do sentimento; mas o laço mais forte, mais racional, mais productivo, a ligação pela intelligência, pela constituição da associação mecanica, efectiva do trabalho,

do lucro, do interesse material, esse laço, não o quebramos, porque não chegamos a formal-o,

E assim, seja qual for o grau de cultura a que chegarmos na terra para onde vamos, por maior que seja a fortuna material que amontoarmos, estrangeiros como saímos, assim ficamos para sempre á vida activa, real, effectiva, económica da pátria. Volvemos sim, e de continuo, a ella: sempre pelo sentimento, o único laço existente. Quando lhe fazemos bem, damos-lhe uma esmola! o nosso beneficio real é um opprobio!

Comparemos.

O inglez tambem emigra. Sae da sua terra com orgulho de ser seu filho. Conhece-a sufficientemente, para nem se dar ao trabalho de fazer comparações. Esteja onde estiver, é estrangeiro e a terra onde vive é sempre inferior á sua terra. O inglez, se não fosse inglez, queria sel-o. Quando sae é um homem feito, educado, maior. Lê, escreve, conta; sabe um pouco da sua historia, da sua geographia, tem uma arte, um ofício, uma profissão.

Na terra alheia, em geral, ensina; não vai aprender.

E essa arte, e esse ofício e essa profissão, exerce-as dignamente; com tanto zelo como orgulho.

Estas qualidades são naturalmente aliadas.

* * *

O nosso renascimento já agora não pôde operar-se, sem a acção combinada de todas as forças que possuímos; as que existem na metropole e as que o vento da nossa fortuna traz dissimiladas pelo mundo.

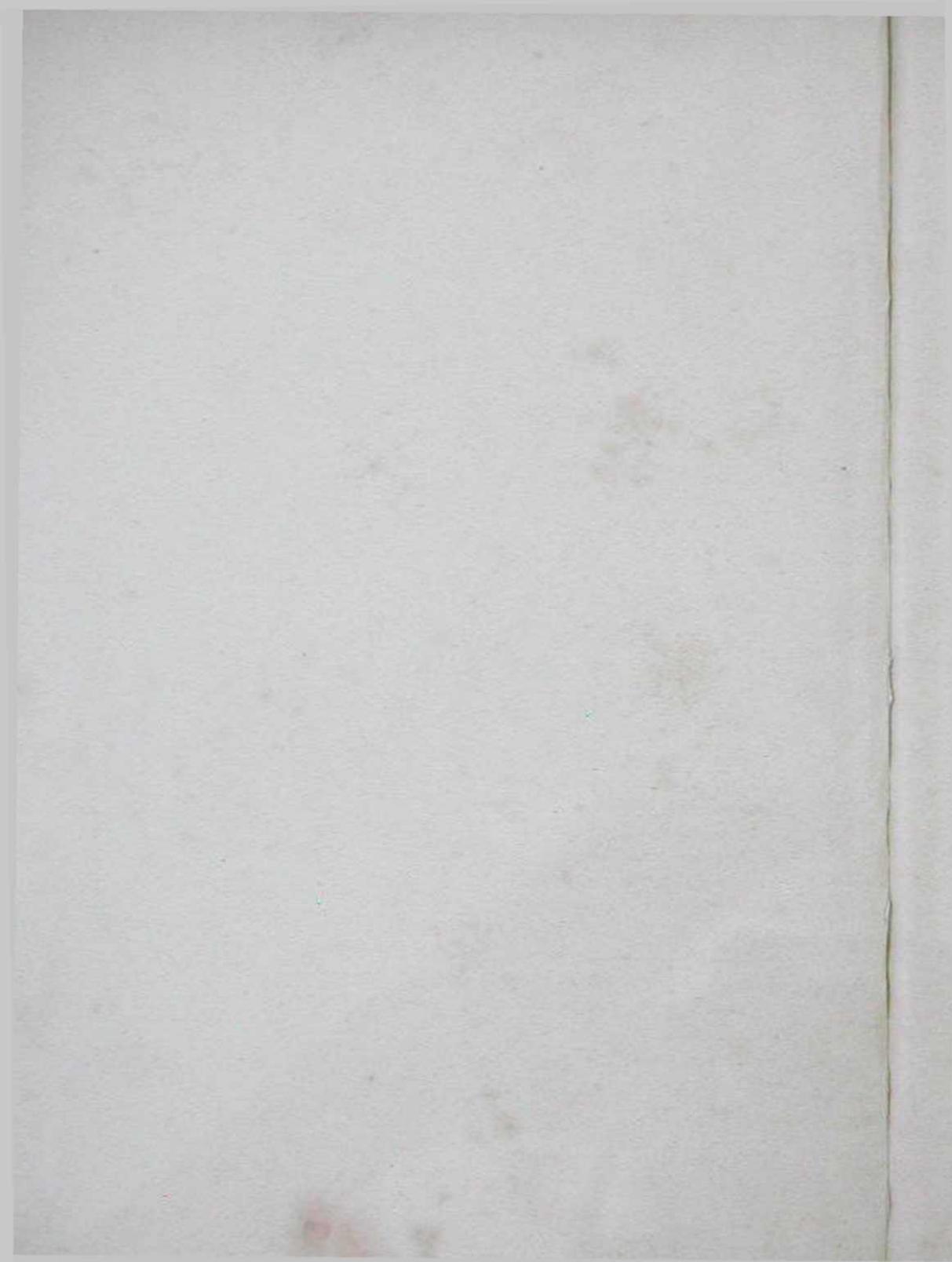
Unil-as, integral-as, é a primeira necessidade. Problema difícil certamente, mas não impossível; hoje mais facil do que hontem.

Unamo-nos, pois, estudemos maduramente, de boa vontade, de boa harmonia, o problema da nossa regeneração. Assentemos nesse estudo o nosso novo e bem delimitado ideia; arvoremos a santa bandeira onde esse ideia esteja escrito com a alma acessa em amor patrio, em orgulho nacional.

E assim, em volta desse symbolo sagrado, veremos todos surgir, allivo como oultr'ora, magestoso e nobre como sempre, o vulto egregio de Portugal.



FIM DA TERCEIRA E ULTIMA PARTE



NOTAS FUGAZES

SEGUNDO VOLUME

Pag. 51.

Barros, e com elle a maior parte dos historiadores, afirma que D. Henrique se dirigiu ao papa Martinho V, depois da volta de Álvaro Gonçalves e Nuno Tristão, isto é, por 1440 ou 1441.

Parce haver equívoco, Martinho V morreu em 1431; por outro lado, Azurara transcreve a bulha, que começa: — *Eugenius episcopus sexens et coram Reg, etc.* (Chronica da Guiné, cap. XV, pag. 90). Parce necessário concluir que, ou D. Henrique se dirigiu a Roma, antes de 1431 e a Martinho V, não obtendo resposta, ou por 1441 e a Eugenio IV, que lhe deu.

Entretanto, o Visconde de Santarém nota a passagem de Azurara com a transcrição de Barros; põe em evidência a oposição e não conclui.

Carece o ponto de averiguações mais detidas; é a razão porque não contradizemos Barros.

• • •

Pag. 71.

Barros assinala a morte do infante D. Henrique o anno de 1403; por muito tempo se reproduziu essa data. Azurara, como se sabe, não alude à época.

D. Luís Caetano de Souza transferiu-a para 1460, tomando como base uma doação feita por Afonso V, com a data de 3 de Dezembro de 1460, onde fala em: — *H. Henrique, meu tio, que Deus lheja.* (H. G. vol. 2º, pags. III e 112). Adoptou-se, por isso e geralmente, a data que seguimos, apesar para irmos de acordo com a maioria.

Mas não faltam documentos para opor a esta e que deslocam o falecimento para mais tarde. Entre elles, os de Henrique Henriques de Noronha; a declaração de Cadamosto de que eslivera com o infante até a sua morte e que deixaria Portugal em 1493. Por ultimo, um documento de alto valor: uma carta excripta pelo infante a Mafumede, desafiando-o, com a data de 1462. (Panorama, n. 172, pag. 259).

Também não é lúcido o ponto, como se vê.

TERCEIRO VOLUME

Pág. 50.

A darmos confiança à letra das narrativas de Duarte Pacheco Pereira, no *Esmeraldo*, de situações o Brasil teria sido conhecido em 1498, por expedição portuguesa de que faria parte o mesmo Pacheco.

Andrade Corvo a isso se inclina, (*Roteiro de Lisboa a Goa*, por D. João de Castro, note a pag. 98).

Carreço o ponto de amplas explorações.

Pacheco escreveu o *Esmeraldo* em 1503, segundo Inocêncio; naturalmente na volta da Índia com Lopo Soares; cinco anos depois da viagem de Cabral. Falar em *pau brasil* em 1503, embora na descrição de viagem de 1498, não concorre para esta prioridade, porque o nome já era corrente.



CORREÇÕES PRINCIPAES

SEGUNDO VOLUME

Pag. 78 — Iulha 73 — estranho por — estranho
,, 145 — , 21 — de Souza por — da Silva